

DO COLECTIVO PARA O PARTICULAR

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO EM TRÊS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DE COIMBRA



Pedro Miguel de Sá Queirós

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Orientada pelo Professor Catedrático José António Bandeirinha e pela Arquitecta Carolina Coelho

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Departamento de Arquitetura

Junho . 2017

DO COLECTIVO PARA O PARTICULAR

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO EM TRÊS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DE COIMBRA

A presente dissertação segue o Antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e as citações encontram-se referenciadas segundo as normas da APA.

A todos os que contribuíram para a realização deste trabalho;

à Professora Carolina Coelho e ao Professor José António
Bandeirinha pela orientação;

aos arquitectos Aires Mateus, Carlos Martins, Elisiário Miranda
e Paula Santos por disponibilizarem os desenhos dos casos de
estudo;

à arquitecta Desirée Pedro por disponibilizar as memórias
descritivas dos casos de estudo através do Anozero - Bienal de
Arte Contemporânea de Coimbra;

aos meus amigos, sobretudo aos da mancão;

aos meus irmãos;

à Cátia;

e fundamentalmente, aos meus pais, a quem dedico este trabalho,

um sincero obrigado.

RESUMO

A presente dissertação tem por objectivo aprofundar o modo como o espaço da habitação colectiva relaciona diferentes níveis de intimidade ou partilha, promovendo usos particulares e colectivos.

Através do programa das Residências de Estudantes da Universidade de Coimbra, o estudo propõe reflectir sobre a influência do espaço nas vivências dos estudantes, nas relações que estabelecem dentro da habitação com a comunidade universitária.

Assim, reconhece-se as relações interpessoais que inserem o estudante na comunidade universitária e por considerar-se que as relações estão marcadas pelas tradições, ritos ou hábitos, contextualiza-se o alojamento estudantil na cidade de Coimbra. Realça-se a conjugação de espaços que constroem o programa das Residências Universitárias, estabelecendo o contacto e a transição entre o carácter colectivo e o particular. É nestes diferentes níveis de pluralidade no uso, ou graus de colectividade, que o estudo, através de casos de estudo representativos, reflecte sobre as variáveis do espaço que provocam transformações nas vivências e na integração das diferentes relações interpessoais do estudante universitário na habitação.

A interpretação e reconhecimento do ambiente das Residências Universitárias que resulta da apropriação dos estudantes, fazem-se através das actividades, relações e vivências que ocorrem em cada espaço, reflectindo sobre os momentos de projecto e experimentação nos casos de estudo, colocando assim, o Homem no centro da compreensão das acções do espaço.

Palavras chave: Colectivo; Particular; Residências de Estudantes; Relações; Apropriação.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to explore how the collective housing space relates different levels of intimacy or sharing, promoting individual and collective uses.

Through the Student Residencies Program of the University of Coimbra, the study proposes to reflect on the influence of space on students' experiences in the relationships they establish within the housing with the university community.

Thus, it is recognized the interpersonal relations that insert the student in the university community and because it is considered that the relations are marked by the traditions, rites or habits, the student accommodation in the city of Coimbra is contextualized. The study highlights the articulation of the spaces build by the University Residencies Program, promoting contact and transition between the private and the collective features. It is at these different levels of plurality of use, or degrees of collective appropriation, that the study, through representative case studies, reflects on the variables of the space that generate transformations in the experiences and the integration of the different interpersonal relations of the university student in the dwelling.

The interpretation and recognition of the environment of the University Residences that results from the appropriation of the students, are made through the activities, relationships and experiences that occur in each space, reflecting on the project moments and experimentation of the case studies, thus placing the Man In the center of the understanding of the influences of space.

Key words: Collective; Individual; Students Residences; Relationships; Appropriation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 11
I. PERCEPÇÃO	
<i>Do Colectivo ao Particular</i>	p. 21
O caso das Residências Universitárias de Coimbra	p. 27
II. IDENTIDADE	
<i>A Cidade e a Universidade</i>	p. 39
<i>O Alojamento Estudantil</i>	p. 43
<i>As Repúblicas Coimbrãs</i>	p. 53
<i>As Residências de Estudantes</i>	p. 63
<i>Entre a República Coimbrã e a Residência de Estudantes</i>	p. 71
III. APROPRIAÇÃO	
<i>A Forma</i>	p. 79
Residência Universitária Pólo II-1	p. 83
Residência Universitária Pólo II-2	p. 87
Residência Universitária Pólo III	p. 95
<i>O Ambiente</i>	p. 101
No Social e no Comunitário	p. 103
No Colectivo	p. 113
No Pessoal	p. 123
No Particular	p. 131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 145
FONTES DE FIGURAS	p. 153
ANEXOS	p. 171

INTRODUÇÃO

Entro num edifício, vejo um espaço e transmite-se uma atmosfera e numa fracção de segundo sinto o que é.

A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. Há situações em que não podemos perder tempo a pensar se gostamos ou não de alguma coisa, se devemos ou não saltar e fugir. Existe algo em nós que comunica imediatamente connosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata.
(Zumthor, 2009, pp. 10-11)

Na evolução das nossas ideologias arquitectónicas, deparamo-nos na forma constante como a questão em torno da *Atmosfera* dos espaços faz parte do nosso pensamento. Cientes que a compreensão está sujeita a várias disciplinas, procuramos entender o papel da arquitectura nas relações, no uso, nas expressões e nas percepções de quem habita o espaço arquitectónico. Compreendemos que o espaço arquitectónico é aquele que é percebido e construído pelo arquitecto, e a *Atmosfera* é o ambiente que resulta do acto de habitar na associação entre o espaço, o uso e a cultura.

Entendendo que os edifícios de carácter colectivo absorvem relações interpessoais do Homem que o inserem na sociedade, funcionando muitas vezes como uma extensão do espaço da rua, nos distintos programas, as necessidades e as funções de promover as relações interpessoais da sociedade para além de estarem patentes ao espaço Público que os envolve também estão associadas à organização

espacial dos edifícios. Desta forma, qualquer programa de carácter colectivo para além de procurar responder às necessidades de cada um, de forma particular, também procura cumprir com as carências comuns entre todos, de forma colectiva. Desta singularidade, na relação entre o Colectivo e o Particular, resultam os diferentes níveis de interacção do Homem com os pares, inscritos em espaços que variam na pluralidade dos usos.

Questionados sobre o modo como o espaço da habitação colectiva relaciona diferentes níveis de intimidade ou partilha, promovendo usos particulares e colectivos, exploramos três Residências de estudantes da Universidade de Coimbra.

Com este programa, o estudo propõe-se na reflexão sobre a associação das vivências dos estudantes com os espaços das residências. Pretende-se perceber a resposta da arquitectura às necessidades geradas com a integração dos estudantes na cidade, na universidade e na habitação. Revela-se assim, a intenção do programa em criar vários níveis de relacionamento, gerando espaços com diferentes níveis de interacções. Estes espaços são o palco das relações do estudante com o meio que o rodeia, no edifício o estudante cria uma interacção com a cidade, a comunidade universitária, o colectivo que habita o edifício e o grupo pessoal residencial. A progressão de espaços colectivos que diminui ou aumenta, dependendo do sentido em que percorremos os espaços, a sua pluralidade conduzindo o estudante até espaço Particular ou Colectivo. É nestes diferentes graus de colectividade que pretendemos aplicar o estudo e entender quais as influências da configuração dos espaços no ambiente das Residências. A partir deste entendimento reflecte-se sobre a capacidade do espaço desenvolver, entre o colectivo e o particular, uma relação de partilha ou intimidade promovendo as relações interpessoais dos estudantes.

Interioriza-se a relação entre o Homem e o espaço, explorando a experiência espacial dos estudantes para compreender as acções do espaço físico, pois, como defende o antropólogo Edward Hall, “certos aspectos do espaço de carácter fixo somente são perceptíveis se observarmos o comportamento humano que neles se inscreve” (1986, p.124). Deste modo, confronta-se o espaço das residências com as vivências dos estudantes, construindo assim, uma reflexão que clarifica o espaço

através dos desenhos de arquitectura dos casos de estudo e compreende ainda as acções espaciais dos estudantes com os dados de inquéritos, conversas e registos fotográficos realizados nos casos de estudo e apresentados em anexo.

Colocando sempre o Homem no centro da compreensão do espaço, iniciamos com a identificação da relação pessoal e interpessoal do estudante universitário para terminarmos na associação entre o espaço e os diferentes graus de colectividades identificados, e por considerarmos que as actividades espaciais estão marcadas pela cultura, tradição ou ritos, passamos por um reconhecimento essencial da identidade da Universidade, do alojamento e dos estudantes da cidade de Coimbra que clarificam o contexto actual do ambiente das Residências de Estudantes.

Com a **Percepção** do arquitecto, enquanto organizador e gerador de espaço para uso do Homem, contextualizamos as relações interpessoais do Homem no espaço arquitectónico. Neste primeiro capítulo clarificamos a nossa compreensão sobre o que engloba o Colectivo e o Particular e a sua aplicação no espaço. Transportamos este entendimento para o caso das Residências de Estudantes da Universidade de Coimbra onde procuramos encontrar e apontar os colectivos aos quais o estudante pertence. Assim, este enquadramento dos grupos sociais conforma a base para compreender nos casos de estudo, o modo como se relacionam os diferentes níveis de pluralidade dos espaços do programa, inscrevendo as relações interpessoais do estudante.

Considerando-se que a apropriação do espaço resultará da associação entre o espaço, o uso e a cultura, no segundo capítulo procuramos a **Identidade** da cidade de Coimbra, da sua Universidade e dos seus estudantes. Queremos compreender o desenrolar da história e o desenvolvimento da Universidade desde a sua instalação em Coimbra. Ao abordar o tema das habitações de estudantes universitários, um estudo focado nos edifícios das residências de estudantes empobrece por falta de suporte, como aponta Raúl Hestnes Ferreira, “para se debater este problema específico com utilidade se tornava necessário ampliar o campo da discussão e analisar atentamente todos os outros aspectos da vida do universitário, conhecer a natureza e a orgânica das faculdades, a maneira como se processa a vida universitária e a intervenção do estudante nessa mesma vida” (1961). Desta forma fomos à procura da evolução

histórica, das tradições e dos ritos dos estudantes universitários na cidade, nas faculdades e nas habitações. Focados no alojamento estudantil terminamos este capítulo com uma reflexão sobre as influências das características Repúblicas Coimbrãs na configuração das actuais residências de estudantes.

Após o contexto e abordagem assinalada, o estudo explora a **Apropriação** dos espaços nas três Residências de Estudantes da Universidade de Coimbra, seleccionadas como casos de estudo. Neste capítulo identificamos o ambiente dos espaços e iniciamos a procura pelas influências espaciais na apropriação. Desta forma, com a associação do espaço com o uso sempre presente, no primeiro momento descrevemos a *Forma* dos três casos de estudo e no segundo exploramos o *Ambiente* através das experiências espaciais dos graus de colectividade da relação do estudante com os outros. A *Forma* representa neste estudo, o espaço desenhado pelo arquitecto e o *Ambiente* representa a apropriação alcançada pelos estudantes ao habitar as residências. Para alcançar o *Ambiente* construído realizámos inquéritos, conversas e registos fotográficos como forma de identificar as experiências dos estudantes na *Forma*, ou seja, no espaço. O facto de fazermos parte integrante do círculo estudantil da Universidade de Coimbra, espírito ao qual pertencemos e entendemos, aproximou o entendimento das vivências, dos sentimentos e das acções dos estudantes nas residências, permitindo também, presenciar, sentir e perceber o seu espaço, acções que ficaram registadas para o desenvolvimento deste estudo.

O estudo conclui-se com uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos ao longo da investigação e, no cruzamento da análise dos casos de estudos, apontam-se as variações do espaço que promovem a apropriação, entre o uso Colectivo e o Particular, entendendo ainda, quais as formas/ferramentas que o arquitecto ou a arquitectura possuem para, no edifício de carácter colectivo, desenvolver e inscrever as relações interpessoais do Homem.

I.

PERCEPÇÃO

Para além da sua preparação especializada – e porque ele é homem antes de arquitecto – que ele procure conhecer não apenas os problemas dos seus mais directos colaboradores, mas os do homem em geral. Que a par de um intenso e necessário especialismo ele coloque um profundo e indispensável humanismo. (Távora, 2006, p.74)

Do Colectivo ao Particular

A integração social do Homem implica, de forma inquestionável, o seu enquadramento nas várias escalas de relacionamento da sociedade. Estas escalas surgem da necessidade do Homem em se relacionar com a família, o grupo que contacta directamente, a rua ou zona em que reside e a cidade cultural em que se insere. Segundo o sociólogo Anthony Giddens, “a socialização deve ser vista, então, como um processo vitalício em que o comportamento humano é configurado de forma contínua por interacções sociais, permitindo que os indivíduos desenvolvam o seu potencial, aprendam e se ajustem” (Giddens, 2008, p.28). O autor revela assim, a importância das interacções colectivas para o bem-estar e potencialização das capacidades particulares de cada indivíduo.

Estas interacções e comportamentos têm lugar no espaço arquitectónico, que enquadra o Homem nas diferentes escalas de relacionamento por meio do uso. Portanto, o uso do espaço pode posicionar-se entre dois extremos: entre o nível Colectivo e o nível Particular. Como refere o arquitecto Herman Hertzberger, estes termos referem-se ao acesso, à responsabilidade de gestão, às relações e representam o grupo que habita o espaço *Público* ou *Privado*:

Os conceitos de “público e “privado” podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de “colectivo” e “individual”.

Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida colectivamente. Privada é uma pequena área cujo acesso

é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la. (Hertzberger, 1996, p.12)

Embora o entendimento destes termos esteja em posições opostas, o tratamento faz-se de forma conjunta, pois abordamos “sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, i.e., é sempre uma questão de colectividade e indivíduo, um em face do outro” (Hertzberger, 1996, p.12).

A atribuição do carácter Colectivo ou Particular ao espaço está sempre dependente da escala sobre a qual o observamos. Por exemplo, ao observar um edifício de habitação colectiva, podemos afirmar que as habitações são particulares e os espaços de acesso e de uso comum são colectivos. No entanto, quando observamos o mesmo edifício à escala da cidade, podemos afirmar que o edifício é particular em relação à rua que é colectiva. Isto leva-nos aos distintos graus do Colectivo, gerados pelas necessidades da interacção do Particular, que respondem e definem as relações mais próximas às mais afastadas. Ainda é importante referir que esta existência de graus na zona intermédia, ou seja, entre os dois extremos, faz com que os conceitos de *Público* ou *Privado* nestes espaços não sejam adequados, motivo pelo qual surge o conceito de *Semi-Público* e o de *Semi-Privado*. Estes dois níveis de caracterização da privacidade do espaço enquadram os grupos comunitários nos quais o Homem se insere:

Ao marcar as gradações de acesso público às diferentes áreas e partes de um edifício em uma planta, obtemos uma espécie de mapa mostrando “a diferenciação territorial”. Este mapa mostrará claramente que aspectos de acesso existem na arquitectura, quais são as demarcações de áreas específicas e a quem se destinam, e que espécie de divisão de responsabilidade pode ser esperada no que diz respeito aos cuidados e à manutenção dos diferentes espaços. (Hertzberger, 1996, p.21)

Sobre o mesmo exemplo do edifício de habitação colectiva podemos dizer que a habitação é privada, o conjunto do edifício é semi-privado, o espaço do quarteirão ou da rua é semi-público e o espaço da cidade é público. Nesta perspectiva, evidenciamos as várias escalas do Colectivo deste exemplo: no privado encontramos o grupo

familiar, no semi-privado, o colectivo residencial, no semi-público a comunidade e no público a cidade.

A necessidade que o Homem encontra em se relacionar com os outros, também encontra em se individualizar. Como refere o antropólogo Edward T. Hall, “o homem tem necessidade de momentos de solidão” (Hall, 1986, p.44). Através da relação que estabelece com a sociedade, o Homem constrói a sua identidade pessoal e desenvolve a sua particularidade em relação ao outro. Assim, o espaço Particular é fundamental para o identificar, proteger e isolar o Homem do que não deseja e também é, ao mesmo nível que o espaço Colectivo, importante para o bem-estar do Homem. Recorrendo novamente às palavras do arquitecto Herman Hertzberger:

Um “ninho seguro” – um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que as nossas coisas estão seguras e onde podemos nos concentrar sem sermos perturbados pelos outros – é algo de que cada indivíduo precisa tanto quanto o grupo.

Sem isso, não pode haver colaboração com os outros. (Hertzberger, 1996, p.28)

O Homem tende assim a caracterizar o seu espaço Particular conforme a sua identidade, liberdade que não encontra tão expressa nos espaços do Colectivo. Nestes espaços, para que as interacções, as relações e acções do grupo aconteçam, o Homem tem de ter a capacidade de perceber o espaço perante a sua identidade. Por outro lado, o espaço Colectivo terá de permitir a flexibilidade de absorver distintas percepções, consequentes das distintas identidades do Homem. É então nesta área que o arquitecto pode promover ou definir as vivências nos espaços e permitir a sua apropriação:

O arquitecto pode contribuir para criar um ambiente que ofereça muita mais oportunidades para que as pessoas deixem suas marcas e identificações pessoais, que possa ser apropriado e anexado por todos como um lugar que realmente lhes pertença. (Hertzberger, 1996, p.47)

Nesta perspectiva, a compreensão da associação existente entre o espaço e

o uso é importante para a acção arquitecto. O espaço construído promove o uso e a experiência, e através de uma interpretação deste momento, o uso e a experiência influenciam, por sua vez, a acção do arquitecto na definição do espaço. Como consideramos que o uso enquadra o Homem no espaço, esta interpretação da associação entre o espaço e o uso é essencial para a arquitectura possuir capacidade de enquadrar as relações interpessoais do Homem no espaço.

O CASO DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DE COIMBRA

Neste momento, interessa-nos identificar os graus do Colectivo que constroem o programa das Residências de Estudantes da Universidade de Coimbra, reflectindo sobre os níveis de relacionamento/interacção do estudante nas residências e na sua vida universitária para, a partir deste momento perceber em que espaços estes se inscrevem. Focamo-nos nos espaços interiores das residências, no entanto, não está descurada a relevância da inserção urbana e do contacto social do edifício e do estudante para este estudo.

A análise em torno da proximidade do estudante com os pares conduz-nos aos grupos sociais que o inserem na sociedade. Cientes que os graus do colectivo variam de tipologia em tipologia, os termos e os grupos definidos são particulares a este programa, apresentados neste estudo, de forma igualmente particular por não encontrarmos, na nossa pesquisa, qualquer fonte bibliográfica que os defina. Assim os termos e a identificação das relações e da proximidade do estudante com os pares faz-se através de uma reflexão e transposição de conhecimentos adquiridos em fontes bibliográficas que abordam as relações de forma geral através do Homem enquanto corpo que se relaciona no espaço. Procurámos, assim, estruturar a apropriação/relação do espaço com os seus utilizadores por níveis da seguinte forma, que depois transpomos para o espaço das Residências Universitárias de Coimbra.

Partimos pelo que está mais próximo do Homem, a sua relação íntima, ou seja, o que é **Particular**, o que pertence a cada um. Aqui prevalece a privacidade do Homem, as necessidades individuais, a necessidade das suas coisas íntimas e a necessidade de

se isolar.

Neste nível o estudante escolhe os objectos e as pessoas com que contacta, e a relação que estabelece com outro ser é, no nível Particular, a mais íntima das relações. No entanto, e porque o espaço do nível Particular nas Residências de Estudantes da Universidade de Coimbra é partilhado, a escolha de com quem partilha a sua intimidade não deriva do estudante, não invalidando, no entanto, a oportunidade de convidar outro, ocasionalmente, para conviver. Por regra, é o quarto, o espaço de dormir, que define o espaço do nível Particular e é o espaço mais privado do programa.

As pessoas com que o Homem convive e cruza diariamente, construindo a sua relação familiar com os outros, definem o grupo **Pessoal**. Neste nível o Homem relaciona-se com quem lhe é afecto ou próximo, estabelecendo assim, o seu grupo de pares, o grupo com quem convive regularmente e se protege da sociedade:

Podemos imaginar a coisa sob a forma de uma pequena esfera protectora, ou de um balão, que um organismo criasse à sua volta para se isolar dos outros. (Hall, 1986, p.139)

Os outros referidos nesta citação do antropólogo Edward T. Hall, constituem o grupo social com que o Homem não contacta regularmente. O Homem tem esta necessidade de criar o seu grupo Pessoal, onde revê a sua identidade, no entanto, o contacto com os outros fora desta esfera também é importante para o seu bem-estar e construção social.

No programa em análise, delimita-se o nível Pessoal pelo conjunto de estudantes que utiliza os mesmos espaços das tarefas diárias como por exemplo, a cozinha. O contacto diário que as actividades da confecção de alimentos e as refeições provocam, faz com que o grupo que usa a cozinha se torne familiar e por consequência integre na relação pessoal. Numa referência à ideologia do arquitecto Herman Hertzberger (1996, p.12), podemos afirmar que o grupo se forma através da delimitação do acesso e da responsabilidade de manutenção do conjunto de estudantes que usa os espaços para as suas tarefas diárias.

Neste nível social da habitação, o estudante também tem a necessidade de

se relacionar com outras pessoas que provêm de outras interacções pessoais. Por exemplo, o estudante residente pode querer conviver no espaço onde reside com um colega que provêm da relação pessoal na sala de aula. Entende-se assim que a relação Pessoal de cada estudante na habitação é diferente, pois pode estender-se a outras relações pessoais exteriores à habitação.

A agregação das relações no nível Pessoal de todos os estudantes, mencionadas anteriormente, gera o nível **Colectivo** do programa da habitação. A relação do Homem neste grupo não é intensa e surge de um sentimento de pertença ao mesmo ambiente, ao mesmo contexto, às mesmas necessidades e aos mesmos objectivos que o seu semelhante. Aqui o contacto com outros não é tão intenso, o Homem não se relaciona pessoalmente com os outros e não conhece o que lhes é pessoal.

Os espaços que absorvem a interacção neste nível são os que respondem às necessidades comuns entre os grupos Pessoais. Como abordamos o programa das residências de estudantes, as necessidades de um modo específico, são o estudo e o convívio.

As interacções e as relações pessoais do estudante não estão invalidadas nestes espaços, pois estes direccionam-se ao conjunto dos grupos Pessoais. Os espaços não são de um, mas sim de todos e este contacto com outros, os que não contactam regularmente no nível Pessoal, pode conduzir a relações Pessoais. Isto acontece porque no nível Colectivo “ninguém toca ou se espera que toque outrem, excepto se realizar um esforço determinado nesse sentido” (Hall, 1986, p.141). Neste sentido, o estudante pode construir relações de proximidade com outro, e esse passa a pertencer ao seu grupo Pessoal.

Entende-se assim, que o nível Colectivo abrange um grupo de relações com diferentes proximidades. Neste nível social é importante manter a distância com o outro, ao mesmo tempo que se permite o contacto e a relação próxima.

Os dois últimos níveis sociais que vamos referir são os que agregam o maior número de indivíduos. Por estarem compreendidos aos espaços exteriores da habitação, o nível **Comunitário** e o nível **Social** são tratados ao mesmo tempo. O meio onde o Homem se insere, vive e trabalha representa a sua interacção no

nível Comunitário. Aqui o homem insere-se na cidade representando um papel na sociedade, integrado numa comunidade.

Na vida universitária o estudante ao conviver com os colegas de curso, com os professores, com os funcionários, com os colegas da habitação e com os amigos está a inserir-se na comunidade estudantil. A interacção da habitação com este grupo exterior é fundamental para o bem-estar dos estudantes e é essencial para combater o isolamento.

E o nível Social? O nível Social resulta da comunhão dos grupos comunitários, pertence a todos e responde às necessidades de cada um. Da mesma forma que o nível Colectivo agrupa os níveis pessoais, o nível Social agrupa os níveis comunitários. Esta analogia está associada à relação espacial entre o Privado/Semi-privado e Semi-publico/Público. Nisto, o nível Colectivo inscreve-se no espaço do edifício representando a esfera mais íntima do Homem e o nível Social inscreve-se no espaço da cidade representando assim a esfera pública. Da mesma forma que na cidade construímos o Social para abrigar o Comunitário, devemos construir, no edifício, o Colectivo para abrigar o Pessoal e o Particular:

Faça de cada coisa um lugar, faça de cada casa e de cada cidade uma porção de lugares, pois uma casa é uma cidade minúscula e uma cidade é uma casa enorme. (Aldo van Eyck, 1962, citado por Hertzberger, 1996, p.193)

A proximidade que o Homem estabelece com os outros ao “identificar diferentes zonas afectivas, bem como as actividades, as relações que se lhes encontram respectivamente associadas, tornou-se hoje de uma considerável importância” (Hall, 1986, p.147). O arquitecto, enquanto organizador de espaço, tem que reflectir sobre a proximidade do Homem com o outro e a partir desta reflexão terá mais capacidade de conceber espaço capaz de inscrever as relações interpessoais da sociedade.

É nesta direcção que o estudo se estrutura, procurando no último capítulo, através de casos de estudo representativos, reflectir sobre as variáveis do espaço que provocam transformações nas vivências e na integração das diferentes relações interpessoais do estudante universitário na habitação, identificadas neste primeiro

capítulo.

No entanto, antes de alcançar o último capítulo identificamos a evolução histórica, das tradições e dos ritos dos estudantes universitários. É neste próximo momento, focados no alojamento estudantil da Universidade em Coimbra que reflectimos sobre as influências da cultura do lugar, nos espaços e nas vivências das residências de estudantes para, de forma mais eficaz entender as acções espaciais do estudante de Coimbra e a apropriação do espaço da habitação pelos estudantes.

II. IDENTIDADE

Não é possível [...] fugirmos do facto de os indivíduos educados no interior de culturas diferentes viverem também em mundos sensoriais diferentes. (Hall, 1986, p.205)

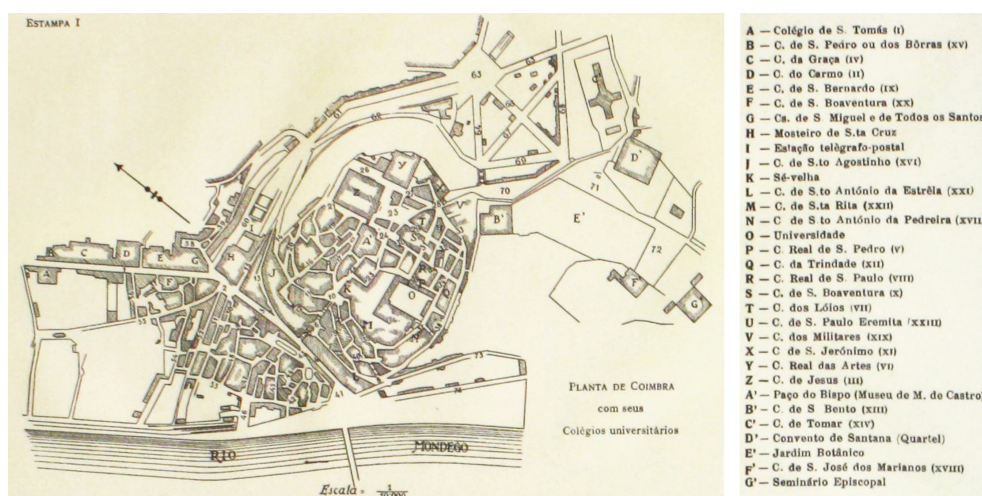
A Cidade e a Universidade

Coimbra, cidade universitária, destaca-se no território português como o lugar onde o conhecimento e a busca por novos saberes abundam nas ruas, nos edifícios, nos cafés e nos estudantes que por ela passam. Esta identidade é adquirida a partir do ano 1537, aquando a instalação definitiva da universidade no Paço Real de Alcáçova, actual Paço das Escolas situado na alta da cidade:

Ora em Lisboa ora em Coimbra, passou definitivamente, em 1537, no reinado de D. João III, para a cidade do Mondego. (Rodrigues, 1991, p.25)

D. João III aponta como justificação desta deslocação, que acaba por ser definitiva, o facto de a cidade do Mondego proporcionar aos estudantes e professores a serenidade necessária para o sucesso na reflexão e no estudo, aspecto que Lisboa não possuía, pois era capital do Reino e o palco dos desenvolvimentos dos Descobrimentos, o que a tornava, na opinião do Rei, numa cidade caótica para o ensino superior (Rodrigues, 1991, p.25). Também se justifica a saída da universidade de Lisboa, com a destruição provocada pelo terramoto de 1531, que assolou a cidade, deixando as instalações da, então, Universidade de Portugal parcialmente destruídas e com poucas condições para a continuidade dos estudos.

Em Coimbra, a ‘nova’ universidade encontrou “o antigo Paço Medieval, profundamente remodelado nos reinados de D. Manuel e de D. João III” (Rodrigues, 1991, p.26), oferecido pelo rei para nesse espaço se instalar todas as Faculdades –



(Figura 01) - Planta com inserção dos colégios universitários, Coimbra, início do século XX.

Rede de colégios na Alta e Sofia

Teologia, Cânones, Leis e Medicina. Nesta nova cidade o apoio dos colégios régios e religiosos (figura 01) é mais significativo do que o encontrado no período em que se leccionava na capital do reino. Pelo facto de a universidade revelar uma maior necessidade de recorrer ao apoio destes colégios para suportarem as “funções de pensionato, assistência e ensino” (Barros, 1986, p.7), provocada pela substancial reestruturação e pelo novo quadro de disciplinas das Faculdades; e da própria instalação da universidade na cidade de Coimbra que provoca uma maior afluência de estudantes, o rei D. João III impulsiona a construção de uma rede de colégios na rua de Sofia, visando proteger a fixação da universidade em Coimbra. Esta rede de colégios surge na definição do desenho da rua de Sofia, reforça a universidade e marca a evolução do espaço urbano da cidade:

Financiada por D. João III e idealizada por Frei Brás de Braga, como veremos, serviria de suporte à construção dos colégios universitários, [...] Seria também conformada por edifícios de habitação para professores, alunos e mestres de vários ofícios, dotados de comércio no pavimento térreo. Estabelecia-se assim uma rua escolar. (Lobo, 1999, p.67)

A evolução da actual Universidade de Coimbra dependeu das reformas que sofreu desde a sua instalação definitiva em Coimbra. Destaca-se neste documento a Reforma Pombalina pelo elevado significado na vida da universidade, dado que é constituída em 1772 e estende-se durante 139 anos, até 1911, ano em que, pela força do regime republicano dá-se uma nova reforma na universidade. Reabilita-se o ensino em Portugal e para além da reestruturação do plano de estudos da Faculdades de Coimbra, inauguram-se as universidades de Lisboa e do Porto, descentralizando a formação académica de Coimbra. Pouco tempo depois começa a concretizar-se uma reforma de elevado impacto em Coimbra, quer a nível da malha urbana quer a nível social. Organizado pelo governo de António Oliveira Salazar para ser incluído nas comemorações dos centenários da independência de Portugal e da restauração, o plano ganha o nome de Cidade Universitária:

O primeiro edifício concluído foi o Arquivo da Universidade de



(Figura 02) - Vista aérea sobre a Alta, Coimbra, 1930.



(Figura 03) - Vista aérea sobre a Alta, Coimbra, 2010.

O antes e o depois da Alta com a “Cidade Universitária”

Coimbra, em 1948, seguindo-se-lhe os edifícios da Faculdade de Letras, Biblioteca Geral, e das Faculdades de Medicina e de Ciências. A secção de Matemática [...] as secções de Física e Química seriam concluídas mais tarde. (Rodrigues, 1991, p.67)

A mão forte de Salazar foi essencial para a concretização deste plano, pois visava a demolição de várias habitações e colégios da Alta de Coimbra (figura 02) para redesenhar a malha onde figurava os edifícios mencionados, o que gerou vários protestos e manifestações por quem vivia nesta zona. O descontentamento era tão grande que a ordem que ditava o despejo urgente de todas as casas foi suspensa em 1948 (Ribeiro, 2008, p.67). Todavia, o desejo de Salazar e a necessidade de expansão da universidade, fundamental na cidade, prevaleceu e concretiza-se a construção do actual centro da Cidade Universitária (figura 03).

Neste contexto, percebe-se a adaptação da cidade às necessidades da universidade, realça-se a influência que a universidade ganhou ao longo dos anos no desenvolvimento de Coimbra, quer no desenvolvimento social e económico, quer no desenvolvimento e organização do espaço urbano. O papel de cidade universitária é conquistado, ao mesmo tempo que o espaço da universidade foi conquistando e redesenhando o espaço urbano de Coimbra.

O alojamento estudantil

A expansão, ainda actual, acontece em torno do objectivo de responder da melhor forma, à função principal da universidade – a formação académica de quem procura pelo estatuto do conhecimento obter um curso superior nas várias disciplinas. Com isto, e para que tal se torne possível, a universidade teria de criar as condições ideais aos professores e aos alunos:

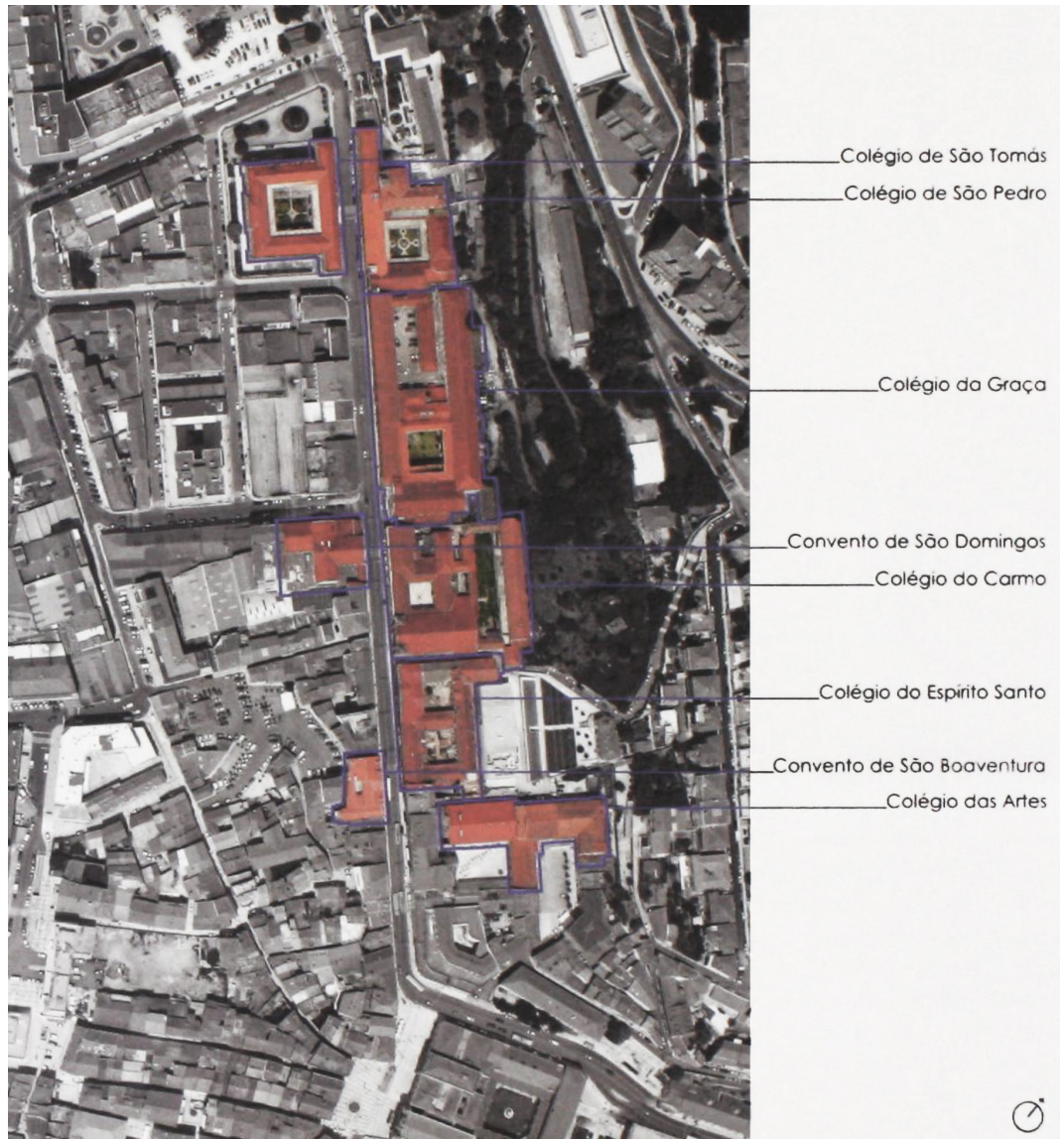
Os alunos constituíam [...] o mais importante corpo académico, pois era e é em função deles que a universidade existe e se organiza, de forma a transmitir-lhes conhecimentos e critérios científicos e formação humana cristã e cívica adequada, como decorre dos documentos primordiais,

relativos à criação do estudo geral, em Lisboa, e à sua primeira transferência para Coimbra. (Marques, 1997, p. 91)

Sobre esta noção, e para disponibilizar aos seus alunos o melhor ambiente estudantil possível, a Universidade de Coimbra, integra o alojamento dos estudantes na sua estrutura, referenciado por D. Dinis, desde a formação dos Estudos Gerais, nos primeiros Estatutos da universidade (Silva & Madeira, 2009, p.4). A responsabilidade de criar um abrigo reforça a ideia de que para alcançar o sucesso escolar, a universidade não deveria acrescentar qualquer tarefa aos estudantes para além do estudo, motivo pelo qual estavam na cidade. Com a atribuição de um quarto, a universidade, passa garantir o bem-estar dos que nela estudam ao mesmo tempo que lhes retira preocupações relacionadas com a habitação e a estadia, assegurando as condições, vistas como essenciais, para o sucesso escolar. O alojamento também passa a ser uma forma de fortalecer a integração dos estudantes na cidade universitária, na sua maioria deslocados da sua cidade de origem, que encontram-se um momento desprotegido e fora do ambiente familiar:

Quando abandonava o seu lugar de origem, onde a protecção paterna estava omnipresente, onde os amigos e conhecidos lhe facilitavam a vida, o estudante deixava também grande parte dos seus hábitos. Era forçado a por de lado os horizontes limitados onde tinha sido educado por professores a maior parte das vezes pouco competentes. A chegada à cidade era uma das mais fascinantes, mas ao mesmo tempo uma das mais duras provas que tinha de ultrapassar. (Velooso, 1997, p. 135)

Usufruir de uma casa ou quarto temporário em Coimbra, aparece ao longo da história da universidade como um problema que atinge tanto os alunos com possibilidades económicas como os mais pobres. Face a tal escassez de casas destinadas ao alojamento estudantil, problema que persiste mesmo após a deslocação da universidade para a cidade de Coimbra, o rei D. João III desenvolve um alvará régio que visa aumentar a oferta do alojamento para os estudantes, datado de 1537 é posteriormente reforçado no ano 1541 (Ribeiro, 2008, p.59). Este apoio do rei, fundamental para o desenvolvimento da universidade, surge porque sendo ele um



(Figura 04) - Vista aérea sobre a rua de Sofia com a localização dos colégios que a definiram, Coimbra, 2006.

O apoio Religioso

apoiantes da deslocação da universidade para Coimbra não queriam ver o retrocesso desta decisão por falta de instalações.

Este alvará previa incentivar a construção de novas casas com a isenção de várias taxas, mas como esta solução acaba por se revelar insuficiente, o rei reforça o seu objectivo mandando construir doze casas para estudantes, onde estes teriam de partilhar os espaços comuns:

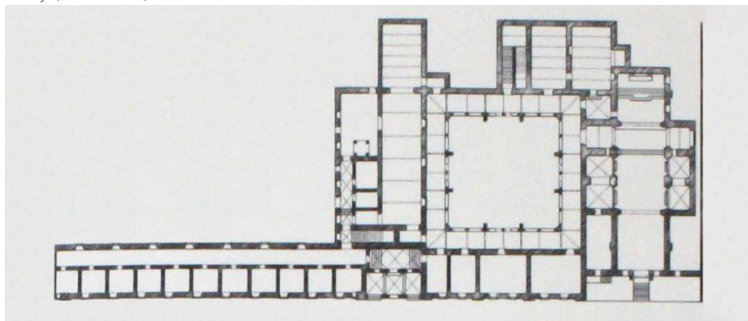
Ora, a arquitectura de tais casas, com onze divisões (incluindo uma sala comum) distribuídas por dois pisos, possuindo um pequeno quintal com cisterna, em anexo, evidencia a preocupação de providenciar moradas tipo comunitário, onde seria possível alojar de oito a dez estudantes. E não foi esquecida a sala para usos comunitários como as refeições e o convívio. (Ribeiro, 2008, p.59)

Esta forma de habitar na vida universitária trouxe várias valências aos estudantes, por um lado, a oferta e o custo do alojamento eram melhores, por outro a experiência universitária em comunidade habitacional enriquecia o bem-estar social e individual de cada um. Os alunos passavam a ter a responsabilidade de manter as funções/tarefas da habitação mas ganhavam a liberdade de percorrer as mais diversas culturas. Nestas casas, a confraternização era privilegiada, aprendia-se a viver em partilha e ganhava-se a possibilidade de crescer com a troca de conhecimentos e as diferenças dos membros da casa.

Para além das significativas ajudas aos estudantes mais pobres, ainda por ordem de D. João III, aparecem os primeiros colégios, na maior parte de ordens religiosas que apoiam a universidade no acolhimento dos alunos, no ensino e na formação de novos professores. Esta rede de colégios que se proliferou pela rua de Sofia (figura 04) até à Alta, acolheu, “para além dos seus próprios membros, muitos outros estudantes que, em boa parte, não tinham recursos bastantes para estudar” (Ribeiro, 2008, p.59). Estes atingem um papel importante nas opções habitacionais dos estudantes, pois as casas construídas pelo reino, uma opção mais barata que as particulares, não ofereciam muitos quartos e na impossibilidade de pagar a renda a particulares, inflacionada pela escassez, os alunos acabam por recorrer aos colégios.



(Figura 05) - Vista da reconversão do antigo corredor dos quartos no Colégio da Graça, Coimbra, 2005.



(Figura 06) - Planta de reconstituição do piso térreo do Colégio da Graça, Coimbra, 1995-1996.

A forma do Colégio

As três opções mencionadas até ao momento – as casas do Reino, os colégios e as casas de particulares - formam o leque das diferentes habitações estudantis em se começa a construir a singularidade do modo de habitar estudantil em Coimbra. Estas habitações passam a suportar todo o alojamento estudantil da Universidade de Coimbra até meados de século XIX, época marcada por uma das maiores crises do alojamento estudantil que rebentou devido à extinção das ordens religiosas e o consequente encerramento dos colégios religiosos que abrigavam uma boa parte dos estudantes de Coimbra:

[...] com a extinção dos colégios universitários e outras instituições de inspiração religiosa, foi vibrado um rude golpe no alojamento académico, reduzindo-se significativamente a oferta de morada para estudantes e professores, pois o decreto de extinção não foi acompanhado de qualquer política de realojamento ou oferta de alternativas. (Ribeiro, 2008, p.60)

Nesta situação, que surge em 1834 com a extinção das ordens religiosas, os estudantes viram as suas opções reduzidas ao quarto alugado. As casas arrendadas a particulares aumentam combatendo a crise na oferta de alojamento, ao mesmo tempo que, devido ao aumento de estudantes por habitação, o valor da renda reduziu, permitindo abranger um maior número de estudantes. Desta forma, viver na cidade universitária em comunidade residencial proliferou vertiginosamente, forma tão singular de habitar que mais tarde é apontada como a origem da tradicional República de Coimbra.

As características tão particulares da organização da “República” desenvolvem-se, assim, compreendendo a história da Universidade de Coimbra, de uma evolução que se estendeu ao longo do tempo desde a criação dos Estudos Gerais, o que torna difícil definir a época exacta do surgimento desta definição. Os costumes, tanto os das casas construídas por D. João III, os dos colégios religiosos (figuras 05 e 06), como os dos grupos das casas alugadas a particulares, são influenciadores da actual forma de habitar sobre a qual assentam as Repúblicas, ao mesmo tempo que são os principais fomentadores da tão importante tradição destas casas de Coimbra. A organização baseia-se num espírito colectivo absorvido pelas habitações comunitárias, onde os



(Figura 07) - Antiga Rua dos Militares demolida para a concretização do plano da "Cidade Universitária", Coimbra, 1914.

O que ficou para trás

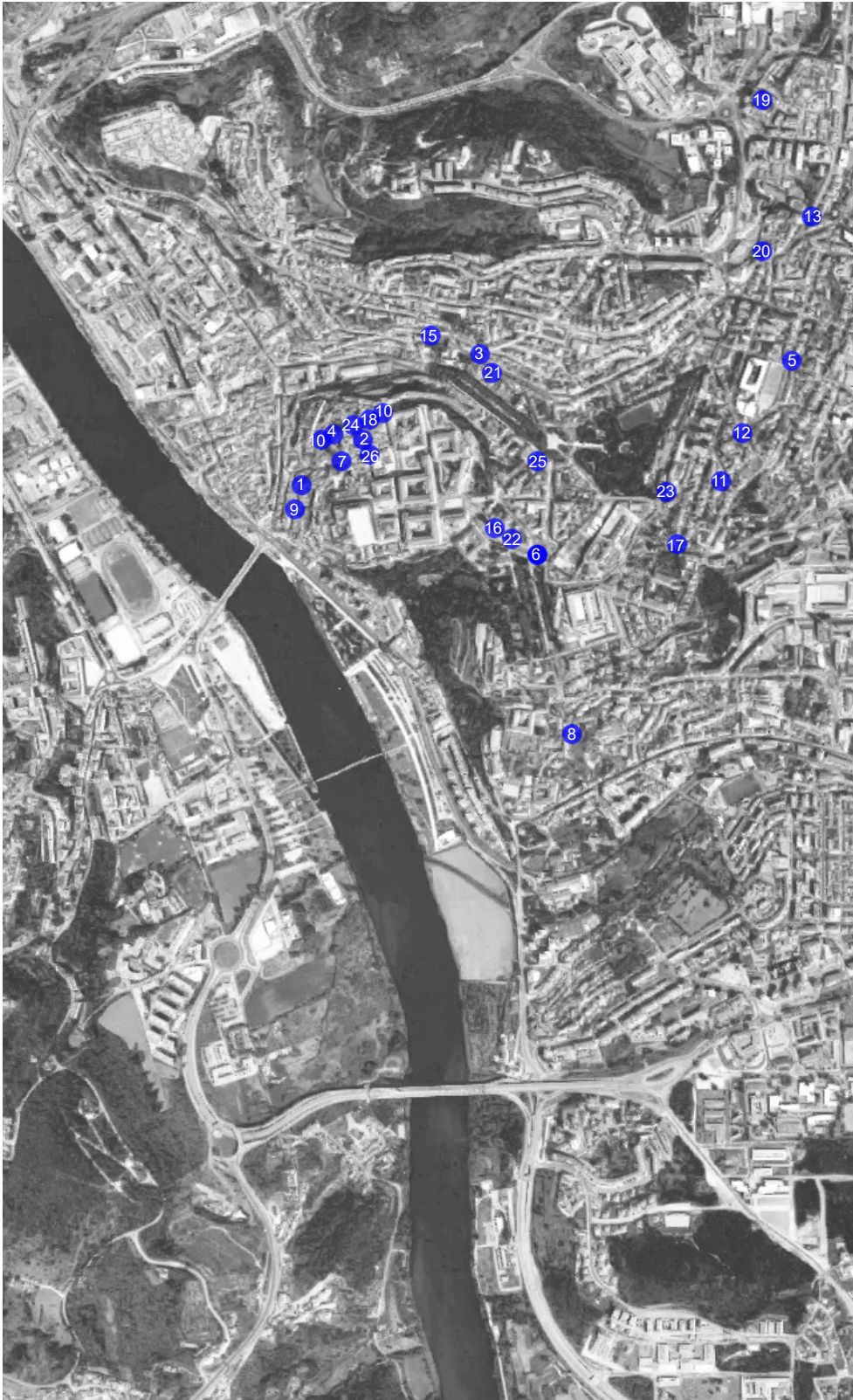
espaços comuns são destacados, prevalecendo a união, a partilha de conhecimentos e a discussão de ideologias sociais e políticas. Um pouco por influência dos colégios religiosos, as responsabilidades de manutenção da casa são repartidas por todos os membros e assumem, também, obrigações em fomentar o debate e a crítica nas políticas da academia e do país. Assim residem ao longo do tempo, absorvendo, através da experiência da sua existência, definições particulares que tornam todas as Repúblicas únicas:

É toda esta ambiência de “Vida em República” que vimos encontrar já no Século XX e que vem ser perturbada na sua existência em finais da década de quarenta. Um novo e rude golpe se abate sobre o alojamento estudantil nesta época. (Ribeiro, 2008, p.61)

Com a construção da “Cidade Universitária” impulsionada por Salazar, como referido anteriormente, ergueram-se novos edifícios na Alta de Coimbra, num plano que visava aumentar, reorganizar e reestruturar a Universidade. Foi necessário demolir grande parte dos edifícios existentes, dos quais, a maior parte estava destinada à habitação dos estudantes (figura 07) e muitos assumiam-se no panorama universitário como Repúblicas. Uma vez que a oferta no alojamento não se destacava pelo excesso mas antes pela escassez, atinge-se novamente uma crise no alojamento, tal com aconteceu com a extinção das ordens religiosas.

No plano, que já previa tal acontecimento, assume-se a execução de “notáveis obras de assistência residencial, médica e social” (Rodrigues, 1991, p.69). Com um fraco planeamento e sobre a pressão da necessidade de criar novas habitações para os estudantes surgem então, em Coimbra, as primeiras Residências Universitárias. É importante perceber que, apesar de estar sempre presente na história da Universidade de Coimbra como fundamental para estruturar o ensino superior, o alojamento estudantil apresentou sempre soluções debaixo de crises e que muitas das vezes apareceram pela força dos estudantes.

Actualmente os estudantes universitários contam com opções que variam entre a república, o quarto alugado a particulares e as residências universitárias. Todavia, e apesar dos esforços da universidade, a maior oferta continua a ser gerada pela cidade,



(Figura 08) - Posição na cidade, vista aérea sobre Coimbra, 2017.

- 1 - Real República dos Kágados, 1933
- 2 - Real República Baco, 1933
- 3 - Real República da Loucura, 1935
- 4 - Real República Rãs-TePparta, 1943
- 5 - República dos Galifões, 1948
- 6 - Real República Ay-Ó-Linda, 1949
- 7 - Real República Bota-Abaixo, 1950
- 8 - Real República Spreit-O-Furo, 1951
- 9 - Real República Prá-Kis-Tão, 1951
- 10 - Real República dos Inkas, 1954
- 11 - Real República dos Pyn-Guins, 1955
- 12 - Real República Boa-Bay-Ela, 1956
- 13 - Solar dos Kapangas, 1958
- 14 - Real República dos Corsários das Ilhas, 1958
- 15 - Solar Residência de Estudantes Acoreanos, 1961
- 16 - Real República Rapó-Taxo, 1962
- 17 - República do Farol das Ilhas, 1962
- 18 - Solar 44, 1963
- 19 - Real República Ninho de Matulões, 1964
- 20 - República 5 de Outubro, 1967
- 21 - Real República Kimbo dos Sobas, 1968
- 22 - Real República dos Fantasmas, 1971
- 23 - Real República Rosa Luxemburgo, 1972
- 24 - Solar Kuarenta, 1975
- 25 - República da Praça, 1989
- 26 - Solar das Marias do Loureiro, 1993



Repúblicas
Coimbrãs

uma vez que as actuais catorze Residências de Estudantes Universitárias representam uma pequena fatia do alojamento, dominado pelos quartos de particulares. Hoje em dia, muito devido à demolição da “Cidade Universitária”, apenas sobrevivem cerca de vinte e seis repúblicas (figura 08) que continuam a primar pela tradição e são elas quem melhor caracterizam a identidade do estudante e a sua forma, temporária e particular, de habitar na cidade de Coimbra.

Como base deste estudo, ficam três residências de estudantes inseridas nos planos de expansão da universidade, iniciados nos anos noventa do século XX para o novo Pólo II e III. Estes casos surgiram através do planeamento ao nível do ensino, do social, do urbano e do infra-estrutural, onde se estudou e previu a necessidade do alojamento dos estudantes para a concretização dos novos *campus* universitários.

As repúblicas Coimbrãs

Diz-se que um ano numa república de Coimbra vale por cem. Por isso a festa que anualmente cada casa organiza para comemorar a sua fundação tem o nome pomposo de Centenário. Diz-se que se aprende para tudo e que se treinam coisas que nunca mais de esquecem. Diz-se que se aprende a viver com os outros, a hierarquia e a importância da troça e da brincadeira. Que se aprende a comer bife de cebolada. E que se aprende a comer bife de cebola sem bife. Diz-se que se aprende a partilha e a solidariedade. E a dar um murro na mesa. E o desenrascanço. A discussão e a brincadeira. E a ouvir os outros. Diz-se que se aprende o valor incalculável da palavra liberdade. E a aguentar o confronto. Diz-se que se aprende quem somos e a pertença. Que também se aprende a soltar amarras e a vaguear na embriaguez das paixões. E muito mais, mas é difícil de explicar, diz quem foi discípulo destas vidas, antes de propor um brinde com vinho escarlata, a mais humana das bebidas, à beira da velha mesa da sala. (Carreiro, 2009, p.28)

O espírito que envolve a singularidade destas casas de Coimbra é assim descrito por alguém que passou pela experiência de viver numa República Coimbrã,



(Figura 09) - Revolução Estudantil, Coimbra, 1969.

O espírito de luta pela renovação cultural dos Repúblicos

transcrito neste documento e absorvido neste estudo pela forma genuína que, em poucas palavras, descreve a essência da experiência de ser repúblico. Todavia, é no escarnar da organização destas habitações que se encontra e percebe o modo de habitar que lhes pertence e permite alcançar esta ambiência. A experiência vivida num roteiro que passou por parte das actuais Repúblicas Coimbrãs, inserido na *Semana das Repúblicas*, evento que visa divulgar e celebrar as casas que ainda existem à comunidade estudantil e à cidade, foi essencial para alcançar e absorver as características que apontamos neste trabalho.

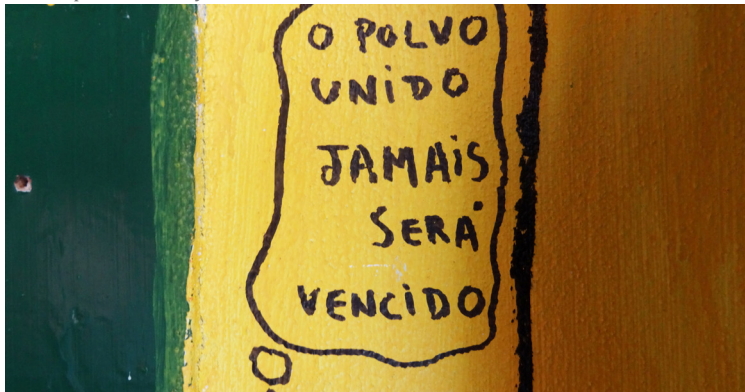
A designação de República começa a ser invocada pelos estudantes das casas de Coimbra, no século XIX após a revolução liberal (Silva & Madeira, 2009, p.26), que mais uma vez representavam a oposição activa que lutava e acreditava na República como sistema ideal (figura 09). Sendo defensores da irreverência e dos novos ideais, assumem, nas suas casas comunitárias, as práticas democráticas, afirmando, em forma de protesto, constituírem uma “Real República”. Embora a designação tenha surgido neste contexto, a república rege-se por uma evolução contínua e espontânea, que decorreu ao longo do tempo, com origem nas casas de estudantes que habitavam em comunidade doméstica desde a instalação da universidade na cidade. Esta evolução ainda hoje está patente nestas casas, é através da renovação dos elementos que se acentuam as características de cada república, que ao absorver novas experiências e novas personalidades, renova os pensamentos, através da irreverência imposta nestas habitações. Hoje a república pode designar-se como um modo de habitação comunitária com usos, rituais, crenças, gestão autónoma e auto-administradas, em casas constituídas por um grupo que varia entre 8 a 12 estudantes, apelidados de repúblicos, que se destacam no tipo de estrutura, na independência e nas relações internas entre a casa e nas externas com a cidade e a universidade:

Estas comunidades “prestam” serviços de alojamento e alimentação, não sendo razoável nelas habitar sem participar nos múltiplos trabalhos de gestão interna que a organização destes serviços acarreta. (Sousa, 2002, p.23)

Os repúblicos assumem a responsabilidade de cumprir as tarefas relacionadas



(Figura 10) - Mapa de tarefas fixado na parede de topo no espaço de refeições. Real República Pré-Kys-Tão, Coimbra, 2017.



(Figura 11) - Registo de uma mensagem gravada numa parede da Real República Pré-Kys-Tão, Coimbra, 2017.

com a manutenção da casa e são os principais fomentadores do ambiente, das regras e dos ideais que formam e caracterizam cada república. São eles o passado, o presente e o futuro da casa, pois, são eles que acolhem as tradições e ideologias dos antigos repúblicos, sobre as quais se propõem viver e enraizar no meio urbano. Ou seja, vivem sobre os testemunhos dos antigos (anteriores repúblicos) e arcam com a responsabilidade de passar o testamento aos futuros membros e à comunidade, para que os ideais e as crenças que fundaram a casa não se percam no tempo e sejam, sempre, impulsionadoras da luta pela evolução e renovação dos pensamentos.

A continuidade é, assim, absorvida na caracterização das repúblicas, daí a exigência de cumprir a tradição e os costumes para que a casa viva sobre os ideais que a fundaram, motivo que influenciou a inclusão de comensais na sua estrutura. Os comensais são os estudantes recrutados pelos repúblicos, que apesar de não serem considerados membros da república e por isso, não terem direito a quarto nem a voto nas reuniões, passam a maior parte do tempo na casa, fazendo parte do ambiente, das refeições, das tarefas e das despesas. Separam-se da caracterização de repúblicos, pois estão num período de estágio embrionário para aprenderem as tradições da casa, processo que é fundamental para a sobrevivência e sucessão da república, pois é através dele que se transmitem os costumes e que surgem candidaturas para novos membros. Embora exista esta separação entre os repúblicos e os comensais, todos fazem parte do ambiente familiar e colectivo da casa (figuras 10 e 11), o convívio, a partilha e a inserção é assegurada com as tarefas, rotativas entre todos; as refeições, que no geral estão todos presentes; as despesas, divididas por todos; as reuniões e tertúlias da casa, em que a televisão deve estar desligada; e a organização de eventos com o meio urbano, que afirma a colectividade na responsabilidade com os assuntos e as actividades exteriores:

Esta co-presença de pessoas agregadas, [...], favorece um elevado número de interações individuais ou em grupo, e uma forma de cooperação participativa e rotativa. Esta cooperação económica faz-se acompanhar de um estilo de vida e de um confraternidade que se identifica com um companheirismo convival. Aos laços de reciprocidade e a uma ética de



(Figura 12) - Vista sobre a "casa da Nau". Real República Prá-Kys-Tão, Coimbra, 2017.

A "Real" República

confiança, que unem os membros entre si, acrescenta-se o sentimento de pertencer a uma mesma casa. (Frías, 2003, p.108)

Para proteger, gerar regras e organizar soluções, com o intuito de marcar e manter a identidade e longevidade das repúblicas, surge em 1948, debaixo do regime salazarista, o Conselho de Repúblicas (Alves & Roldão, 1986, p.13), assembleia que se inicia com os seis representantes de seis repúblicas. Após a fundação, pretendendo que apenas as casas genuínas se intitulassem repúblicas, esta assembleia definiu uma série de requisitos necessários para oficializar e aprovar uma nova casa, que procuram garantir a identidade de quem se afirma como república, ao mesmo tempo que denunciam os principais traços da sua organização e ambiência:

A república oficializada tinha de estar instalada em casa cuja administração pertencesse exclusivamente aos repúblicos; tinha de ter cozinha própria; tinha de ter nome e emblema aprovado pelo Conselho das Repúblicas; tinha de ter uma placa de maiúsculas, pintada a negro, com o nome e o emblema da república na fachada do edifício onde estivesse instalada; tinha de ter uma bandeira com o nome e o emblema da república; devia ter sido inaugurada com a presença de todos os repúblicos e um representante de todas as outras repúblicas oficializadas então existentes e devia ter um presidente. (Silva & Madeira, 2008, p.26)

A cozinha, destacada nestes requisitos, é considerada, a par dos espaços comuns, como a sala de refeições, a sala de estar e a biblioteca (quando existe), o espaço essencial para o funcionamento da casa, pois é aqui que se desenrolam os acontecimentos e se gera o relacionamento, o convívio, a partilha, a transmissão de conhecimento, a discussão e o confronto, sendo que são as refeições, os períodos de confraternização mais importantes. O quarto passa para segundo plano, pois é considerado menos relevante que os espaços comuns destas casas, onde a vivência e convivência conjuntas transpõem o individualismo e o isolamento. Os quartos não são considerados privados, ou seja, o quarto não é exclusivamente de ninguém e em muitas repúblicas nunca se encontram trancados:



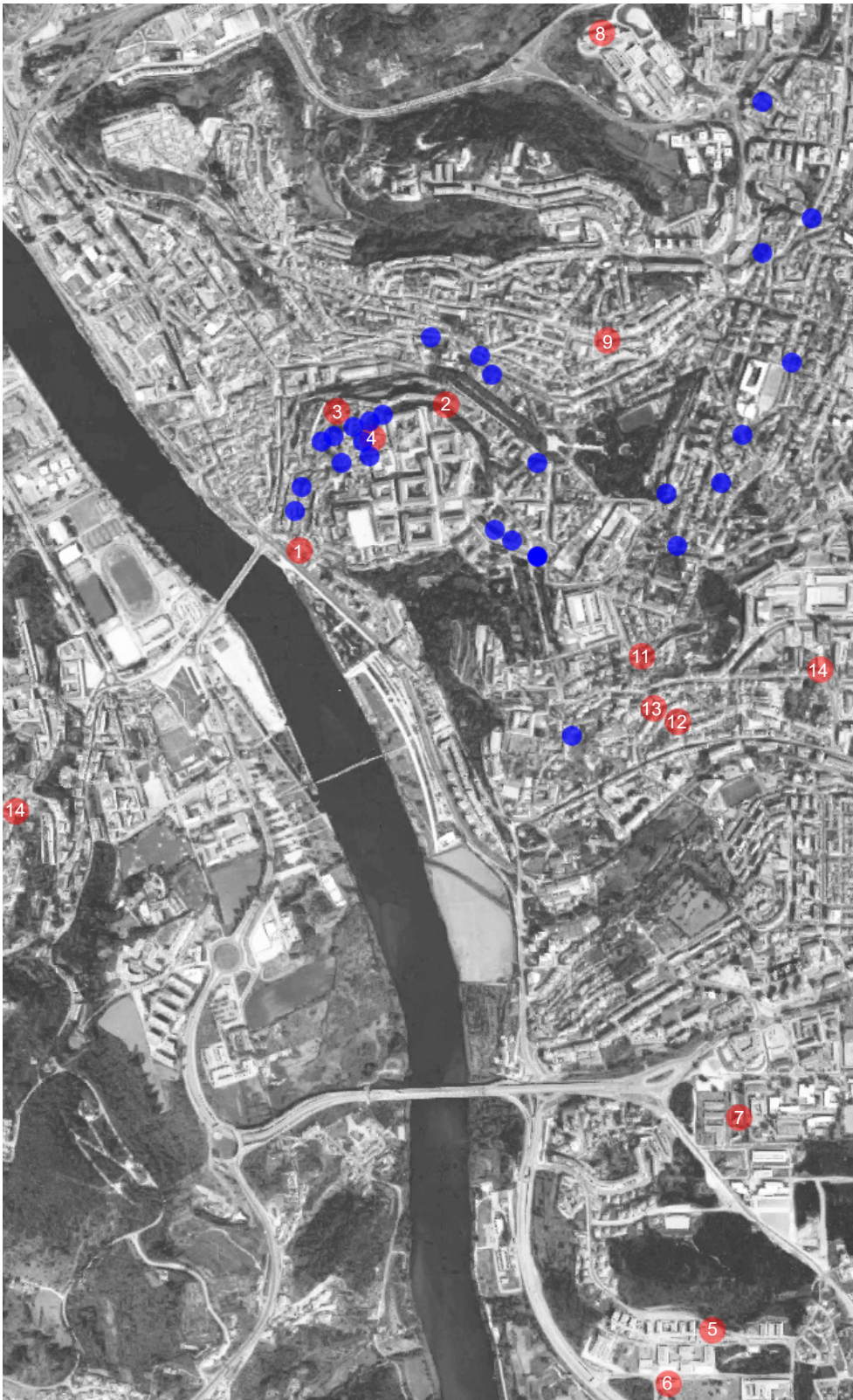
(Figura 13) - Vista sobre a cozinha e o espaço de refeições. Real República dos Kágados, Coimbra, 2017.

A relação partilhada nas actividades da habitação

Parece haver aqui uma negação da individualidade, [...] o estatuto de transição para a vida adulta impõe a partilha, e, portanto, o sacrifício do sentimento de propriedade. (Neves, 2002, p.28)

Os espaços comuns representam, assim, a unidade da república e são o palco deste confronto da partilha dos momentos que fazem parte do dia-a-dia (figura 13), e em muitos casos, do íntimo de quem habita a casa, sendo que, todos têm uma voz activa e uma acção a desempenhar nestes espaços, que pertencem a cada um ao mesmo tempo que pertencem a todos. Desta forma, impulsiona-se o sentimento de pertencer a um ambiente familiar, no qual todos desenvolvem competências pessoais e deixam marcas das suas experiências que perduram com a república. A colectividade, a vida em comunidade, a partilha e a necessidade de vincar a sua existência, estende-se ao exterior da habitação. Incute-se a necessidade de pertencer à cidade e à universidade e de participar na revolução, no confronto, na inquietação, na interrogação dos assuntos da sociedade. Isto é visível logo, quando as casas começam a denominar-se de “Real República” em forma de protesto, o que se revelou nestas, por aqui habitarem ideais renovados, lugares de irreverência. Para além deste papel activo na luta por novas ideologias, as repúblicas assumiram sempre o seu interesse de dinamizar a arte e a cultura junto da comunidade que os rodeia, através da organização de vários eventos.

Longe do que actualmente se toma como convencional em outras comunidades, esta primazia do interesse Colectivo sobre o Particular estende-se, assim a dois níveis da estrutura social das Repúblicas, o primeiro à escala da cidade e o segundo à escala do edifício. O primeiro entende-se pela forma como o interior da casa se abre para o exterior e se organiza em prol do bem social; o segundo, pela relevância dos espaços colectivos face aos quartos, confirmando o estilo de vida em comunidade doméstica. Este interesse pelo bem Colectivo é precisamente a característica que torna a modo de habitar das repúblicas singular, diferente de muitas outras. É este inverso que provoca tal ambiência nestas casas e que possibilita a aprendizagem e o crescimento dos que nelas habitam e somam bagagem e fôlego para enfrentar os desafios futuros das suas vidas:



(Figura 14) - Posição na cidade, vista aérea sobre Coimbra, 2017

- 1 - Residência Universitária Alegria, 44 camas;
- 2 - Residência Universitária S. Salvador, 26 camas;
- 3 - Residência Universitária João Jacinto, 133 camas;
- 4 - Residência Universitária Padre António Vieira, 53 camas;
- 5 - Residência Universitária PoloII-1, 110 camas;
- 6 - Residência Universitária PoloII-2, 166 camas;
- 7 - Residência Universitária Pedro Nunes, 38 camas;
- 8 - Residência Universitária Polo III, 268 camas;
- 9 - Residência Universitária António José d'Almeida, 205 camas;
- 10 - Residência Universitária Observatório Astronómico, 12 camas;
- 11 - Residência Universitária Penedo da Saudade, 18 camas;
- 12 - Residência Universitária Santos Rocha, 50 camas;
- 13 - Residência Universitária Teodoro, 98 camas;
- 14 - Residência Universitária Combatentes, 100 camas.



Residências de Estudantes

Aí “adquiri competências” – para utilizar a novilíngua dominante – que não poderia desenvolver nas salas de aula. Aprendi a gerir em colectivo, aspectos pequenos (ou grandes) do quotidiano. Defrontei-me com a sempre tensa fronteira entre o nosso espaço privado e a vida que fazemos em comum. Compreendi a responsabilidade que era viver num lugar que é nosso mas que também é de muitos outros, desde logo dos que por lá passaram. (Cardina, 2013)

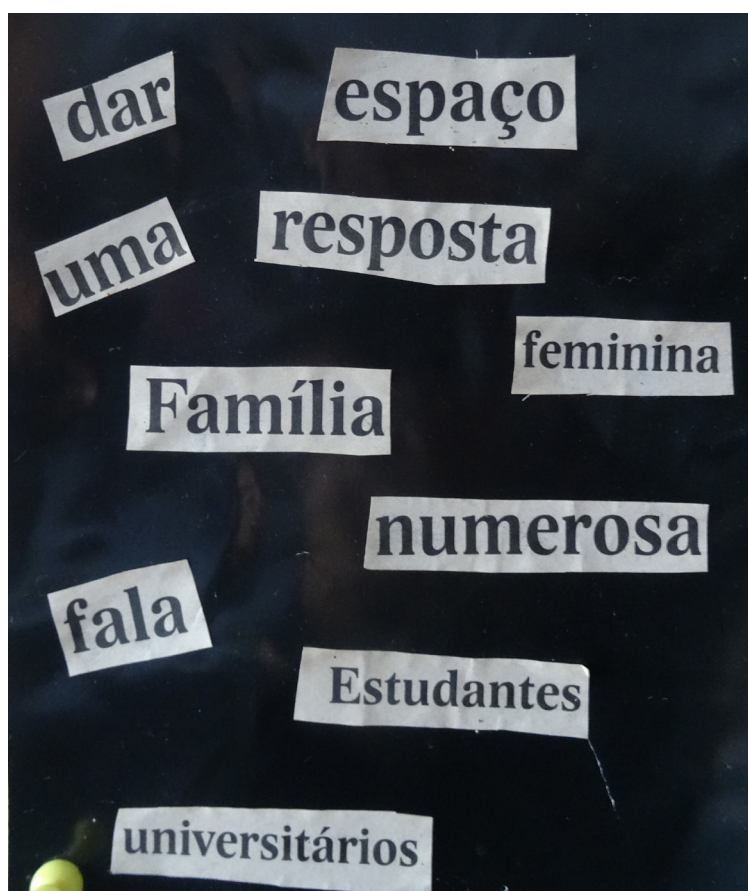
É o predominar do carácter colectivo das repúblicas que explora, vinca e identifica a identidade dos estudantes da Universidade de Coimbra, marcados pela boémia, pela liberdade, pela opinião e pelo espírito completo na luta pela renovação cultural e por novos conhecimentos.

As residências de Estudantes

[...] são comunidades que participam na acção educativa da Universidade e constituem, para os que nelas vivem, fonte de formação de carácter e de desenvolvimento da cultura. (Ministério da Educação Nacional, 1966, art.23)

Pela força do crescimento das inscrições no ensino superior no decorrer da década de 1940 e 1950, sendo que grande parte provinha de localidades do território português, distantes dos três centros universitários de Portugal, localizados em Coimbra, no Porto e em Lisboa, as universidades iniciam a institucionalização de uma nova secção na sua estrutura, responsável pelo alojamento estudantil. A esta secção era atribuída administração exclusiva no desenvolvimento e na orientação do centro de alojamento da universidade (Ministério da Educação Nacional, 1966, art.9). Tinha como responsabilidades gerir, planear e construir os edifícios direccionados ao alojamento de estudantes, ao mesmo tempo que teria de disponibilizar informação, orientação e assistência aos estudantes, relativamente aos meios habitacionais da Universidade:

O que se pretende, fundamentalmente, é que existam à disposição dos



(Figura 15) - Registo de uma mensagem deixada na cozinha da Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2017.

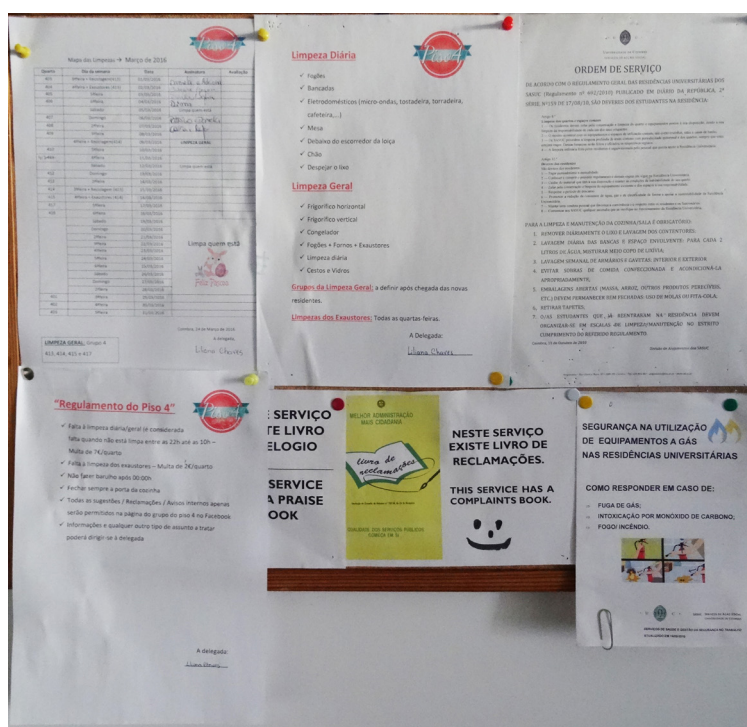
estudantes meios de alojamento, em número suficiente e em condições económicas, que obedeçam a adequados requisitos materiais e proporcionem ou permitam um bom ambiente de estudo e de formação moral e cultural. (Ministério da Educação Nacional, 1966, ponto 2)

É esta secção, constituída na Universidade de Coimbra, que impulsiona a integração das primeiras residências de estudantes na cidade, planeadas num momento em que ainda não se possuía muitos conhecimentos das carências desta forma de alojar estudantes. Apesar de ainda ser um número muito escasso, estas habitações representam o único alojamento disponibilizado aos estudantes, actual e de forma directa, pelas universidades. Para além de responderem à satisfação das necessidades habitacionais, as residências destacam-se por albergarem um número elevado de estudantes que se propõem viver em comunidades de vida (figura 15), possibilitando uma acção cívica, em complemento da acção educativa da universidade.

A organização destas residências estabelece, dado o número de estudantes que abriga, um conjunto de regras de gestão e funcionamento, fundamentais para cumprir o propósito da construção destes edifícios. Assim, atribuiu-se responsáveis a vários níveis da estrutura para agilizar o processo, sendo o sector do alojamento (SASUC), o que define o regulamento, orienta e dirige a ocupação da residência; o responsável pela residência, o que está presente todos os dias, conduz o funcionamento e supervisiona os residentes; e por fim os delegados, eleitos pelos residentes para os representarem.

Estão envolvidos, de forma mais directa, na caracterização da ambiência e da vida destes edifícios, os residentes, os delegados e o responsável da residência, e é este grupo que gera o círculo colectivo e se apropria do espaço. Para que a integração, o bem-estar e o sucesso dos residentes, no período em que frequentam a Universidade, aconteça da forma mais natural possível, constitui-se essencial desenvolver e estimular o ambiente familiar nestas habitações:

Aquela acção formativa decorrerá naturalmente da própria vida em comunidade, do convívio em ambiente são, da disciplina interna. Além disso, promover-se-á pela assistência moral e religiosa, pela realização de actos culturais, como conferências, cursos, concertos, pela entrega



(Figura 16) - Mapas de tarefas e regras de utilização da cozinha na Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2017.

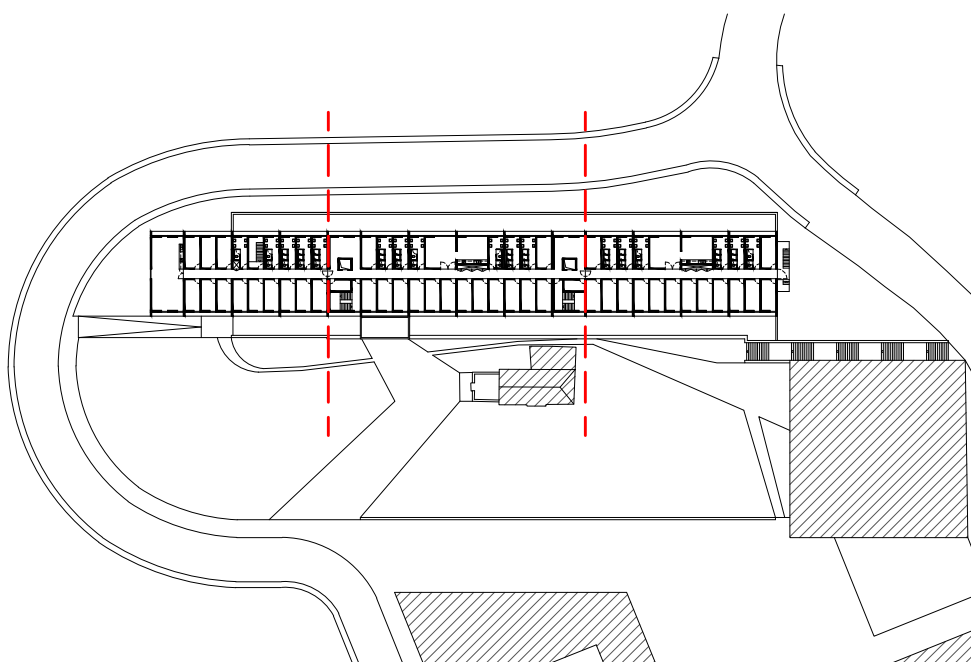
As tarefas na Residência

a práticas gimnodesportivas devidamente orientadas. (Ministério da Educação Nacional, 1966, ponto 6)

O centro de alojamento da Universidade de Coimbra dispõe actualmente de catorze residências Universitárias, dentro das quais uma está restrita a estudantes em mobilidade, pós-graduados, investigadores e professores estrangeiros e disponibiliza apenas apartamentos, o que retira o carácter colectivo aos espaços comuns da habitação, facto que coloca este exemplo fora do contexto deste estudo. Das residências em que o espaço comum, e muitas vezes o espaço do quarto, são partilhados, apenas três abrigam estudantes em número inferior a quarenta e a que tem maior capacidade possui cerca de 268 residentes, o que revela a dimensão destes edifícios e o impacto na organização interna e na estruturação dos níveis Colectivos.

A secção de alojamento desenvolveu um regulamento interno que estrutura a organização e o funcionamento das residências (S.A.S.U.C., 2016), para que de forma mais ágil e regulada, proteja a dinâmica destas e respeite as necessidades impostas pelas questões habitacionais e estudantis no alojamento de estudantes desta escala. É com este regulamento que também se esclareceu que os espaços destas habitações têm de ser catalisadores da integração dos residentes e têm de permitir e estimular, para além das necessidades habitacionais e estudantis, a possibilidade, de neles se expressarem diferentes formas de uso. Isto desenvolve-se devido à variedade de personalidades que habitam as residências, a par do objectivo de alcançar o seu bem-estar, estas habitações procuram estabelecer e alcançar a polivalência dos espaços comuns como dos espaços dos quartos.

Contudo, e apesar da existência deste regulamento permitir o adequado funcionamento das residências, acaba por tornar o desenvolvimento do ambiente interno mais rígido e menos natural, sendo mais difícil, para o utilizador expressar a sua identidade, pois perde o carácter de propriedade e apercebe-se que tem de cumprir um conjunto de regras (figura 16) para que o espaço se torne habitável. Por outro lado, este conjunto de regras leva os residentes a cumprir um conjunto de actividades partilhadas em grupo, sendo estas: actividades de manutenção dos espaços, lúdicas ou pessoais, favorecendo o convívio interpessoal e a responsabilidade comum.



(Figura 17) - Sectores evidenciados na planta do último piso da Residência Universitária Pólo III, Coimbra, 2017.

Os grupos residenciais

A complexidade criada pelo número de residentes que o espaço alberga faz, por vezes, com que a organização dos edifícios se estabeleça repartida em sectores (figura 17). Agrupam-se um determinado grupo de quartos com acesso à cozinha e aos espaços de convívio para diminuir a afluência aos espaços comuns e permitir o seu adequado funcionamento. Estes sectores são definidos, em muitos casos, pelos pisos que conformam o edifício e acabam por determinar grupos residenciais, grupos com uma relação mais próxima, mais evidenciada com o “meio familiar” de origem. Surgem, anexados, os espaços que geram a unidade residencial, de uso Colectivo, constituídos pelos espaços de estudo, de convívio, de recepção, de circulação e de manutenção. Esta organização de espaços desenvolve uma linha que restringe e determina a pluralidade do uso, integra o relacionamento do estudante e apresenta a intensidade das relações na habitação. Ao mesmo tempo que os espaços se estendem desde o momento de entrada até ao espaço dos quartos, surge, acompanhado, um aumento na capacidade de estimular as relações e desenvolver o ambiente familiar. A diminuição da pluralidade dos espaços estimula o aumento da privacidade, da intimidade e do contacto com o outro permitindo ao estudante gerar relações mais próximas. A repartição dos estudantes por sectores diminui a pluralidade dos espaços e faz com que surjam grupos dentro do colectivo da residência. Aqui as relações são próximas e o convívio aproxima-se do convívio familiar.

Toda esta organização está reunida para combater a perda presente da imagem de “casa”, de “habitação familiar”, de “abrigo particular”, que percorre nas ideologias definidas através das vivências marcadas na nossa origem. As habitações pretendem estimular e permitir aos estudantes universitários a integração, o bem-estar, o sucesso escolar, o convívio e a responsabilidade social. São escolhidas pelos estudantes pelo facto de se situarem perto dos edifícios onde são administradas as aulas da universidade e pelo custo reduzido em relação às outras ofertas de alojamento da cidade. A curiosidade pela partilha, pelo convívio, por uma vida académica rica e o mais genuína possível, também são influenciadoras na decisão dos estudantes para se candidatarem às residências.



(Figura 18) - Vista sobre um dos quartos da Real República Pré-Kys-Tão, Coimbra, 2017.



(Figura 19) - Vista sobre um dos quartos da Real República Pré-Kys-Tão, Coimbra, 2017.

O espaço do nível Particular na República Coimbra

Entre a República Coimbra e a Residência de Estudantes

Neste ponto pretende-se reconhecer os usos Colectivos e Particulares, entre a República Coimbra e a Residência de Estudantes, que moldam e estruturam as vivências dos estudantes, nas relações que estabelecem nos espaços. Atribuímos neste estudo relevo ao alojamento estudantil que se estabeleceu em Coimbra e se vincoou ao longo dos anos de evolução da universidade, da cidade e do país, pois consideramos que é fundamental para contextualizar os espaços e as vivências das Residências de Estudantes. Deste modo, defendemos que cada cidade/universidade possui diferentes concepções no modo como estabelece o alojamento de estudantes, resultado da natureza de cada lugar e da própria posição do estudante perante o lugar.

Procuramos as tradições, os costumes e as influências do alojamento estudantil que permaneceram no tempo. Realça-se a relação entre as Repúblicas e as Residências e torna-se essencial perceber as influências das Repúblicas nesta transformação/ evolução do alojamento estudantil para as residências de estudantes, o actual modo adoptado pela universidade para alojar os estudantes.

Estas duas tipologias de habitação estudantil caracterizam-se pela pluralidade de pessoas que absorvem nos seus espaços. É através dela que mais se aproximam, pelo carácter colectivo, mas também é através dela que mais se diferenciam, pela forma como se estabelece essa pluralidade no espaço.

Como já abordámos anteriormente, as Repúblicas realçam o carácter colectivo dos espaços pela importância da partilha e o convívio elevados neles. Observamos o valor desta premissa, quando os quartos destas casas absorvem este mesmo carácter, uma vez que não pertencem efectivamente a nenhum repúblico e em alguns casos é mesmo proibido fechar a porta ou uma permanência contínua (figuras 18 e 19). Com isto, as casas 'perdem' o espaço particular da habitação e não observamos nenhuma transição concreta entre os espaços comuns e os particulares, pois pertencem todos ao Colectivo da república.

As Residências Universitárias de Coimbra não adquirem esta organização espacial, neste programa, encontramos a definição do espaço comum, que pertence a todos os residentes e do espaço particular, que é de cada um, embora na generalidade



(Figura 20) - Vista sobre o espaço de convívio da Real República Rás-Te-Parta, ao fundo vemos a cozinha e à direita o espaço de refeições, Coimbra, 2017.



(Figura 21) - Vista sobre o espaço de refeições e de convívio da Residência Universitária Pólo II-2, ao fundo vemos a cozinha, Coimbra, 2017.

A concentração das actividades comuns no espaço da cozinha

dos casos existam apenas quartos duplos. Verifica-se que as residências de estudantes se aproximam às repúblicas pelo carácter Colectivo, no entanto, nas residências de estudantes para além de inserirem o estudante nas relações com os outros, reconhecem a intimidade da relação Particular de cada estudante.

Na organização espacial destacamos uma das mais relevantes aproximações e influências da república no programa das residências de estudantes. A distribuição dos alunos por sectores autónomos nas residências de estudantes procura encontrar uma escala mais pequena, uma escala mais próxima da república para que o ambiente e as relações também sejam mais fortes e mais próximas do ambiente familiar. Constituem-se assim pequenos grupos com relações de proximidade mais fortes, dentro do Colectivo da residência que, como concluiu o arquitecto Raúl Hestnes Ferreira após a presença no “Colóquio internacional sobre os aspectos Psico-Sociais da habitação do estudante universitário”, esta solução favorece as interacções entre os estudantes dentro do edifício:

Optar, antes, pelas soluções de quartos distribuídos em torno dum núcleo central, formando uma comunidade ao nível do andar, base de formação de comunidades à escala dum edifício. (Hestnes Ferreira, 1961)

Esta divisão é observada pelos espaços que compõem cada sector e permitem o funcionamento independente, entre eles encontram-se a cozinha e, em alguns dos casos, espaços polivalentes. Na República salienta-se a importância do espaço da cozinha não só pela questão funcional, mas também pela proximidade nas relações e o convívio que acontece tanto na preparação de alimentos como na partilha da mesa de refeições (figuras 20 e 21). Estas influências que se reflectem na organização espacial das residências advêm da intenção de aproximar as vivências e o funcionamento daquilo que é a identidade e a tradição do estudante ao habitar em Coimbra. Pois um eventual rompimento das tradições e dos costumes da cidade levaria a uma falta de apropriação do espaço porque os estudantes não se sentiriam identificados com ele:

Ficou demonstrada a necessidade de se entrar em linha de conta com a nossa própria maneira de viver, e de conhecer e respeitar (o que não é



(Figura 22) - Vista sobre a fachada da Real República dos Kágados que procura expressar os pensamentos e os manifestos do colectivo através da fachada para a comunidade, Coimbra, 2017.

A relação da República com a rua

necessariamente sinónimo de reproduzir) as nossas soluções tradicionais.
(Hestnes Ferreira, 1961)

A República Coimbra genuína nasce na cidade através da rua, esta rua é para a habitação o palco de toda a convivência social. Todo o seu edifício se abre para ela e todos os seus residentes estendem as actividades para o seu espaço, é através das ruas que estas habitações de estudantes comunicam umas com as outras, que os espaços de convívio e permanência se abrem, que os estudantes se cruzam, manifestam e convivem (figura 22). De forma oposta, as residências de estudantes de Coimbra voltam-se para o seu interior e “perdem” o convívio com o espaço da rua. Por conseguinte, muitas das actividades que estavam inerentes ao espaço da rua passam também a centrar-se no interior do edifício e são os espaços de circulação que as absorvem. Isto porque são estes espaços que unificam os sectores de quartos, que permitem o contacto, a conversa e o acesso aos espaços comuns. Da mesma forma que a rua unifica as actividades entre as repúblicas, os espaços de circulação unificam os sectores do nível Pessoal e formam o nível Colectivo das residências de estudantes.

Nestes espaços, os de circulação e os de uso comum, visto que a residência partilha o papel da rua, concretiza-se a transição entre o espaço Comunitário, o campus universitário, e o espaço Particular, o quarto. Consideramos ainda, que entre estes dois pontos existem os espaços que pertencem à relação no nível Colectivo e no Pessoal, ou seja, os espaços comuns, estabelecendo assim níveis intermédios na escala Comunitário/Particular.

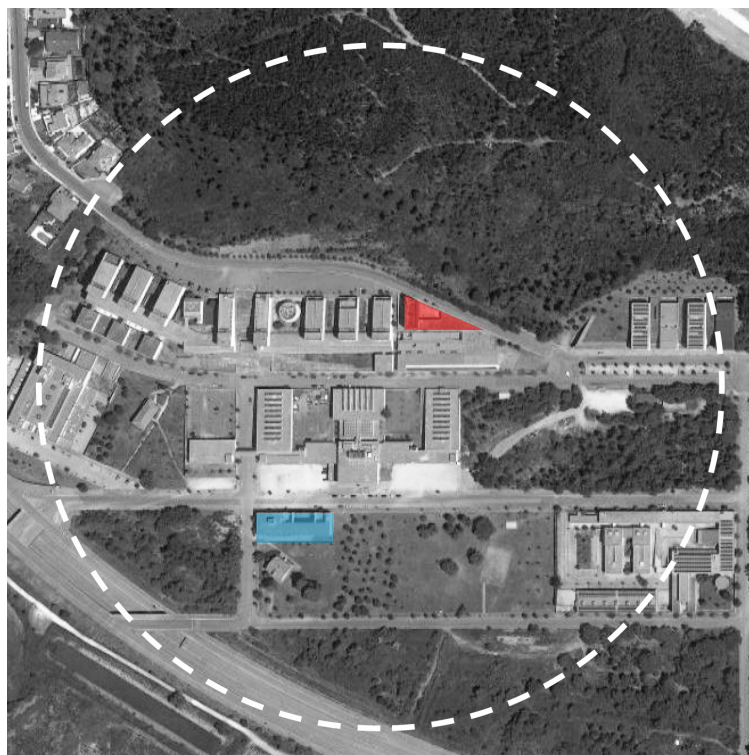
Neste contexto, percebe-se que a rua nas repúblicas, e os espaços de circulação nas residências são, de forma igualitária, fundamentais na estrutura de cada programa, nas vivências e nas relações sociais dos estudantes.

Evidenciamos a sequência de espaços interiores que progressivamente altera o nível de pluralidade no uso, na transição entre o que é colectivo e o que é particular, respectivamente, entre a universidade e a vida privada do estudante.

III.

APROPRIAÇÃO

[...] a capacidade de absorver e comunicar significado determina o efeito que a forma pode ter sobre os usuários, e, inversamente, o efeito dos usuários sobre a forma. Pois a questão central aqui é a interacção entre forma e usuários, o que um faz ao outro, e como um se apropria do outro. (Hertzberger, 1996, p.150)



(Figura 23) - Vista aérea sobre o Pólo II, 2017.



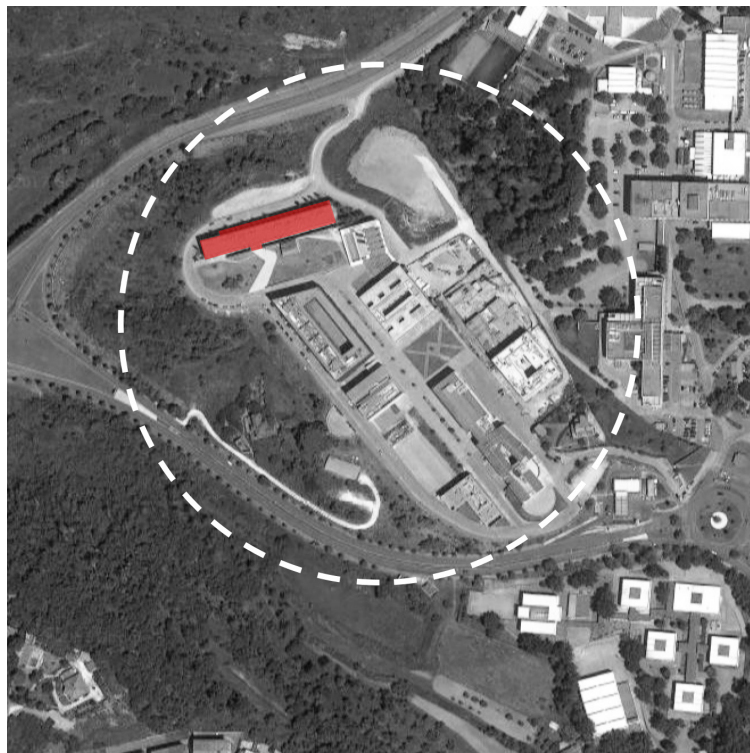
Casos de estudo Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo II-2

A Forma

Estruturamos o presente estudo ao aprofundar a apropriação dos espaços no programa das Residências de Estudantes da Universidade de Coimbra. Aponta-se este programa pois, ao mesmo tempo que procura responder às necessidades habitacionais de cada estudante, de forma particular, também quer cumprir com as carências comuns entre todos, de forma colectiva. Estas intenções compõem o programa absorvendo e conjugando no mesmo nível o Particular e o Colectivo, gerando dentro do edifício, espaços com vários níveis de pluralidade que inscrevem o leque das relações interpessoais do estudante. Esta característica permite-nos então explorar o modo como o espaço, entre o uso Colectivo e o Particular, influi nas relações e na apropriação dos estudantes dos espaços das residências universitárias.

Por fazermos parte integrante do círculo estudantil da cidade de Coimbra, espírito ao qual pertencemos e que permite alcançar resultados mais autênticos pela experiência e pelo conhecimento adquirido ao longo dos anos, foram seleccionadas três Residências Universitárias da Universidade de Coimbra: a Residência Universitária Pólo II-1 (arquitectos Aires Mateus, Coimbra, 1999), a Residência Universitária Pólo II-2 (arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, Coimbra, 2003) e a Residência Universitária Pólo III (arquitecta Paula Santos, Coimbra, 2007).

As características comuns entre os casos de estudo – o programa e a inclusão nos planos de expansão da “cidade universitária” de Coimbra – permitem ao estudo aprofundar o modo como o arquitecto, respondeu através do edifício projectado, às necessidades particulares e colectivas do estudante na relação que estabelece com



- Pólo III
- Res. Un. Pólo III

(Figura 24) Vista aérea sobre o Pólo III, 2017.



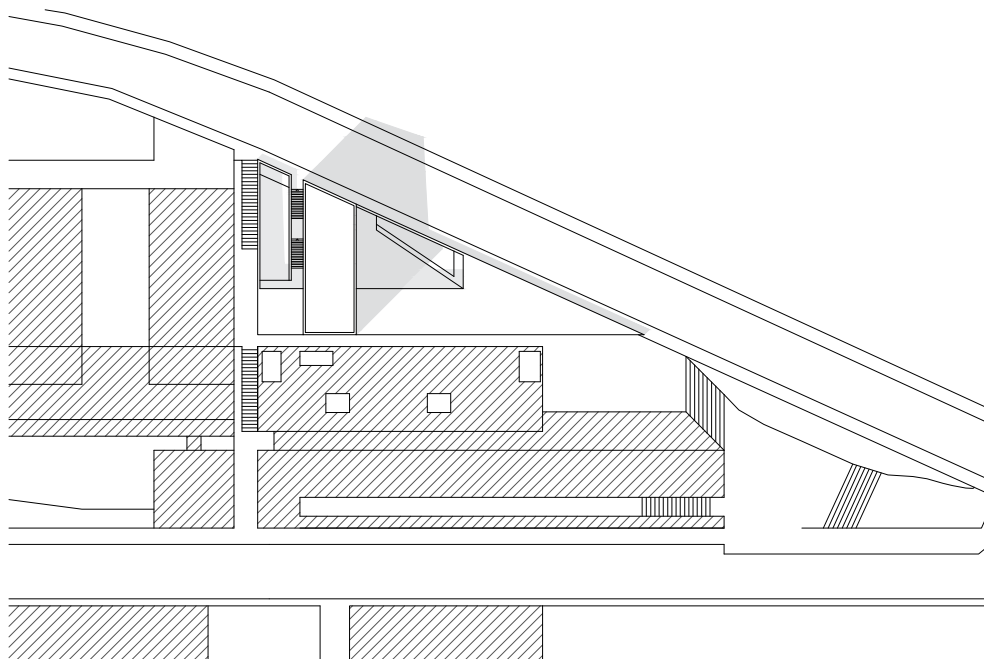
Caso de estudo Residência Universitária Pólo III

os diferentes grupos que o inserem na sociedade. A singularidade do programa e a particularidade de estarem previstos nos planos dos novos *campus* da Universidade de Coimbra aproxima o cruzamento de conteúdos entre os casos de estudo, permitindo um estudo focado na especificidade do programa. Por outro lado, a selecção quis que os casos de estudo se afastassem nas soluções espaciais que apresentam, possibilitando a comparação e daí uma reflexão em relação à forma como as diferenças espaciais se relacionam com o uso Colectivo e Particular.

Apesar das Universidades em Portugal se apoiarem na aproximação à cidade para assegurar as necessidades habitacionais dos alunos, a Universidade de Coimbra vê a responsabilidade de criar estas residências de estudantes para permitir o seu crescimento. Planeadas para fazerem parte do desenvolvimento da universidade para os Pólos II e III iniciados na década de 1980/90, estas instalações assumem-se em espaços previamente planeados e estudados para *campus* universitários. Estes novos pólos que se prevêem em zonas fora da malha urbana e que se desenham em evolução conjunta com a cidade, procuraram expandir a malha urbana e construir a *cidade universitária*:

[...]apesar do debate interdisciplinar em torno do isolamento funcional dos modelos de “campus” ou de “pólo” especializado – apanágio do urbanismo moderno de matriz anglo-saxónica – acreditou-se, paradoxalmente, que, como outrora, essas soluções permitiram à Universidade voltar a “fazer cidade” (Grande, 2010, p.62)

Uma vez que a universidade era vista como impulsionadora de vida na cidade, ao estar distribuída por várias zonas, iria uniformizar e expandir a malha urbana, motivo que reforça a descentralização. Por outro lado, o centro da universidade (actual Pólo I) não tinha espaço disponível para a criação de novos equipamentos a não ser que se expandisse através do plano Salazarista na década de 1940, demolindo parte da cidade.



(Figura 25) - Planta de Implantação, 2017.



(Figura 26) - Vista a nascente sobre o edifício, 2017.

Residência Universitária Pólo II-1, Coimbra, 1999.

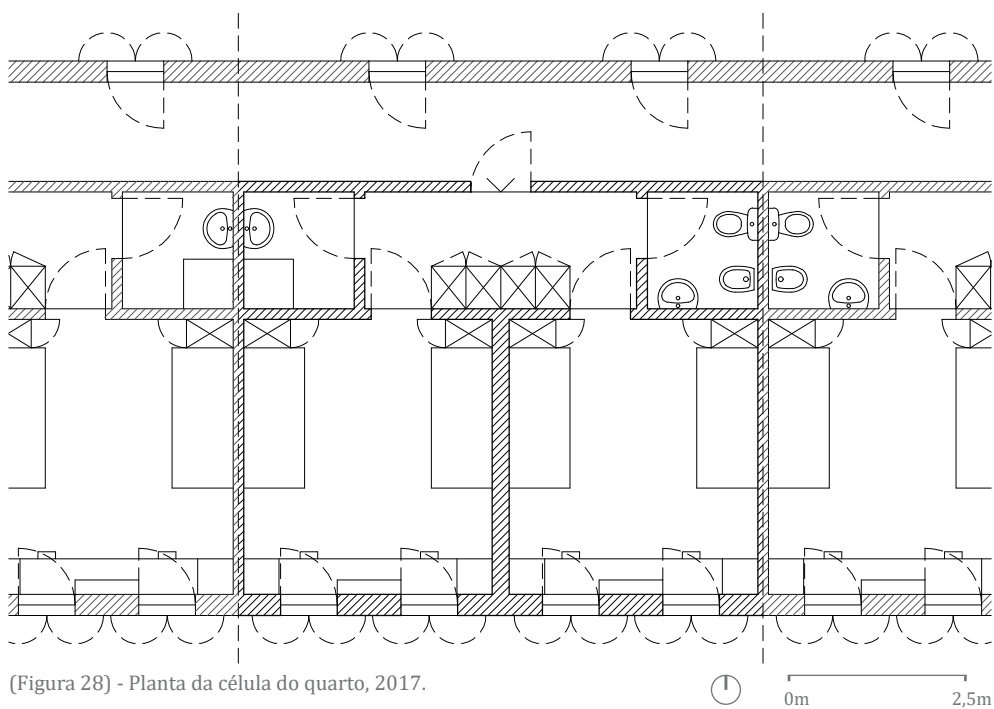
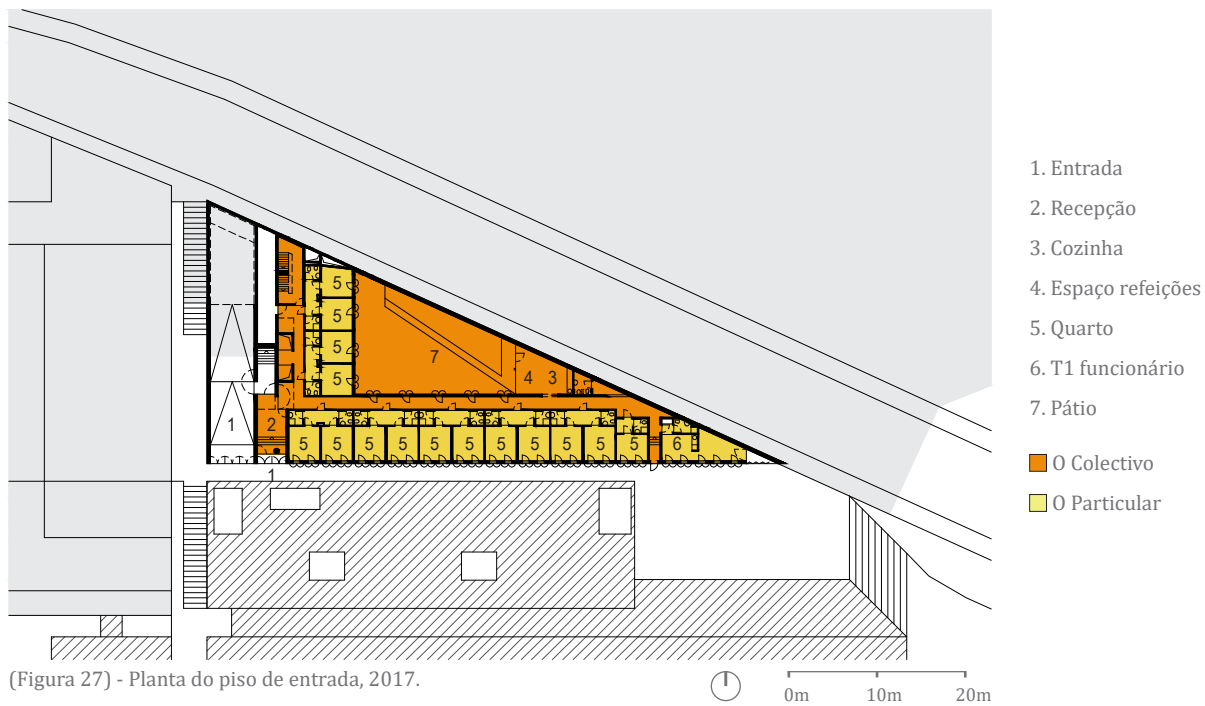
A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA PÓLO II-1

Os níveis mais baixos organizam-se ocupando todo o espaço recriando a morfologia do terreno triangular, inclinada e bela. Uma torre emerge deste embasamento até à altura máxima permitida no Polo. Uma torre que remata a sequência de marcações verticais de outros edifícios, noutros materiais funde-se sobre o pinhal vizinho. (Mateus, 1999)

Descrita pelos arquitectos Aires Mateus, a volumetria da Residência Universitária Pólo II-1 ocupa um terreno triangular com uma diferença de cotas bastante acentuada. A sul o terreno é definido por uma rua pedonal de nível, a norte pela rua Miguel Bombarda que define a inclinação do terreno e a oeste uma escadaria perpendicular à inclinação do terreno separa a residência do Departamento de Engenharia Informática (figura 25). Com um programa extenso, a volumetria tem capacidade para abrigar cento e dez alunos distribuídos por sete pisos em torno de um pátio central. A torre desenha-se numa base rectangular próxima e paralela à escadaria, em que os pisos mais baixos, numa geometria em forma de 'L', criam o embasamento da torre e percorrem a linha da rua pedonal a sul do edifício (figura 26).

A entrada principal faz-se pela fachada sul no ponto mais a oeste do edifício, onde acedemos ao piso zero e se desenha o primeiro espaço que encontramos, local onde se encontram os elevadores. Neste momento, especialmente, encontramos-nos debaixo de um fosso que atravessa todos os andares superiores, permite a entrada de luz natural e cria uma ligação visual e auditiva entre todos os pisos. A partir deste espaço conseguimos alcançar todos os outros, contudo salientamos a ausência de qualquer espaço de recepção ou convívio.

Todos os pisos desenharam um conjunto de quartos com acesso à cozinha, permitindo um funcionamento autónomo e viabilizando o uso eficiente dos espaços comuns. A organização dos pisos divide-se em dois padrões, o primeiro constrói a torre e o segundo ocupa o terreno voltado para o pátio central, sendo que o primeiro é composto por 4 pisos e o segundo por dois. Os pisos da torre, com menor número de camas, desenharam-se a partir de um corredor fechado para o exterior mas aberto para



Os usos Colectivos versus Particulares na Residência Universitária Pólo II-1

dois fossos de luz separados pelo elevador. Os quartos voltam-se para este em busca do nascer do sol e olham sobre o pátio; enquanto a cozinha, no topo do corredor, através de uma janela de canto, marcada pela sua leveza, na linha do olhar mira o Mondego sobre o Pinhal de Marrocos. Os pisos que ocupam o terreno abrigam um maior número de quartos, razão pela qual o espaço da cozinha se torna mais amplo que os superiores. O piso menos um, por ser um piso subterrâneo, direcciona os quartos para o pátio e o corredor é fechado e ausente de luz natural. Percebemos que os quartos apesar de estarem voltados para o pátio, estão voltados para norte e a luz que recebem nunca é directa. O piso zero (figura 27) permitiu voltar os quartos para sul, para a rua pedonal e neste caso, o corredor abre-se para o pátio a partir de pequenas janelas. As cozinhas nestes pisos também se situam no topo dos corredores e estão abertas para o pátio sendo que a cozinha do piso zero que tem uma abertura mais ampla. É nesta cozinha que existe efectivamente uma ligação directa com o pátio, uma vez que o acesso permite aos utilizadores estender as actividades até ao pátio.

O espaço com carácter mais privado da residência, ou seja, o quarto (figura 28), é partilhado por dois estudantes que a par com outros dois estudantes de outro quarto têm acesso comum à casa de banho e ao duche. O acesso faz-se a partir do corredor por um espaço que distribui a ligação entre aos quartos e os espaços de higiene pessoal sem perder privacidade. No interior do quarto as camas ficam encostadas às paredes opostas e sobre a janela que se abre na fachada, encontram-se as secretárias de cada residente.

Sentimos a ausência de espaços de convívio, de estudo e de permanência para além dos quartos, quando “o programa prevê fundamentalmente espaços de quartos dois a dois e áreas de convívio” (Mateus, 1999). Além disso, numa primeira abordagem sentimos a ausência da união e do conjunto, apesar da existência de um pátio que centra toda a organização, tal espaço, não funciona como ponto principal e central do espírito e das vivências dos residentes. Vive apenas da organização em busca de luz e ventilação, acessível e vivido apenas no final de um percurso secundário da residência. Assim sendo, surge a pertinência de questionar se esta versatilidade e neutralidade no uso, demasiadamente marcada nos espaços que unificam a residência, impossibilitam



(Figura 29) - Vista desde a cozinha do piso de entrada, 2017.



(Figura 30)- Vista desde rua Miguel Bombarda, 2017.



(Figura 31) - Vista desde a cozinha do piso -1, 2017.

Pátio central da Residência Universitária Pólo II-1

que os estudantes se relacionem no Colectivo? A neutralidade conduziu à falta de identidade destes espaços, vistos na residência como espaços sem significado em que os estudantes não conseguem apropriar qualquer uso (figuras 29, 30 e 31). Como defende o arquitecto Herman Hertzberger:

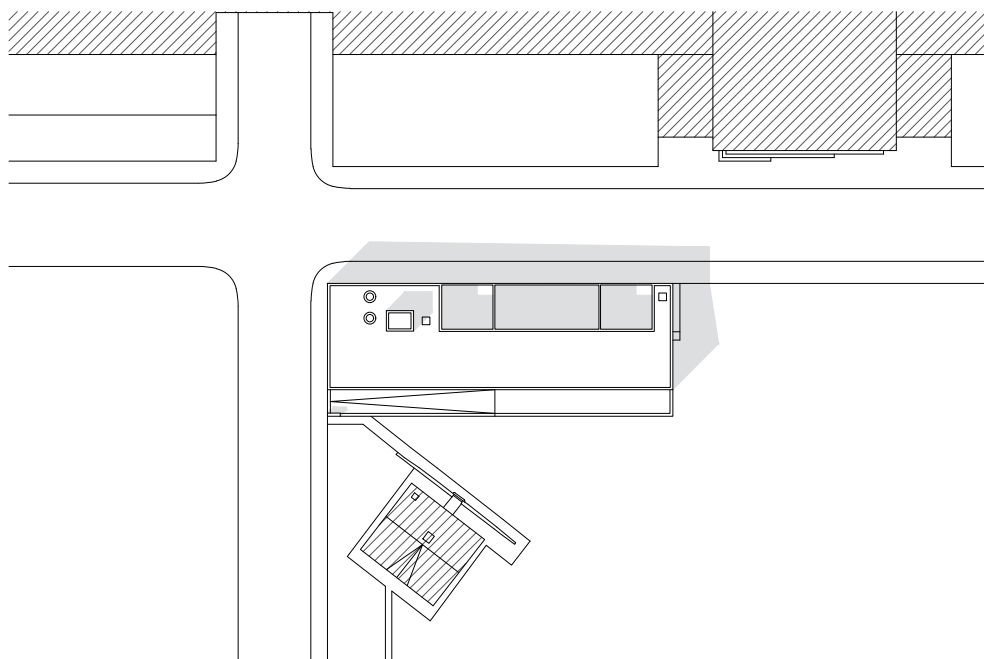
A rápida obsolescência de soluções demasiadamente específicas conduz não só à disfuncionalidade como também a uma grave falta de eficiência, [...] na verdade, a neutralidade consiste apenas na ausência de identidade. (Hertzberger, 1996, p. 146)

Nesta ausência de identidade o estudante não consegue expressar qualquer apropriação nos espaços pois não identificam qualquer traço ou oportunidade de uso. Quando se pensou que a flexibilidade no uso seria um ponto forte, pois os espaços poderiam ser utilizados para vários usos perante diferentes interpretações, e poderiam absorver situações de mudança ao longo do tempo, revela-se que este excesso de diferentes usos ou ausência de usos apontados, faz com que o espaço fique vazio de significado por nele ser difícil tomar qualquer direcção.

Com isto, percebemos que os espaços de uso colectivo deverão apontar o uso para o qual se destina, no entanto, também deverão permitir, nas suas formas, diferentes interpretações para que possam absorver as diferentes identidades dos estudantes de Coimbra. Sendo que o espaço “só pode assumir papéis diferentes se os diferentes significados estiverem contidos na essência da forma, de maneira que sejam uma provocação implícita mais do que uma sugestão explícita” (Hertzberger, 1996, p.149).

A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA PÓLO II-2

Define-se o edifício como uma massa compacta, fechada e enterrada a Nascente, Norte e Poente, vencendo o talude e pousando no olival. Como um corpo simultaneamente suspenso e balançado sobre o vale a Sul. Uma parede vertical em “U” delimita o lote e interioriza os espaços de utilização comum, de apoio, de gestão e de manutenção. Um corpo



(Figura 32) - Planta de implantação, 2017.



(Figura 33) - Vista a ponte sobre o edifício, 2017.

Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2003

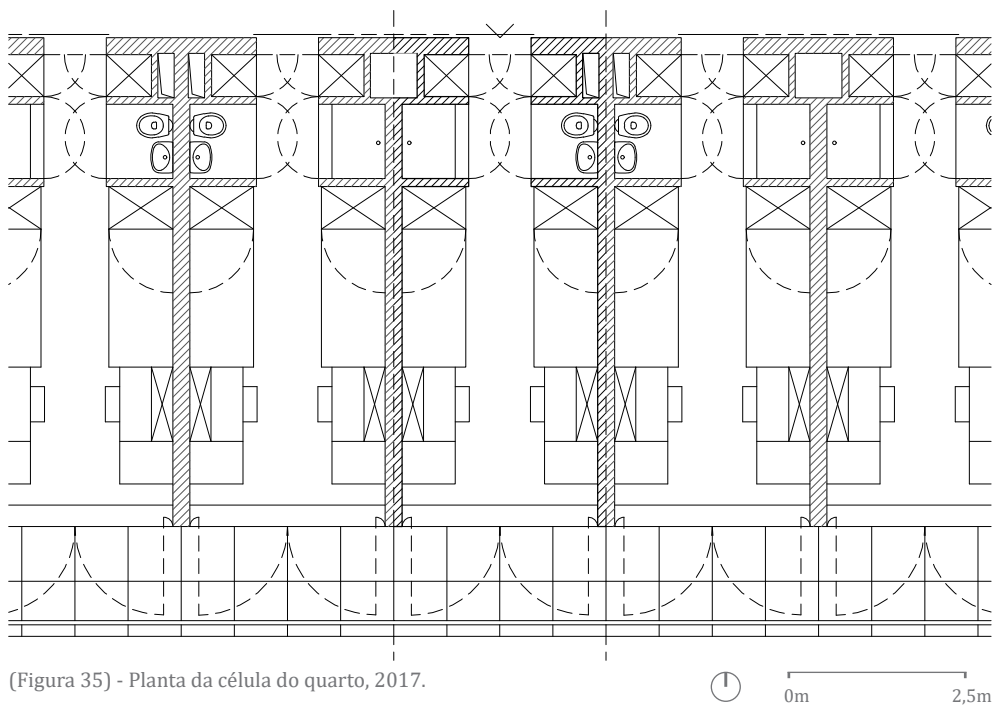
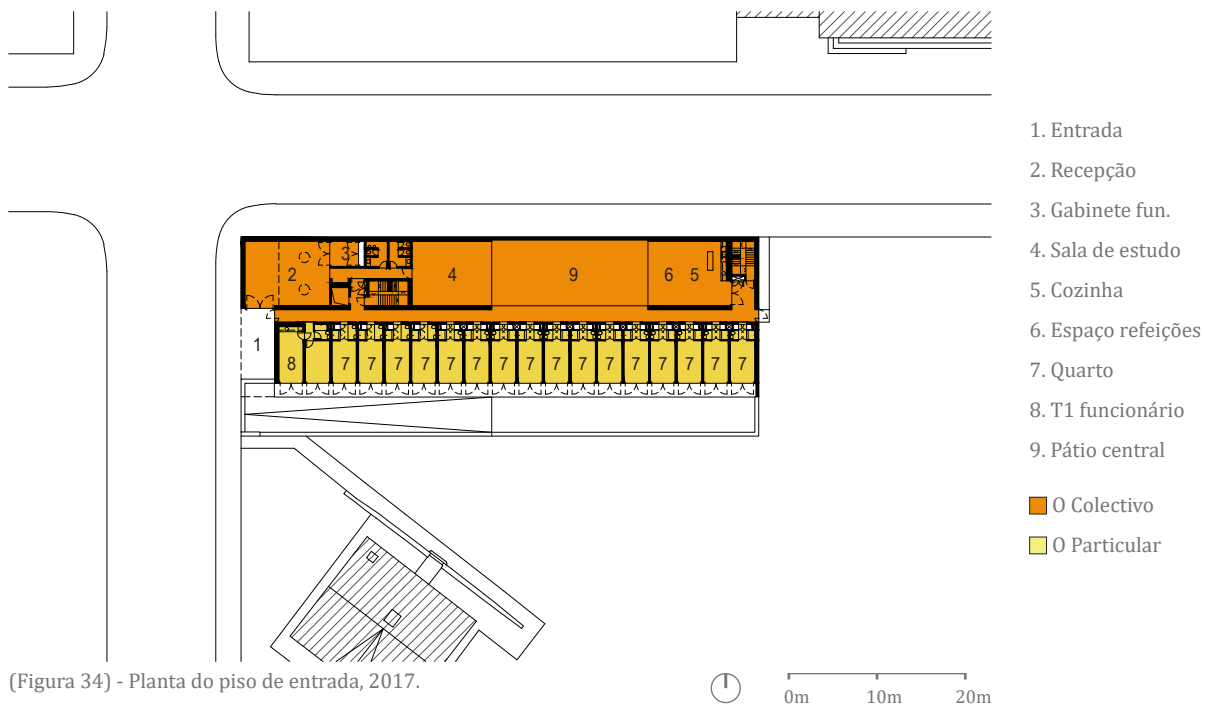
horizontal exterioriza os espaços de alojamento, prolongando os seus limites em varandas. (Martins & Miranda, 2003)

A organização dos espaços que compõem o programa da Residência Universitária Pólo II-2 é descrita pelos autores, arquitecto Carlos Martins e arquitecto Elisiário Miranda, com o objectivo de fechar os espaços comuns, de uso Colectivo, para o interior do edifício, enquanto os espaços dos quartos, de uso Particular, se abrem para o interior do quarteirão. Esta intenção que influencia a imagem exterior da residência entra em confronto com os objectivos do plano de pormenor de Camilo Cortesão e Mercês Vieira, quando é definido que as residências de estudantes deveriam absorver e viver do espaço público, ou seja da rua.

Esta residência (figura 32), com base rectangular, encostada no limite norte/oeste do quarteirão, definido por duas ruas, emerge num volume horizontal que abriga o programa desenvolvido para acolher 160 alunos. A norte, faz par com o edifício do Departamento de Engenharia Civil e a sul apenas encontra a pequena casa do Costa Alemão envolvida por um olival partilhando o mesmo quarteirão. Este contraste entre a massa, a norte, e a transparência, a sul, (Martins & Miranda, 2003) influenciou o contraste entre a fachada norte do edifício, opaca, e a sul, aberta.

O edifício constrói-se em cinco pisos divididos longitudinalmente por um corredor que permite as circulações horizontais e que estão conectados verticalmente por um elevador e uma caixa de escadas no topo oeste e uma outra caixa de escadas no topo este. A entrada (figura 33) faz-se a oeste, marca-se na fachada com um vazio e a partir dela ingressamos num átrio com pé direito total com duas entradas de luz superiores. Este espaço funciona como recepção do edifício ao mesmo tempo que assume o papel de vestíbulo para concretizar a transição entre o exterior e o interior. Daqui temos acesso ao gabinete do gestor e a um corredor direccionado à sala de estudo, às casas de banho gerais, à antecâmara do elevador e à caixa de escadas, sendo que, é através da antecâmara do elevador que temos acesso ao corredor de circulação de todos os pisos.

O corredor é um dos principais elementos que influencia a organização dos espaços, está presente em todos os níveis e divide os pisos em dois sectores. De um



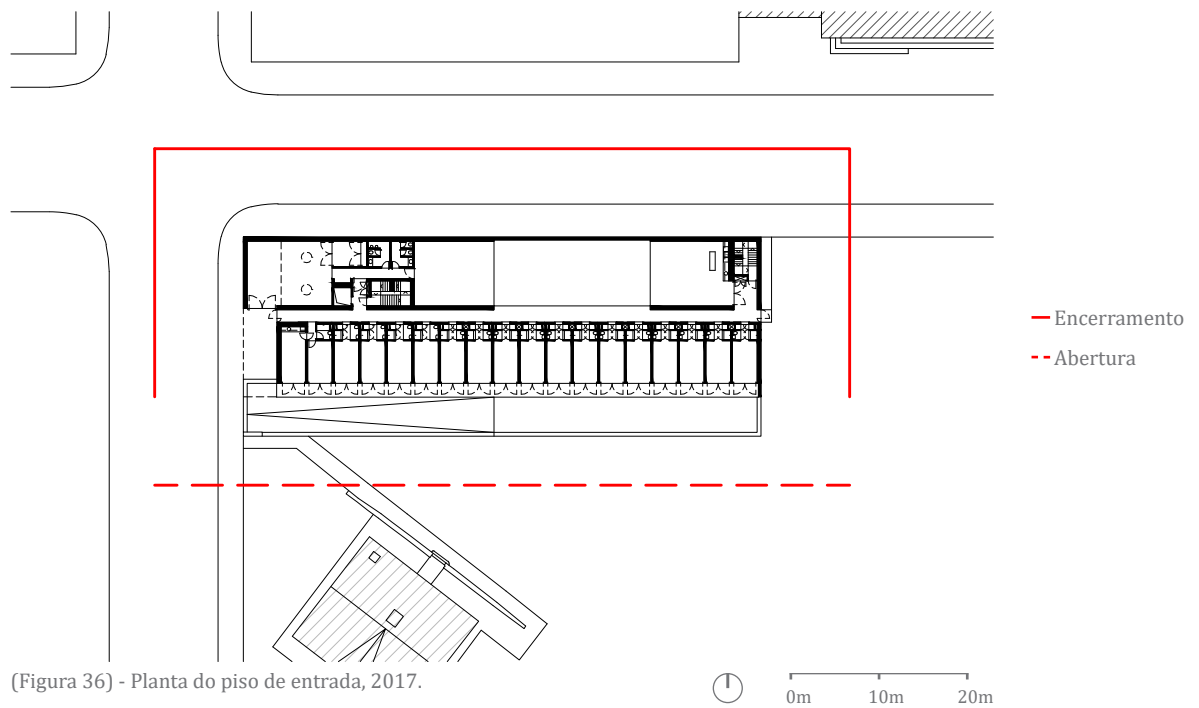
lado estende-se a métrica de quartos, do outro desenham-se os espaços comuns que apoiam o funcionamento da residência, ou seja, o corredor separa os espaços de uso Colectivo dos espaços de uso Particular (figura 34). Os quatro pisos superiores compõem praticamente a totalidade de quartos da residência porque o primeiro piso difere de todos os outros por nele abrigar os espaços de manutenção do edifício. Neste piso, separado ao centro pelo pátio central, organizam-se os espaços da caldeira, da lavandaria, de uma sala de estudo, de armazenamento e de tratamento de roupas, para além dos quartos duplos.

Os pisos restantes diferem apenas no sector dos espaços do Colectivo, sendo que o terceiro, o quarto e o quinto pisos são iguais e o segundo piso difere por ser o piso onde se desenha a entrada. Este sector tem um pátio central que ilumina os corredores, a cozinha e a sala de estudo do piso da entrada, e termina perfurando o sector dos quartos no piso inferior. Adjacentes a este pátio central existem mais dois pátios, um a este e outro a oeste, constroem-se a partir do terceiro piso, e o pátio oeste ilumina as cozinhas dos três pisos superiores.

As cozinhas, uma em cada um dos últimos quatro pisos, localizam-se nos topos do edifício, no piso da entrada do lado este do edifício e nos restantes pisos superiores no lado oeste. Percebemos que cada piso funciona autonomamente mas, pelo baixo número de quartos do primeiro piso, os arquitectos definiram que os residentes desse piso se serviriam da cozinha do piso superior (segundo piso).

Por sua vez, o espaço com uso mais singular da residência, a célula do quarto (figura 35), repete-se metricamente ao longo do edifício, sendo o mais comum o quarto duplo que define a métrica do sector dos quartos:

O quarto duplo, célula matriz da composição dos quartos, subdivide-se duplamente. Longitudinalmente define um lado para cada estudante, separados por uma circulação central. Transversalmente cria, por um sistema de portas de correr e de abrir, dois espaços unificáveis com funções diferentes: dormir e trabalhar (cama e secretária) e apoio (casa de banho e roupeiro). Este sistema permite criar um espaço de vestíbulo separado do quarto e conferir alguma privacidade e versatilidade à zona



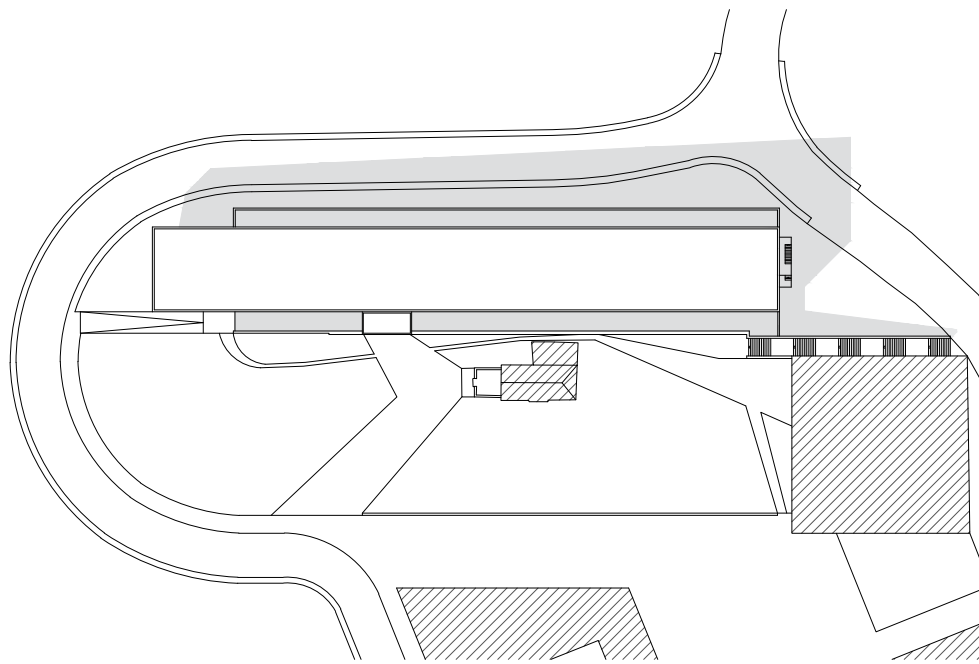
O contacto entre o interior e o exterior na Residência Universitária Pólo II-2

de banho e de vestir. No lado oposto duas portadas abrem sobre a galeria encerrando um espaço exterior privado. (Martins & Miranda, 2003)

Quando observamos, nesta residência, a opção de fechar os espaços do Colectivo do exterior enquanto se abrem os quartos com grandes janelas e varandas contínuas (figura 36), surge a sensação de que existe aqui uma contradição no espaço. O quarto representa o espaço do nível Particular e é o espaço mais *Privado* da residência, no entanto, é o espaço que está mais exposto ao espaço *Público*. Assim e a partir destas observações questionamos qual o impacto do encerramento dos espaços comuns para o exterior da residência nas relações dos estudantes? Este encerramento nos espaços comuns conduziu a uma separação entre as relações interiores no edifício e as exteriores no espaço urbano envolvente, separação que estudantes encontraram oportunidade de combater nos espaços das varandas. Como referem as palavras do arquitecto Herman Hertzberger:

O grau de isolamento, como o grau de abertura, deve ser cuidadosamente doseado, para que sejam criadas as condições para uma grande variedade de contactos, indo desde a decisão de ignorar os que estão à sua volta até o desejo de juntar-se a eles, de modo que as pessoas possam, pelo menos em termos espaciais, escolher como querem se colocar diante dos outros. Também a individualidade de todos deve naturalmente ser respeitada quanto possível, e devemos zelar para que o ambiente construído não imponha o contacto social, mas, ao mesmo tempo, jamais imponha a ausência de contacto social. (Hertzberger, 1996, p. 206)

O que não verificamos nos espaços de uso comum desta residência por estarem fechados para o espaço público. Neste caso os estudantes não têm a oportunidade de escolher contactar com os que passam no espaço da rua e estão limitados apenas ao contacto com os que habitam a residência. No entanto, o espaço do quarto reflecte-se nas palavras do arquitecto Herman Hertzberger quando percebemos que o estudante pode escolher o isolamento ou o contacto. Percebe-se que neste espaço, a abertura da janela não impõem o contacto com o exterior pois o espaço da varanda (figura 37) resguarda a abertura ao mesmo tempo que permite o contacto e a presença no



(Figura 38) - Planta de implantação, 2017.



(Figura 39) - Vista a nascente sobre a entrada do edifício, 2017.

Residência Universitária Pólo III, Coimbra, 2007

exterior da residência. Esta característica do espaço do quarto possibilita o contacto social e o convívio entre os que habitam a residência e os que pertencem à comunidade estudantil no espaço público.

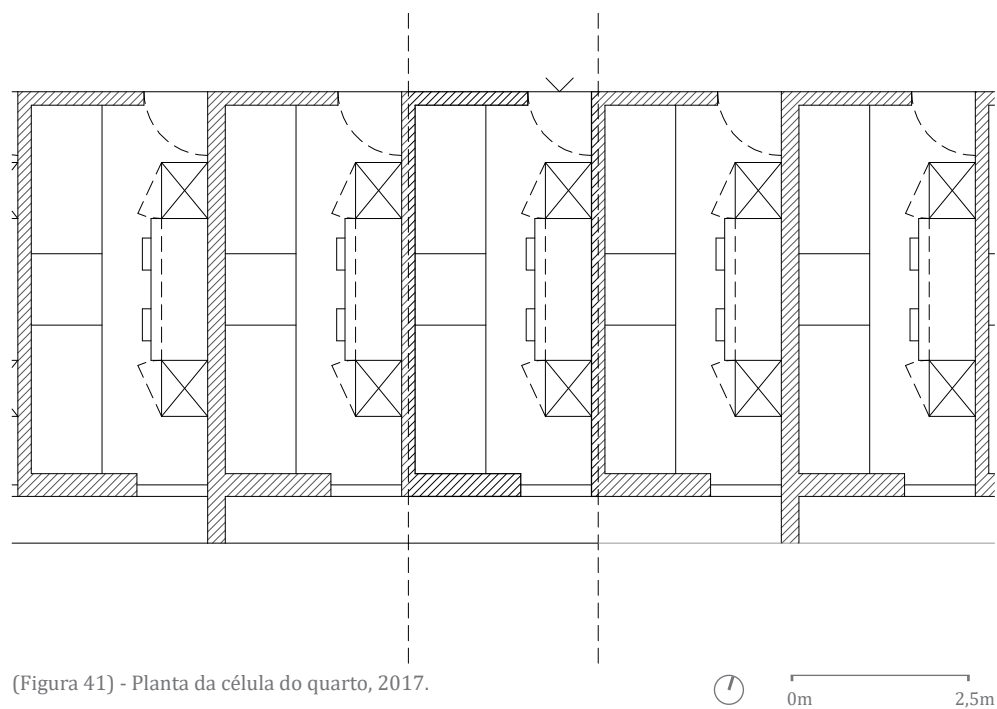
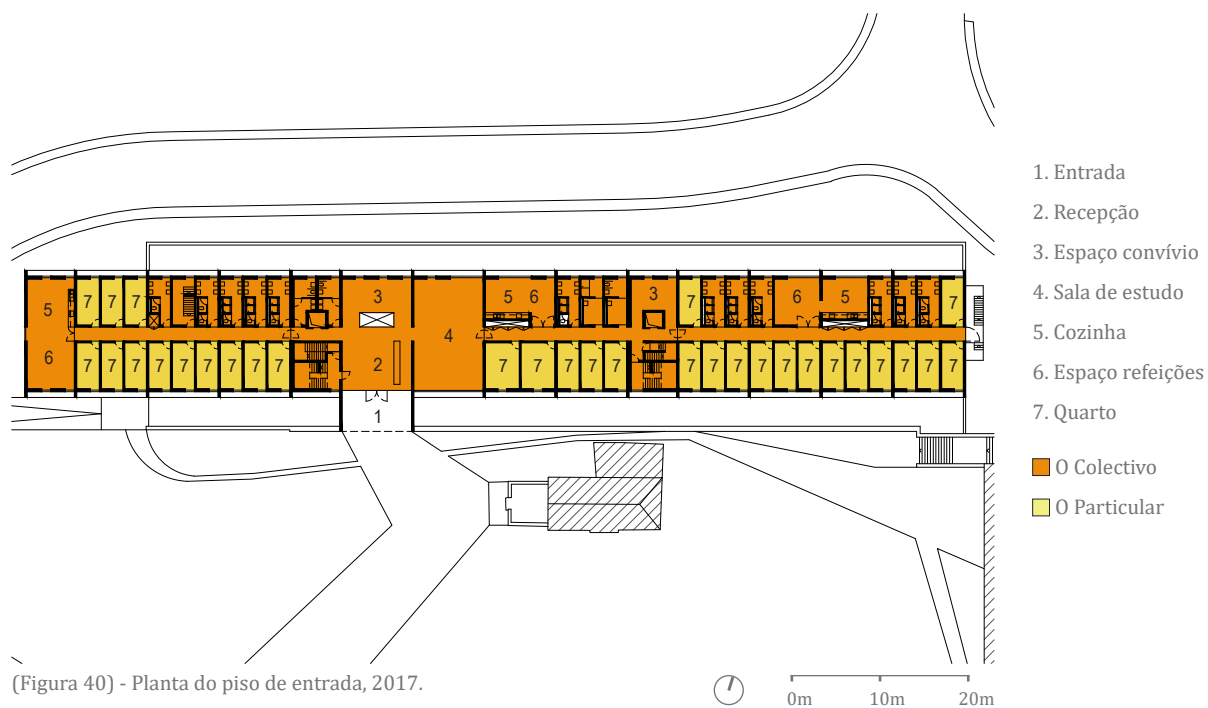
Deste modo, o isolamento no nível Colectivo e a abertura no Particular para o exterior, conduziu a que muitos dos contactos sociais do estudante aconteçam através do espaço que se marca pela sua singularidade enquanto muitas das actividades do nível Colectivo trespassam para o espaço do nível Particular. Assim, o estudante pode escolher ignorar os que estão à sua volta ou juntar-se a eles, dependendo sempre do momento e da apropriação de cada um.

A RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA PÓLO III

O programa do edifício é relativamente simples: as 20 unidades habitacionais são o principal objecto de projecto. Compostas por 6 quartos de dormir contíguos a um lado do corredor, e 3 áreas de sanitário e banho, sala e cozinha a outro, sempre desenhados dentro do módulo do quarto-tipo". (Santos, 2007)

Inaugurada no ano de 2007, esta residência estudantil, projecto da arquitecta Paula Santos, edifica-se no ponto mais oeste do Pólo III da Universidade de Coimbra com capacidade para alojar 166 alunos. Na parcela predefinida no plano de pormenor, caracterizada pela sua forte inclinação, a residência (figura 38) desenha-se em dois volumes idênticos, desfasados no sentido do declive do terreno ao encontro de uma adaptação coerente, ao mesmo tempo que dilui o impacto da dimensão do edifício. Numa zona caracterizada pelo vazio urbano, o edifício estende-se ao longo de cento e oito metros de comprimento no sentido este-oeste. No lado longitudinal norte, a residência afirma-se pela forma, linguagem e expressão, elevada sobre a encosta que atravessa a circular interna. Na fachada (figura 39) oposta recebe os seus residentes e cria uma relação visual com o restaurante e o edifício da Faculdade de Farmácia separados pela praça que relaciona os três edifícios e distribui a circulação pedonal.

Quatro pisos constroem a volumetria do edifício, dois em cada corpo desfasado,



Os usos Colectivos e Particulares na Residência Universitária Pólo III

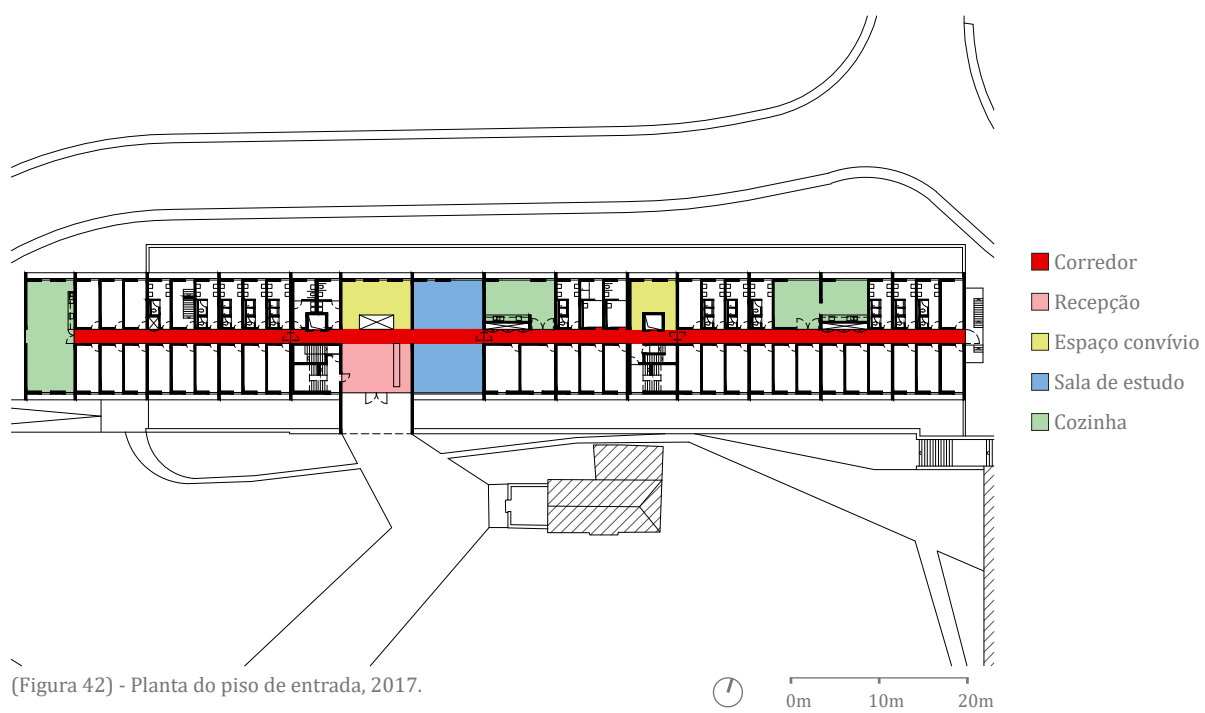
o superior aproxima-se da praça e o inferior afasta-se através de um muro de suporte, surgindo um pátio parcialmente coberto pelo volume superior, que permite a entrada de luz e a ventilação dos espaços da fachada destes dois pisos inferiores ao nível da praça.

A entrada estabelece-se assim no terceiro piso do edifício, no centro da fachada sul, marcada por um corpo que sai do edifício e pousa na praça em forma de ‘ponte’ sobre o pátio. Entramos num espaço que funciona como recepção e zona de convívio onde se consegue aceder directamente à sala de estudo, aos elevadores, à caixa de escadas e ao corredor de piso.

A organização divide-se por módulos de unidades habitacionais autónomas, três por cada piso. Cada unidade compõe um conjunto de quartos com acesso à cozinha, ao espaço de convívio, à casa de banho, ao elevador e à caixa de escadas. Entre as unidades habitacionais, existem duas que saem da regra geral: a primeira, no segundo piso, para desenhar a lavandaria e o ‘T1’ do vigilante; e a segunda, no meio do piso de entrada (figura 40), por sua vez, para além de construir a entrada, desenha a sala de estudo, os dois quartos para alunos com deficiência motora e ainda três quartos duplos. Os espaços que compõem cada unidade separam-se pelo corredor central de distribuição que divide lateralmente os espaços de uso Pessoal e Colectivo, dos espaços de uso Particular (figura 40). Nos dois pisos inferiores os quartos voltam-se para a encosta e os espaços comuns abrem-se para o pátio. Esta planta é espelhada nos dois pisos superiores, direccionando os quartos para a praça e os edifícios do pólo enquanto os espaços comuns voltam-se para a circular interna.

As casas de banho integram-se nos espaços de uso comum, ou seja, não se encontram em conjunto com o espaço do quarto e funcionam como “balneários”. Os quartos com o espaço muito limitado, são duplos e organizam-se numa planta rectangular, colocando transversalmente as camas a um lado e as secretárias e roupeiros a outro (figura 41). Nos dois topos longitudinais existem duas aberturas, uma de entrada, conectada com o corredor, outra, uma janela estreita e a toda a altura do pé direito:

Os quartos assemelham-se a celas, compartimentos bastante contidos,



(Figura 42) - Planta do piso de entrada, 2017.

O percurso do corredor na Residência Universitária Pólo III

cuja função é estritamente a de dormir e trabalhar. (Santos, 2007)

Ao espaço da cozinha agrega-se uma sala de jantar com polivalência para sala de estar e de convívio. Para além deste espaço cada unidade habitacional tem um espaço de convívio junto ao elevador. Interessa destacar que o corredor (espaço de circulação) não funciona como um percurso com início e fim, ou seja, é um espaço que para além de distribuir a circulação permite a permanência das actividades dos estudantes. Constatamos que o espaço das cozinhas e de convívio se abrem para o corredor, absorvem o seu espaço e surgem pontualmente. Apesar do forte impacto que provoca na planta, ao atravessar na totalidade o piso, o corredor permite uma sucessão de acontecimentos ao longo do seu percurso (figura 42). Perante este cenário questionamos se será este percurso impulsor das relações no Colectivo e no Pessoal? O corredor ao agregar e promover usos Pessoais está a gerar a unidade das relações na residência, ou seja, está a gerar a interacção do nível Colectivo. Associamos este entendimento ao da rua pela noção do arquitecto Herman Hertzberger:

A rua é [...] um lugar onde o contacto social entre os moradores pode ser estabelecido: como uma sala de estar comunitária, [...] não só para a interacção quotidiana como também para as ocasiões especiais, de modo que as actividades comunitárias e as actividades importantes para a comunidade possam ser realizadas. (Hertzberger, 1996, pp. 48-59)

Referimos aqui a rua pois consideramos que tal como a rua é um percurso que cria a unidade entre as habitações, da mesma forma, o corredor é um percurso que unifica todos os espaços das residências. Entende-se assim a importância do espaço do corredor para fomentar e abrigar as interacções e as actividades que constituem do nível colectivo quando funcionam como espaços de convivência.

Desta forma, percebemos que neste caso o espaço do corredor envolvendo todos os residentes e misturando-se com os espaços de permanência permite uma apropriação colectiva na interacção e no convívio entre os estudantes.

O Ambiente

Neste momento alcançamos efectivamente a interacção entre a forma e o uso dos grupos sociais dos estudantes nas três residências universitárias apontadas como casos de estudos. Fragmentámos esta reflexão nos níveis de interacção social identificados no primeiro capítulo, optando assim por uma análise que se quer focada em cada grupo de interacção do estudante com os outros. A abordagem parte do geral para o particular, iniciando-se com as interacções mais distantes que progressivamente são percorridas até alcançar a relação individual do estudante.

Como suporte para o entendimento das acções e do uso dos espaços por parte dos estudantes, desenvolvemos um inquérito em cada caso de estudo, cujos apresentados em anexo. Neste inquérito as questões organizaram-se em três grupos: o primeiro direccionou-se ao colectivo, ou seja aos espaços onde surgem os colectivos do estudante; o segundo apontou para a intimidade de cada estudante, ou seja para os espaços mais particulares; e o terceiro influiu sobre relação entre o colectivo e o particular procurando entender a formação e a delimitação dos grupos sociais do estudante dentro do programa das residências.

Para além dos dados recolhidos com os inquéritos, realizámos conversas informais e sem guião com o(a) funcionário(a) responsável e com um estudante em cada caso de estudo, apresentados também em anexo. Escolhemos este modo mais informal na relação para aproximar os locutores e habitantes, e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

Associando os conteúdos desenvolvidos no subcapítulo anterior, abordamos



(Figura 43) - Vista sobre o espaço livre central do Pólo III, 2017.



(Figura 44) - Vista sobre o espaço livre entre o edifício da Unidade Central e o da Faculdade de Farmácia no Pólo III, 2017.

A relação no nível Comunitário

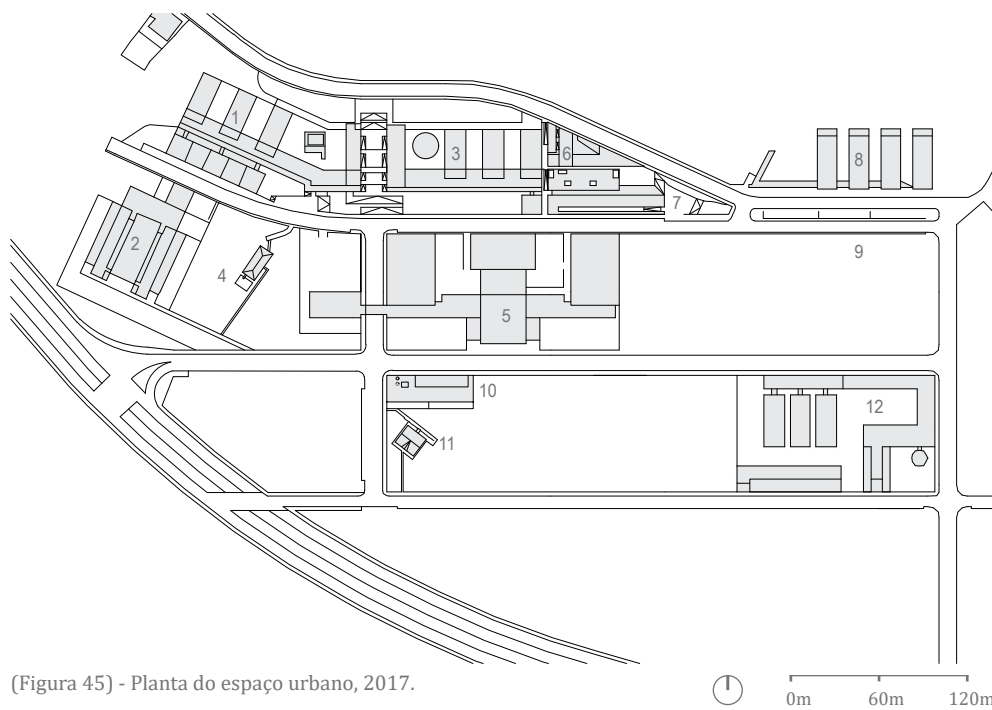
a forma na sua relação com as acções e as vivências dos estudantes, através dos conteúdos adquiridos nos inquéritos e nas conversas, para entendermos como as diferenças espaciais se relacionam com os usos Colectivos e Particulares nos casos de estudo.

NO SOCIAL E NO COMUNITÁRIO

A relação no nível Social e nível Comunitário é fundamental para ultrapassar o eventual problema do isolamento dos estudantes. É fundamental que o estudante pertença e se insira na comunidade universitária e é de igual modo fulcral que esta comunidade se inscreva e conviva com a cidade, embora se encontre fora dos espaços interiores das residências de estudantes, é parte influente na integração e nas relações interpessoais dos estudantes. Como defende o arquitecto Raúl Hestnes Ferreira, é necessário que a “comunidade universitária se integre na vida duma comunidade maior, sem perder o seu carácter próprio mas propiciando um intercâmbio válido com outras camadas da população” (1961).

Tanto as residências de estudantes, como o espaço urbano em que se inserem, são intervenientes activos nas relações da comunidade universitária (figuras 43 e 44) e fomentadores da interacção desta com o nível Social, ou seja com a cidade. Desta forma, o espaço urbano assume um papel essencial nas relações destes grupos sociais e é o palco onde tudo acontece. Por isto, os espaços da cidade devem permitir a permanência, impulsionar as interacções, os cruzamentos dos estudantes e proporcionar continuidade espacial e ligação com outros pontos da cidade, com outros grupos comunitários. A intervenção da residência, neste caso, advém da sua localização e da sua abertura e contacto com o espaço exterior que a rodeia.

Sustentado na ideologia de expansão do espaço da cidade, na zona de Portela, na mira do Mondego, projecta-se o Pólo II, projecto de Camilo Cortesão e Mercês Vieira, regrado por um desenho que “parte de um vocabulário identificável de praças, ruas, escadarias e jardins, com uma escala encontrada no tecidos consolidados da Cidade, que repõe um desenho de quarteirões, numa malha com a métrica e alinhamentos



1. Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores
2. Departamento de Engenharia Química
3. Departamento de Engenharia Informática
4. Casa da Pedra
5. Departamento de Engenharia Civil
6. Residência Universitária Pólo II-1
7. Cantinas
8. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Serviços Centrais
9. Estação de carregamento de veículos eléctricos
10. Residência Universitária Pólo II-2
11. Casa do Costa Alemão
12. Departamento de Engenharia Mecânica



(Figura 46) - Vista desde a rua Miguel Bombarda sobre um dos espaços livres gerados pelos edifícios do Departamento de Engenharia Informática, 2017.

do Bairro Norton de Matos” (Vieira & Cortesão, 2003, p.225). Neste pólo instalaram-se as Engenharias da Faculdade de Ciências e Tecnologias e a habitação estudantil é assegurada através dos casos de estudo da Residência Universitária Pólo II-1 e da Residência Universitária Pólo II-2.

O plano define-se por uma métrica de ruas que geram quarteirões ocupados pelos edifícios universitários que construíram e deram corpo ao Pólo II (figura 45). No plano pormenor, estes edifícios de ensino deveriam ocupar o espaço, usufruindo do seu interior, tendencialmente semi-público, ou seja comunitário; as residências universitárias e as particulares, como o comércio e os serviços, de forma oposta, deveriam abrir-se para o espaço público proporcionando o convívio entre o Colectivo da residência e a comunidade universitária:

O comércio, habitação e residência de estudantes voltam-se para o exterior público, enquanto os edifícios universitários usufruem dos interiores de quarteirão, mais protegidos, com interiores encerráveis, de uso semi-público. (Vieira & Cortesão, 2003, p.226)

O primeiro edifício construído, desenhado pelo arquitecto Gonçalo Byrne para os Departamentos de Engenharia Informática e Electrotécnica de 1994, reflecte esta intenção de o departamento viver para si mesmo, voltado para o seu interior, para o seu núcleo/comunidade estudantil. Através da repetição de uma série de volumes, o arquitecto gerou espaços livres no interior do quarteirão que criam a transição entre o espaço público e o *semi-privado* que pertence ao círculo do departamento (figura 46). Percebemos assim, que o desenho do edifício marcou dentro do quarteirão o espaço do nível Comunitário, o espaço *semi-público*, o espaço que permite o contacto, a interacção e o convívio da comunidade estudantil, sendo que por sua vez, dentro do espaço do nível Social demarcou e aproximou o grupo estudantil que habita o departamento.

Da mesma forma, os edifícios dos departamentos de Engenharia Mecânica, de Engenharia Química, de Engenharia Civil e o da Unidade pedagógica Central, que surgiram após o projecto de Gonçalo Byrne, geram espaço no interior do quarteirão e vivem do seu núcleo e da sua actividade e uso diários.



(Figura 47) - Vista a nascente sobre o espaço livre a sul do edifício do Departamento de Engenharia Electrotécnica, 2017.



(Figura 48) - Vista sobre a entrada de edifício do Departamento de Engenharia Electrotécnica, 2017.



(Figura 49) - Vista sobre a rua Sílvio Lima, 2017.

O espaço comunitário no Pólo II

Entendemos que o crescimento do número de alunos impôs um significativo acréscimo de edifícios universitários, porém, opondo-se aos objectivos do plano de pormenor, os serviços, o comércio e a habitação não acompanharam o desenvolvimento do pólo e a cidade ainda não revela ter absorvido o espaço universitário:

A concretização dos programas de comércio e de habitação e a construção das praças públicas e espaços verdes, é entretanto indispensável para o sucesso do modelo proposto, que se baseia numa vida urbana que só a complexidade dos usos permite. (Vieira & Cortesão, 2003, p.227)

Repare-se que o pólo vive praticamente isolado da vida da cidade e intriga-nos perceber o modo como funciona e funcionou noutros tempos num contexto mais debilitado, com défice de habitação estudantil acompanhado de um ineficaz serviço de transporte público com ligação à cidade por apenas duas linhas:

[...] o verdadeiro problema deste pólo na vida social aparece porque estamos muito afastados da cidade, ao mesmo tempo que também estamos muito limitados a nível de transportes. (Santos, 2016,p.176)

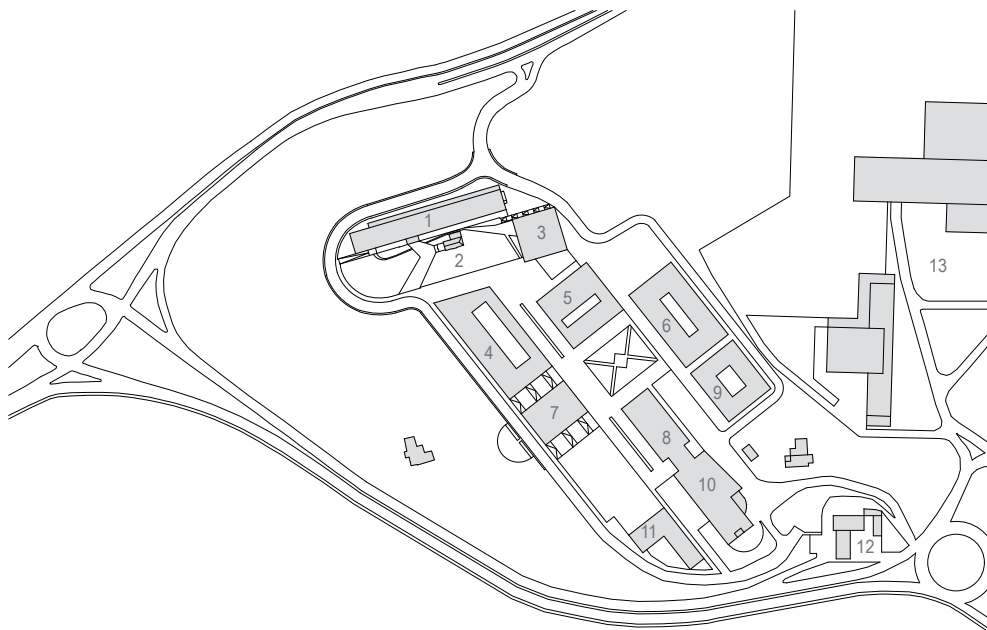
Apontamos que a primeira residência universitária deste pólo, um dos casos de estudo, surge cinco anos após o primeiro edifício de ensino. Aclamada desde o início do desenvolvimento deste *campus*, a Residência Universitária Pólo II-1 edifica-se numa parcela de terreno bastante demarcado que desenha o limite do quarteirão. A capacidade máxima de cento e dez estudantes revelou-se, como previsto, insuficiente para combater o défice na habitação estudantil, apaziguado em 2003, quatro anos depois, com a construção da Residência Universitária Pólo II-2, disponibilizando mais cento e sessenta e quatro camas. Este esforço procurou incentivar o desenvolvimento da cidade (serviços, comércio, habitação e lazer) para o espaço deste pólo universitário.

Com a permanência de um número maior de alunos, era expectável que os serviços e o comércio absorvessem esta parte da cidade visando apoiar as necessidades criadas pelo dia-a-dia dos estudantes, expectativas que não se concretizaram até aos dias de hoje. Com isto, rapidamente percebemos que não existe “vida de rua”, isto



(Figura 50) - Vista a ponte sobre a rua Sílvio Lima, entre Departamento de Engenharia Electrotécnica e o Departamento de Engenharia Civil, Pólo II, 2017.

1. Residência Estudantil Pólo III
2. Capela de Santa Comba
3. Cantina Pólo III
4. Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra
5. Unidade Central do Pólo III
6. Instituto nacional de Medicina Legal
7. Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra
8. Subunidade I, Faculdade de Medicina
9. Subunidade III, Faculdade de Medicina
10. Alibili
11. ICNAS
12. Bomba Combustível
13. Hospitais da Universidade de Coimbra



(Figura 51) - Planta do espaço urbano, 2017.

Pólo III da Universidade de Coimbra

é, ao nível do desenho do espaço público temos os edifícios de ensino centrados no seu interior; temos residências universitárias que a par dos edifícios de ensino surgem em torno de pátios centrais, contrariando o plano de pormenor; e não temos serviços, cafés, supermercados, entre outros, necessários para apoiar e usufruir do espaço público (figura 50). Este contexto levou a rua a absorver o papel de espaço de circulação enquanto perdeu o carácter vivencial, de permanência, de cruzamento e de convívio, caracterizado como palco da vida Social.

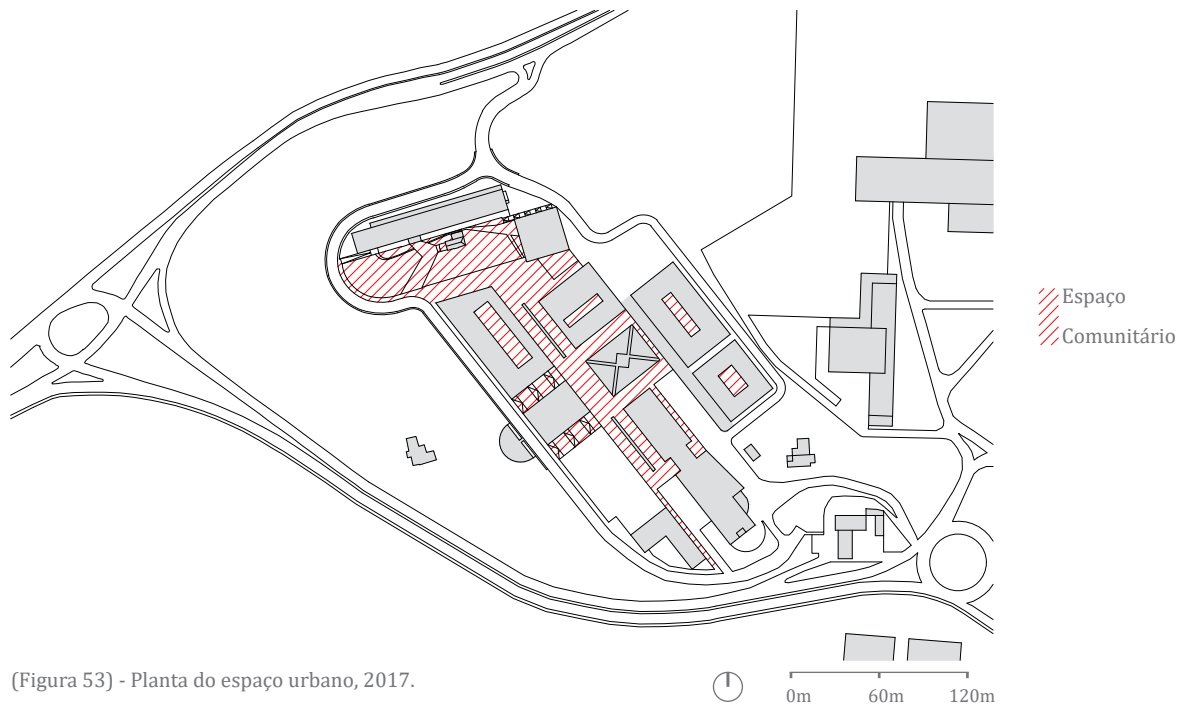
Com os mesmos objectivos do Pólo II desenvolve-se o Pólo III da Universidade na zona de Celas no final da década de 1980. Associa-se ao Hospital Universitário de Coimbra para desenvolver as instalações da Faculdade de Medicina e mais tarde, numa reestruturação do plano, “permite também a construção das novas instalações da Faculdade de Farmácia” (Santos, 2003, p.230) para assim agregar “as ciências da Saúde” num novo *campus* universitário. Aqui edifica-se o terceiro caso de estudo, a Residência Universitária Pólo III de 2007, projecto da arquitecta Paula Santos. O novo pólo universitário deveria fazer parte da cidade, pretendendo-se que o resultado final primasse pela diversidade e não pela monofuncionalidade focada no ensino da universidade:

Sendo objectivo da Universidade de Coimbra, expresso no Programa do seu Plano Geral a completa integração Universidade-Cidade, é importante que se preveja a possibilidade de construção de habitação não académica, comércio e outros serviços. (Bernardino, 2013, p.127)

Num terreno muito particular, junto a uma encosta contornada pela circular externa, o plano de pormenor é do arquitecto Eduardo Rebello de Andrade (figura 51). O desenho actual do plano resulta de um mapa de espaços destinados aos edifícios de ensino que comunicam através de uma sucessão de pequenos espaços abertos, maioritariamente pedonais. Os edifícios de ensino e investigação construídos, usufruindo de um significativo espaço, voltam-se para o seu interior através de pátios interiores, tal como também acontece no Pólo II. Os espaços abertos criam a união entre todos os edifícios do *campus* e atribuem um carácter espacial que distingue os dois planos de pormenor apontados. Estes assumem-se como espaços



(Figura 52) - Vista sobre o Parque e os Objectos, 2017.



(Figura 53) - Planta do espaço urbano, 2017.

O espaço comunitário no Pólo III

de distribuição e circulação, ao mesmo tempo que se caracterizam como espaços de permanência e união das vivências do círculo Comunitário deste pólo. Talvez por esta razão o arquitecto Nuno Grande intitule este pólo como “um parque de ‘objectos’ arquitectónicos” (Grande, 2010, p.63). Entendemos que o arquitecto apelida os edifícios de *objectos* pelo facto de neste pólo surgirem como polígonos, implantados paulatinamente de acordo com a malha planeada e diferenciados, “sobretudo, ao nível das linguagens e da sua materialização” (Grande, 2010, p.63), como *objectos* de arte estáticos (figura 52). No entanto, neste estudo interessa realçar o facto de o arquitecto denominar o pólo como *parque*, pois é de facto interessante perceber que os edifícios parecem surgir numa planta livre que se vai sucedendo e construindo, e que do espaço vazio gerado por eles, resulta a unidade e o conjunto do *campus* universitário, ou seja, a unidade e o conjunto das relações e dos acontecimentos no nível Comunitário.

Em qualquer dos casos abordados verifica-se que o objectivo primordial da Universidade de Coimbra não foi atingido, ou seja, nenhum dos dois pólos alcançou a relação *Universidade-Cidade*, pois:

[...] ainda não conseguiram “fazer cidade”, algo que só se tornará possível, no momento em que, física e socialmente, se deixarem “contaminar” por outras “urbanidades”, tornando-se, desse modo, em realidades pluri-formais, multi-funcionais. (Grande, 2010, p.64)

Entende-se que a vida social ainda está fora do espaço que desenha os pólos e percebe-se que estas zonas surgem no espaço urbano da cidade em ‘ilhas’ isoladas por vias de acesso principais que criam barreiras espaciais. Constata-se, da mesma forma, que nenhum dos planos “teve oportunidade de mostrar o que vale. As cidades levam tempo a consolidar-se, muitos dias têm de passar para que um plano se transforme em coisa real” (Santos, 2003, p.229)

Apesar desta questão em torno da relação no nível Social, percebemos que no nível Comunitário, o Pólo III unifica e gera o ambiente da comunidade estudantil (figura 53), enquanto no Pólo II separam-se os grupos Colectivos, contíguos a cada edifício, no espaço urbano que os rodeia. No Pólo II, os edifícios geram e separam o



(Figura 54) - Jantar de natal. Vista desde a sala de estudo sobre o pátio central, ao fundo a cozinha e à direita o corredor. Residência Universitária Pólo II-2, 2017.

A relação no nível Colectivo

seu espaço envolvente permitindo a interacção do Colectivo no exterior da habitação separada da comunidade, enquanto no Pólo III o espaço exterior é partilhado por todos os edifícios, sendo apenas um. Esta centralização das actividades exteriores cria um ambiente e um espírito comunitário, de partilha e convívio conjunto que envolve os estudantes que habitam o Pólo III da Universidade de Coimbra.

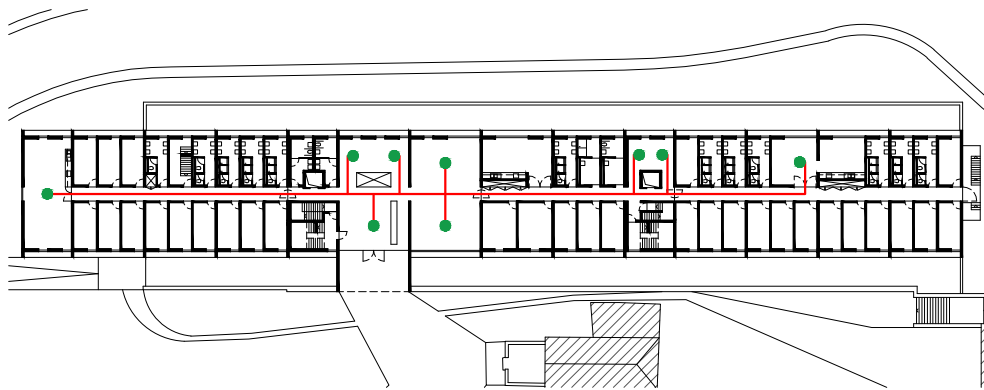
NO COLECTIVO

Ao abordar o nível Colectivo, abordamos o conjunto das residências de estudantes, a totalidade dos seus espaços e as relações que neles se inserem. Os espaços que criam a unidade das residências são os que, por meio do uso, pertencem a todos. Dentro das residências, nos casos de estudo, referimos os espaços de circulação como o primeiro e necessário espaço direccionado a todos. Compreendemos a importância destes espaços para a promoção e a interacção no nível Colectivo, pois são referidos pelos estudantes como fundamentais para a sua integração (figura 54).

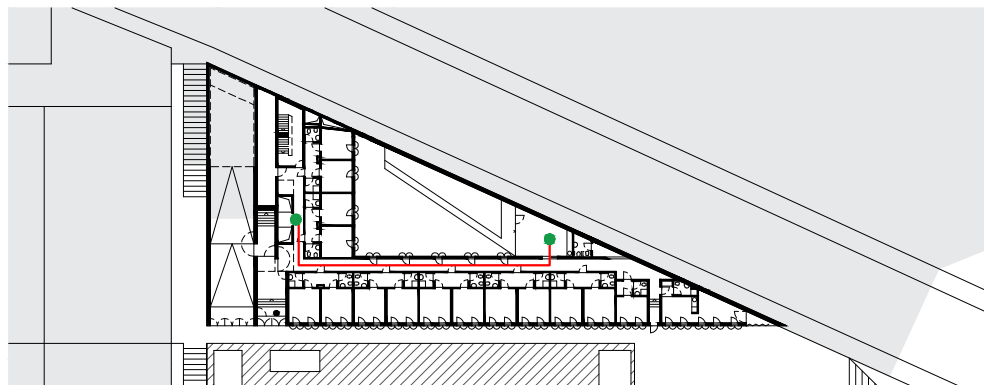
Como apontam os estudantes, de todos os três casos de estudo, a circulação na residência é um comportamento fundamental para a sua integração. Percebe-se que a necessidade de percorrer diariamente os espaços de acesso e circulação cria cruzamentos, confrontos e contactos que impulsionam a interacção, a conversa e o convívio. Como explica Helena Santos, a responsável da Residência Pólo II-1, o cruzamento nestes espaços gera momentos em que a conversa surge:

Na entrada, na zona da máquina do café existe sempre um momento que impulsiona a conversa, para não ficarem parados a olhar uns para os outros. (Santos, 2016, p.176)

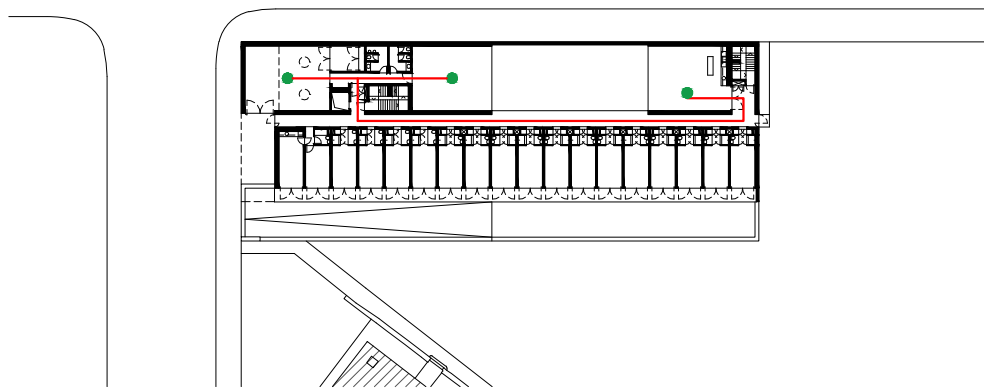
Como temos vindo a demarcar ao longo do trabalho, este papel adquirido pelos espaços de circulação no edifício colectivo, faz com que seja eminente o tratamento equivalente ao da rua, procurando representar a unidade entre os grupos singulares. A necessidade de gerar relações, interacções sociais, contacto e convívio, para além de estarem presentes na rua, passam também para o interior destes edifícios. Tal como a rua estabelece a comunicação entre os edifícios, os espaços de circulação nas



(Figura 55) - Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo III, 2017.



(Figura 56) - Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo II-1, 2017.



(Figura 57) - Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo II-2, 2017.

A forma e o uso no espaço de circulação

residências de estudantes unificam as actividades internas. Neste sentido, os espaços de acesso e de circulação devem ser o palco da vida colectiva da residência, tal como a rua é o palco da vida comunitária.

Na Residência Universitária Pólo III, observamos que o corredor se tenta aproximar às características da rua, aqui não quer ser apenas um espaço de circulação, também quer fazer parte das relações e das actividades (figura 55). Percebe-se que o espaço do corredor se mistura com os espaços comuns, pois ao longo do seu percurso abre-se para os espaços de convívio, para a sala de estudo e para os espaços mais singulares como as cozinhas. Esta abertura e este contacto permitem pausas no percurso, interacções e convívio, tal como acontece nas ruas quando se abrem em praças. Percebe-se um desenrolar de acontecimentos que facultam as necessidades dos estudantes ao mesmo tempo que estabelecem comunicação entre todos e unificam a residência.

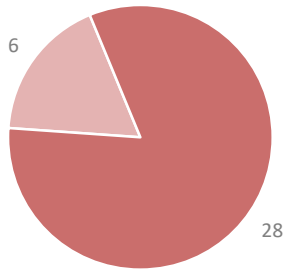
Com uma solução diferente, nas Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo II-2 observa-se corredores com um carácter mais direccional do que vivencial (figuras 56 e 57). Nestes casos percebe-se que os espaços de circulação têm mais dificuldade em se afirmar perante os estudantes como espaços de permanência. Funcionam maioritariamente como linhas de circulação, muito pela sua largura, que não permite criar espaços de paragem e também por não estarem relacionados com os outros espaços do nível Colectivo. Esta circunstância não retira a relevância destes espaços na interacção entre os estudantes mas retira o carácter de permanência, vivencial do espaço. O contacto e o cruzamento acontecem de igual forma, no entanto não há permanência. Como testemunha Liliana Chaves, delegada de piso na Residência Universitária Pólo III:

Aqui nos corredores dá assim uma sensação que estamos numa prisão e depois as portas abrem-se assim de lado é um bocado assustador mas com o tempo habituas-te. (Chaves, 2016, p.196)

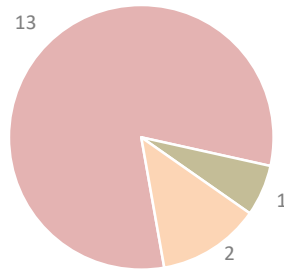
A relação no nível Colectivo surge de um sentimento de pertencer ao mesmo ambiente com as mesmas necessidades e os mesmos objectivos. Por este motivo, nas

P.: Sentes que necessitas de mais algum espaço? Se respondeste sim, qual?

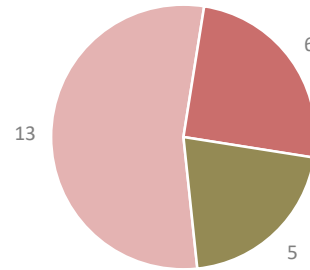
Sala de estudo
 Ginásio
 Varanda
 Sala de convívio
 Sala de Jogos



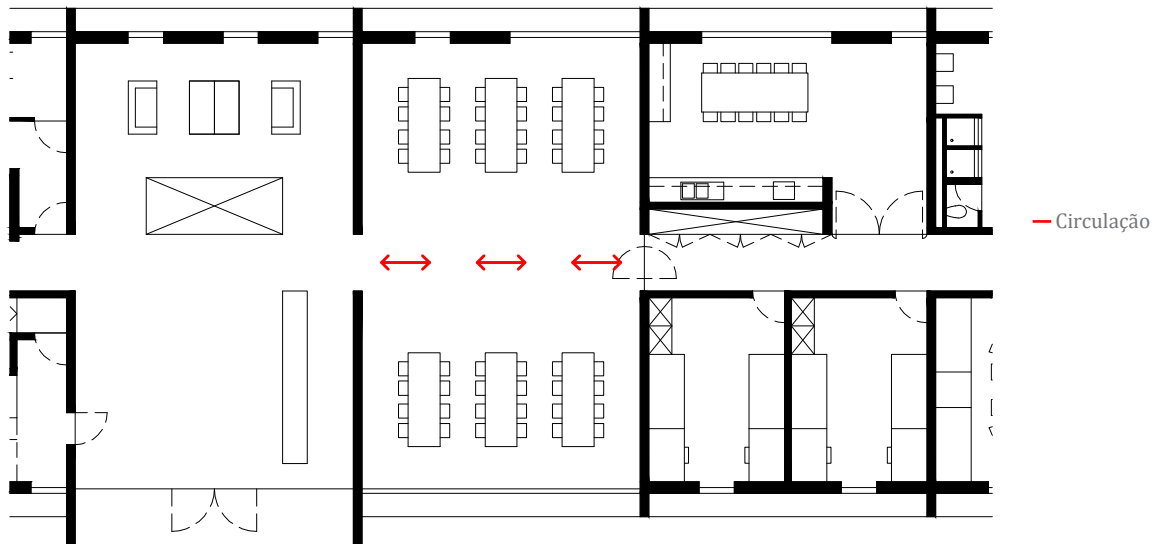
(Gráfico 01) - Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1, 2017.



(Gráfico 02) - Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-2, 2017.



(Gráfico 03) - Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo III, 2017.



(Figura 58) - Planta do piso de entrada com foco na forma da sala de estudo. Residência Universitária Pólo III, 2017.

Os espaços do Colectivo

residências de estudantes universitários, as salas de estudo e os espaços de convívio gerais, como pátios, terraços, etc., observam-se como espaços do nível Colectivo.

Quando inquirimos os estudantes, acerca dos casos de estudo percebe-se que é dentro dos espaços direccionados às necessidades gerais do nível Colectivo da residência que se sentem mais ausências. (gráficos 01, 02 e 03) A ausência comum apontada pelos estudantes nos casos de estudo é um espaço de convívio, sendo que o espaço mais reclamado é a sala de estudo, na Residência Universitária Pólo II-1:

Precisamos de uma sala de estudo! Não existe na residência e não consigo estudar no quarto. (Mensagem retirada do Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1, autor desconhecido)

É difícil aceitar a ausência deste espaço quando estamos a falar de residentes em que a sua actividade principal é estudar. Observa-se aqui, que a constituição do programa é essencial para as actividades e o bem-estar do nível colectivo. O descontentamento é geral e de certa forma este é um problema que não é bem compreendido pela comunidade residencial, pois como refere a responsável da residência:

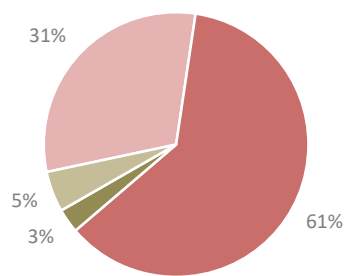
À vista desarmada se existe uma residência para alunos da universidade tem obrigatoriamente de existir uma sala de estudo, porque eles estão cá fundamentalmente para estudar. (Santos, 2016, p.174)

Na Residência Universitária do Pólo III, este problema não se verifica. No entanto, a sala de estudo é um espaço que não permite o adequado uso e a apropriação dos estudantes fica assim debilitada. Esta situa-se no piso de entrada, junto ao espaço de recepção e o corredor de distribuição atravessa transversalmente o seu espaço (figura 58), percebendo-se que é o corredor que enfraquece o conforto do espaço. Assim, o espaço que se quer silencioso acaba por ter sempre presente o barulho inerente ao uso do corredor:

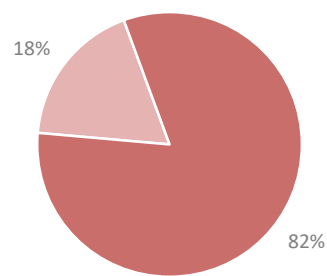
É obviamente um problema ter um corredor de passagem no meio da sala de estudo. Imagine trezentas pessoas a passar por ali diariamente, uma pessoa que esteja ali para estudar nunca consegue, com o barulho e



(Figura 59) - Sala de estudo da Residência Universitária Pólo III, 2017.



(Gráfico 04) - Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1, 2017.



(Gráfico 05) - Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-2, 2017.

P.: Qual o espaço que menos usas dentro da residência?

- Sala de estudo
- Pátio
- Cozinha
- Sala de convívio

O uso nos espaços do Colectivo

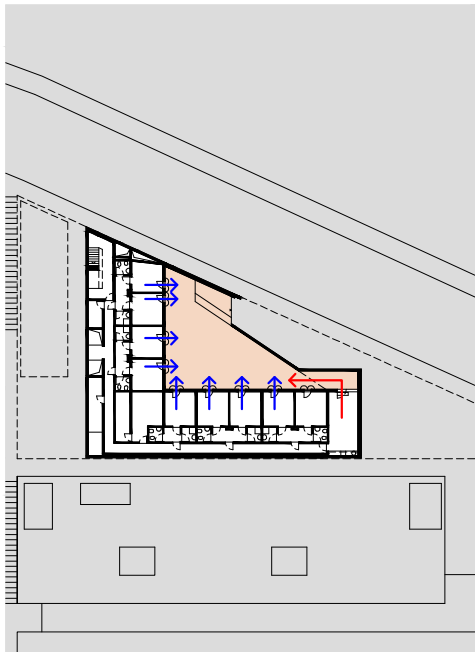
o movimento do espaço. (Gomes, 2017, p.187)

Desta forma, o espaço acaba por ser usado para estudos e trabalhos que não precisam de uma concentração forte. Percebe-se que os alunos continuam a usar e a preencher este espaço para as suas actividades, no entanto, estas raramente são estudos ou leituras focadas. A existência da luz natural, do conforto do mobiliário e da ligação visual com o exterior, faz com que o espaço se torne adequado para outras alternativas e apropriações do estudante (figura 59).

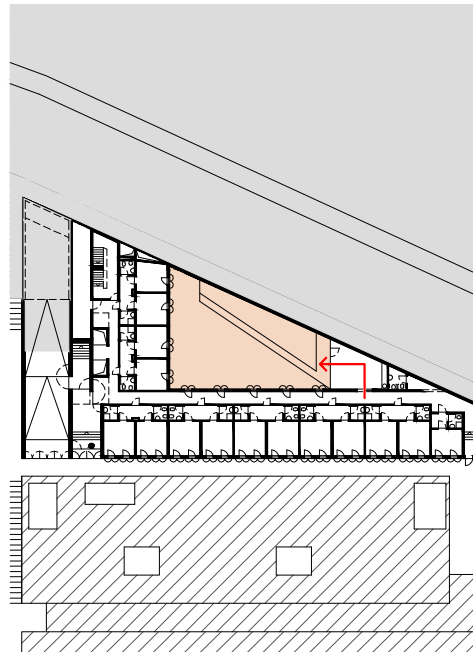
A Residência Universitária Pólo II-2 oferece dois espaços de estudo com valências diferentes aos residentes, onde os estudantes passam a ter duas opções, uma mais isolada que outra: a primeira fica no piso de entrada e tem comunicação visual para o pátio, a segunda, por sua vez, é um espaço adaptado na cave e não tem qualquer abertura para exterior. Percebe-se então, que em ambos os espaços, o mobiliário é escasso e cada aluno tem a sua percepção, como é apontado pela residente Liliana Chaves:

Eu até gosto desta (sala de estudo da cave) porque não tem janelas e assim não temos distrações. Já a sala de estudo lá em cima é muito melhor e tem janelas de onde vemos pessoas a passar, mas como eu não gosto de ter distrações prefiro estudar aqui. (Chaves, 2016, p.196)

Focamos agora os espaços de convívio, o espaço reclamado em conjunto e por unanimidade nos três casos de estudo pelos estudantes. Iniciando a abordagem nos espaços dos pátios para os quais se centram a Residência Universitária Pólo II-1 e Pólo II-2, é notável o papel dos pátios na organização do programa de cada residência. A distribuição dos espaços em torno dos pátios para alcançar luz natural é um dos motivos que impulsiona o seu uso. No entanto, e apesar da posição central, estes espaços não representam o centro das relações e interações do nível Colectivo e são espaços vazios de significado. Em ambos os casos observa-se que os pátios estão fora das actividades centrais da residência, fora dos circuitos e não representam a unidade do ambiente da habitação. Neste sentido, os estudantes apontam que o espaço do pátio é o que menos usam dentro da residência (gráficos 04 e 05).



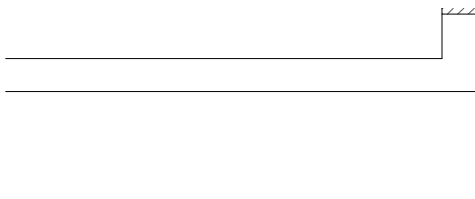
(Figura 60) - Planta do piso menos um da Residência Universitária Pólo II-1, 2017.



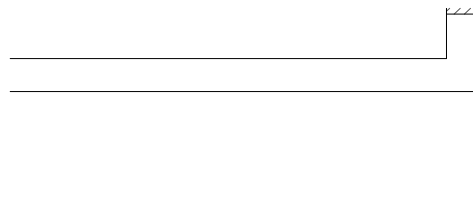
(Figura 61) - Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo II-1, 2017.

Acesso a partir:

- Da quarto
- Do cozinha
- Do corredor
- Da lavanderia
- Do Exterior



(Figura 62) - Planta do terceiro piso da Residência Universitária Pólo II-2, 2017.



(Figura 63) - Planta do primeiro piso da Residência Universitária Pólo II-2, 2017.



A forma e o uso no pátio

Entre os dois casos em questão, é o pátio da Residência Universitária Pólo II-1, que estabelece um contacto físico mais intenso com os espaços da residência, querendo com isto referir que neste caso o espaço do pátio permite o prolongamento das actividades internas. Percebe-se que o contacto que estabelece com a cozinha do piso de entrada e com a totalidade do piso inferior faz com que os estudantes estendam as suas actividades ao espaço do pátio, quer sejam as actividades do nível Pessoal, através da cozinha, quer sejam as actividades do nível Particular, através do quarto (figuras 60 e 61).

Por outro lado, o pátio central na Residência Universitária Pólo II-2 (figura 62), com acessos secundários, apresenta um espaço que não tem qualquer uso, os estudantes não conseguem estender as actividades para o exterior. Além deste, esta residência apresenta mais dois pátios (figura 63), um a cada lado do pátio central, no sentido este-oeste, como podemos ver em planta, o pátio oeste desenha-se no final do percurso do corredor e por isso não se verifica qualquer apropriação:

O maior problema deste, e do pátio central, é a que estão localizados fora ou à parte de todos os outros espaços. O pátio das cozinhas é o que mais usamos para fazer jantares e churrascos. [...] Aqui não te posso dizer grande coisa porque nós não fazemos nada. (Chaves, 2016, p. 197-198)

Percebe-se que o pátio das cozinhas, por estar em contacto com um espaço muito frequentado, adquire o uso e as actividades desse mesmo espaço. Pelo contrário, também se percebe que por se localizar no final do percurso do corredor, o pátio este encontra-se isolado de todos os outros espaços e não recebe qualquer actividade.

Verifica-se em planta, que os pátios são espaços que ficam na parte exterior do diagrama espacial dos programas, sendo dos espaços com menos ligações com os outros espaços, provando que é a fraca acessibilidade que mais despromove a realização de actividades em ambos os casos. Por esta razão, e porque quando se verificam ligações é com espaços com pouca pluralidade no uso, são poucos os alunos que usam os pátios.

A atenção em torno do nível Colectivo conduziu-nos aos espaços mais polivalentes e flexíveis, no programa das residências de estudantes. Entende-se



(Figura 64) - Momento em conversa no espaço exterior junto à cozinha. Saída de emergência da fachada nascente, Residência Universitária Pólo II-2, 2017.

A relação no nível Pessoal

que este carácter transporta o risco de gerar espaços sem significado e por se apresentarem fortemente livres de um uso específico os indivíduos não conseguem apropriar qualquer uso. Como comprovam os casos de estudo, estes espaços devem estar entre os espaços de uso específico, para que os utilizadores possam estender as suas actividades para estes espaços. Por outro lado, como forma de invocar diferentes apropriações, devem ser espaços que permitam uma adaptação livre, ao mesmo tempo que possuem uma direcção a actividades do programa:

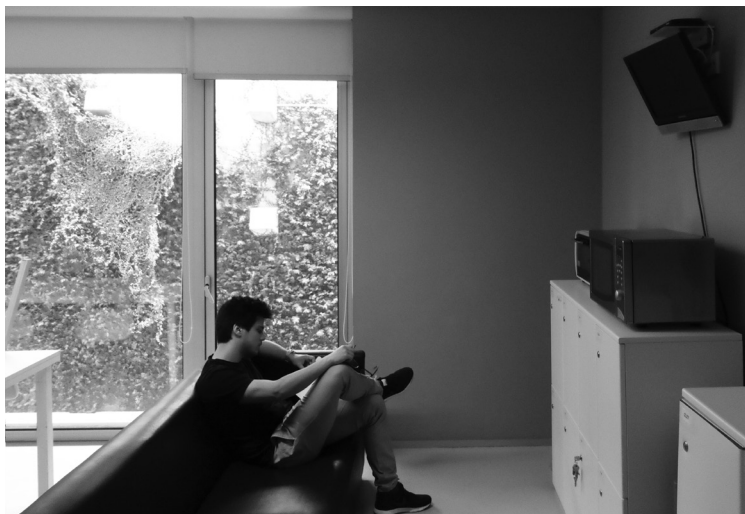
Contanto que o projecto dos edifícios fosse neutro, pensava-se que eles poderiam servir a vários usos e poderiam, portanto, pelo menos em teoria, absorver e abrigar a influência de épocas e situações de mudança. Isto seria pelo menos um passo à frente mas, na verdade, a neutralidade consiste na ausência de identidade. (Hertzberber, 1996, p.146)

Pela polivalência, os espaços devem estar direccionados a um determinado número de actividades, uma vez que não recebem qualquer uso quando não existe qualquer direcção inicial e se apresentam como espaços vazios de significado.

NO PESSOAL

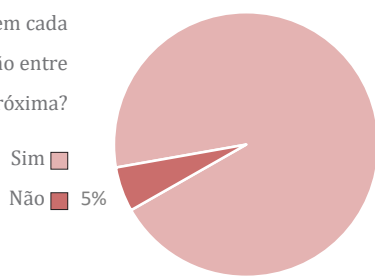
Neste nível abordamos os espaços que fomentam relações de proximidade e que identificam o ambiente 'familiar' de cada estudante. Nas residências reconhece-se a relação no nível Pessoal através dos espaços em que as actividades diárias são partilhadas, neles os estudantes relacionam-se com quem lhe é afecto ou próximo e formam o grupo com quem convivem regularmente, se identificam e se protegem da sociedade.

Pelo número de estudantes que cada caso de estudo abriga, fica incomportável que todos residentes usem os mesmos espaços de uso diário, como por exemplo, o espaço da cozinha. Deste modo, nos três casos de estudo a solução passa pela divisão dos alunos em grupos de menor dimensão. Com esta organização interna, percebe-se a formação de pequenas 'comunidades' residenciais dentro do nível Colectivo, em que o estudante partilha as suas actividades diárias na vida universitária. A delimitação

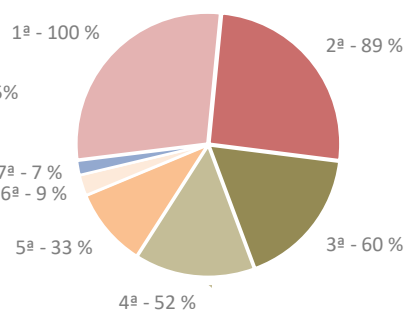


(Figura 65) - Momento de leitura no espaço de refeições. Cozinha do segundo piso, Residência Universitária Pólo III, 2017.

P.: Consideras que em cada piso/sector a relação entre residentes é mais próxima?



(Gráfico 06) - Inquérito realizado nas Res. Uni. Pólo II-1 e 2, e Pólo III, 2017.



(Gráfico 07) - Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1 e 2, e Pólo III, 2017.

P.: Que actividades do dia-a-dia que te ajudaram a integrar na residência?

- Cozinhar
- Almoçar/Jantar
- Ler
- Estudar
- Lavar roupa
- Limpar
- Circular pela residência

As actividades no nível Pessoal

do nível Pessoal com que o estudante convive, torna-se clara nestes sectores, pois, os estudantes afirmam que os grupos com relações mais próximas definem-se pelos que usam os espaços do sector (gráfico 06). Quando tentamos perceber a razão para tal afirmação, os estudantes justificam-se pelo facto do cruzamento entre residentes ser mais frequente. Por outro lado, e uma vez que cada sector tem cozinha, referem que o espaço da cozinha também impulsiona a aproximação das relações nos sectores:

Enquanto fazemos as refeições estão sempre lá colegas e isso incentiva o contacto e a conversa e vamo-nos conhecendo assim. É mais ou menos por aqui que se formam os grupos da residência e foi assim que conheci o pessoal da minha ala. (Azevedo, 2017, p.199)

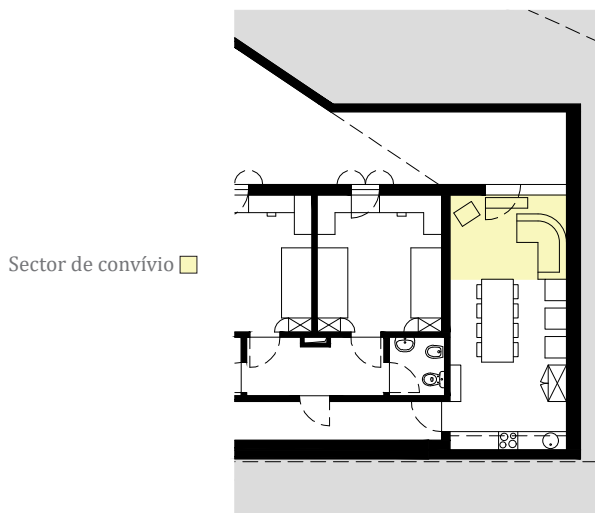
Percebe-se assim o papel do uso na determinação da relação do grupo que habita o espaço, sendo a compreensão desta associação fundamental para a inserção do estudante e das suas relações interpessoais no espaço. Os momentos da confecção dos alimentos e das refeições, porque acontecem em períodos de tempo definidos no dia, juntam um grupo de estudantes em torno do mesmo espaço e é este cruzamento e contacto nas actividades que intensifica a interacção. Por ser uma actividade diária, as interacções e as relações que surgem tendem a fortalecer-se à medida que o tempo avança, desde que os estudantes estejam dispostos a que isso aconteça.

Dentro das actividades diárias, os estudantes revelam que cozinhar e almoçar/jantar foram as actividades que melhor os ajudaram a integrar-se na residência e apontam que a cozinha é o espaço mais importante da residência (gráfico 07). A apropriação que existe em torno da cozinha é intensa, o nível de actividades, usos e apropriações que os estudantes levam a este espaço ultrapassa o uso inicial da confecção de alimentos e refeições para actividades como o convívio.

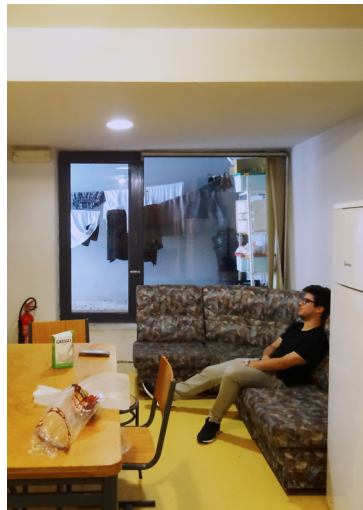
A cozinha, em todos os casos de estudo, acaba por ser usada também para actividades de convívio (figura 65), no entanto, antes de abordar a apropriação em torno deste espaço torna-se importante perceber através das plantas da Residência Universitária Pólo II-1 e Residência Universitária Pólo II-2 que nestes dois casos não existe qualquer espaço de convívio dentro de cada sector de quartos. Esta circunstância do programa em ambos os casos de estudo também promoveu a apropriação do



(Figura 66) - Cozinha do primeiro piso da torre, 2017.



(Figura 67) - Planta da piso menos um com foco na cozinha, 2017.



(Figura 68) - Momento de pausa na cozinha do piso menos um, 2017.



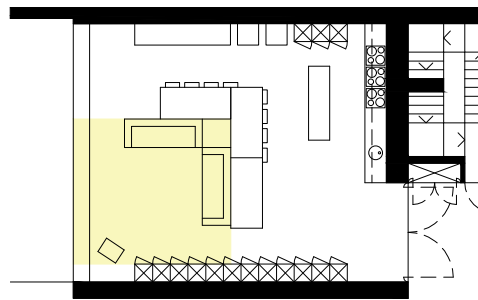
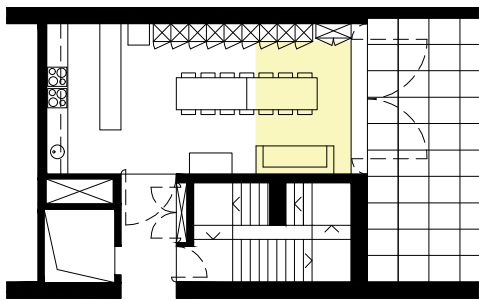
A forma e o uso nas cozinhas da Residência Universitária Pólo II-1

espaço da cozinha para o relacionamento e o convívio de proximidade, do nível Pessoal. Interessa aqui entender porque é que os estudantes escolheram os espaços da cozinha para estender as relações e o convívio. Entendemos que, como numa habitação familiar a mesa de refeições reúne a família, nas residências universitárias a mesma mesa de refeições reúne os estudantes numa proximidade pessoal e familiar.

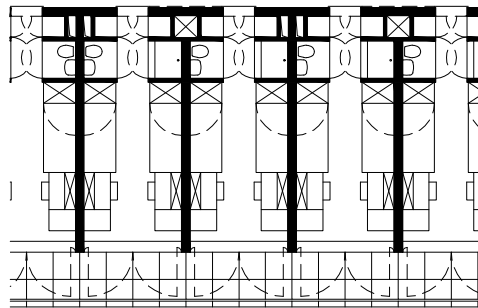
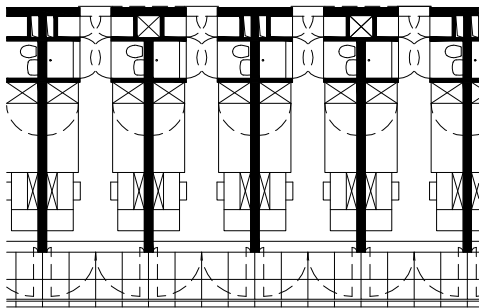
Partimos agora para as transformações espaciais das cozinhas, resultado das apropriações dos estudantes ao viver no espaço. Na Residência Universitária Pólo II-1, a cozinha de cada piso da torre (figura 66) é a que, de entre os casos de estudo, reflecte menos transformação espacial, justificando-se pela limitação do espaço. Neste caso os alunos reúnem-se em torno da mesa de refeições, onde conversam com os colegas, vêem televisão e por vezes estudam. Nos dois primeiros pisos do edifício desta residência, a cozinha está em contacto com o pátio para onde os alunos estendem as suas actividades, e onde se pode perceber que o espaço assume uma dimensão mais ampla, justificada pelo maior número de usuários que os pisos da torre. Na cozinha do piso de entrada, pelo importante contacto com o pátio, os estudantes organizam jantares com todos os residentes, percebendo-se que neste caso, além do uso diário do nível Pessoal, o espaço permite uma adaptação para eventos do nível Colectivo:

Geralmente as festas são feitas aqui no pátio e na cozinha do primeiro piso, se estiver a chover fica pela cozinha, quando está bom tempo estende-se para o pátio, com grelhados e tudo. (Santos, 2016, p.175)

Por estar num contexto diferente, a transformação e o uso entre a cozinha e o pátio no piso menos um, muda em relação à cozinha do piso superior. Aqui presenciamos efectivamente uma transformação do espaço. Os estudantes através da colocação de um sofá geram um pequeno sector de estar e convívio dentro do espaço da cozinha (figura 67). O ambiente transforma-se, a pequena luz natural indirecta que entra através do pátio conforta-o e é por esta acção que a utilização deste espaço ultrapassa os momentos das refeições (figura 68). Os alunos recorrem ao espaço do pátio para colocar roupa a secar e para arrumação, isto para além do convívio com os colegas.



■ Sector de convívio



(Figura 69) - Planta do terceiro piso com foco na cozinha. Residência Universitária do Pólo II-2, 2017.

(Figura 70) - Planta do piso de entrada com foco na cozinha. Residência Universitária do Pólo II-2, 2017.

0m 2,5m 5m



(Figura 71) - O convívio e as refeições. Cozinha do segundo piso da Residência Universitária do Pólo III, 2017.

A forma e o uso na cozinha das Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo III

O sofá, como apontamos e iremos referir nos restantes casos de estudo, é o elemento de mobiliário que os estudantes privilegiam na transformação e adaptação das cozinhas. Encontramos este elemento em todas as cozinhas da Residência Universitária Pólo II-2. Neste caso de estudo, as cozinhas separam de forma clara o espaço para a confecção de alimentos do espaço direccionado ao momento das refeições. É na parte das refeições que os estudantes visualizam e percebem a oportunidade de transformação pois, num momento em que o espaço se apresentava amplo, posicionando apenas uma mesa de refeições ao centro, os alunos acrescentaram um sofá inscrevendo uma zona de convívio e repouso. Como presenciámos nas figuras 69 e 70, a disposição do conjunto de elementos depende sempre do modo como cada estudante se apropria do espaço segundo a sua identidade. Portanto, a solução difere em todas as quatro cozinhas da residência e são o resultado das intenções e do modo como o grupo se relaciona.

Percebe-se que cada ambiente das cozinhas é singular porque a apropriação de cada um que usa o espaço também o é. Realça-se aqui, que esta liberdade de exprimir diferentes apropriações é essencial neste tipo de edifício colectivo, dada a multiplicidade dos seus utilizadores assim como a elevada rotatividade dos mesmos, o espaço deve permitir diferentes comportamentos dentro da polivalência do uso.

Os sectores na Residência Universitária Pólo III dispõem de uma cozinha, espaço de refeições e sala polivalente ao longo do corredor que coloca de um lado os quartos, do nível particular e do outro os espaços comuns, do nível Pessoal. Este caso de estudo é o único que desenha um espaço livre para as actividades e as interacções entre os que habitam cada sector. A sala polivalente surge encoberta pelo elevador e dispõe de sofás e de uma mesa de apoio. Estes sofás são novamente os elementos da transformação do espaço da cozinha que, por se demarcar como centro das actividades dos sectores, os estudantes transportam os sofás das salas polivalentes para o espaço de refeições (figura 71). Com esta transformação, entendemos que as salas polivalentes desta residência não criam relações de conforto e bem-estar com os estudantes, isto é, os estudantes não sentem que o espaço lhes pertença e lhes permita realizar as suas actividades.



(Figura 72) - Momento de estudo. Quarto duplo, Residência Universitária Pólo III, 2017.

A relação no nível Particular

Percebe-se então, que os estudantes procuram centrar as suas actividades e encontram na cozinha, o espaço eleito para o fazerem. Assim, salienta-se a importância deste espaço nas relações pessoais dos estudantes, assumindo-se como o local onde acontece a integração dos residentes na habitação, e onde se localiza a ‘família’ ou o ambiente familiar de cada um.

Como presenciámos, os espaços de uso diário são o palco da integração e da interacção próxima entre os estudantes. É nestes espaços que, através do contacto provocado diariamente se constrói a relação do nível Pessoal. Neste sentido, as cozinhas, ao contrário do que se verifica nos casos de estudo, devem inscrever sectores de convívio, tal como verificámos nas suas adaptações.

NO PARTICULAR

O espaço que pertence a cada estudante trata-se do lugar mais íntimo e próprio das residências, conferindo-lhes a protecção e individualidade para a relação no nível Particular. Especificamente, este espaço caracteriza-se no quarto pois é o espaço menos partilhado e por isso mais privado da residência (figura 72).

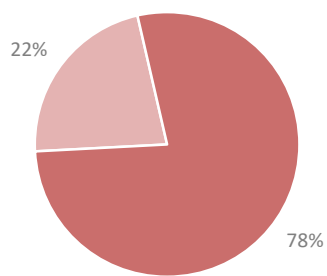
Na generalidade, nas residências de estudantes abordadas, o espaço do quarto é partilhado por dois estudantes, especificidade que levanta questões em torno da privacidade. A relação que cada um estabelece no nível Particular é sensível e íntima, neste caso a problemática surge porque o estudante não tem a oportunidade de escolher com quem partilha a sua intimidade:

Por vezes é difícil estabelecer uma relação de proximidade com alguém que não conheces bem e usa o espaço de forma diferente mas nós tentamos sempre ter uma boa organização, de maneira que não haja conflitos. Pode até, tornar-se fácil se tu tiveres uma personalidade que consegue orientar e aceitar as diferenças na cultura e personalidade. Tens de te adaptar um bocado para que funcione bem e de facto até funciona. (Chaves, 2016, p. 197)

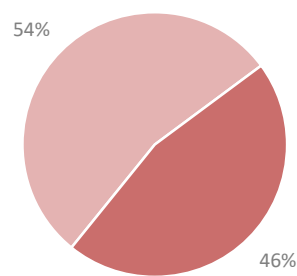
Não obstante, percebe-se entre os casos de estudo e através dos inquéritos



(Figura 73) - O *Balneário*. Residência Universitária Pólo III, 2017.



(Gráfico 08) - Inquérito realizado nas Res. Uni. Pólo II-1 e 2, 2017.



(Gráfico 09) - Inquérito realizado na Pólo III, 2017.

P: Tens problemas com “falta” de privacidade?

Sim
Não

A privacidade

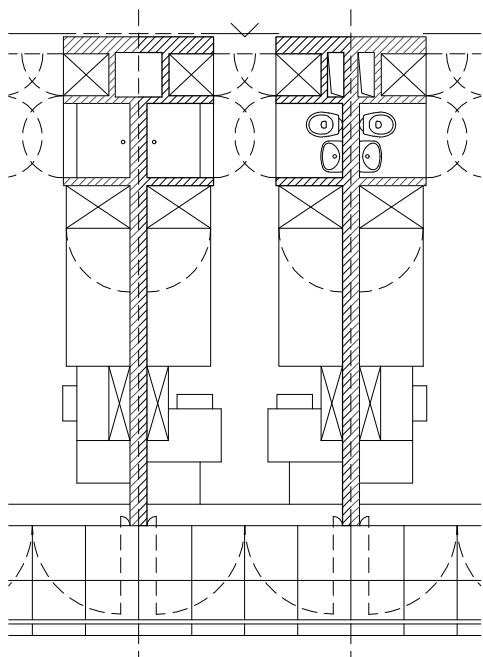
realizados, que na sua maioria, os estudantes não sentem perdas na privacidade por partilharem o espaço do quarto. A relação que estabelecem com o outro tende a ser uma boa relação, no entanto, o contrário pode suceder. Por sua vez, quando manifestam falta de privacidade, é no sentido de desejarem um espaço de isolamento, para momentos de solidão:

Às vezes sinto falta de privacidade, porque uma vez que partilhas quarto com alguém, não podes dizer - Olha sai daqui que quero estar sozinha - mas quando tens uma boa relação com o teu colega de quarto é fácil e quando estás nos teus dias maus vais dar uma volta. (Chaves, 2016, p.196)

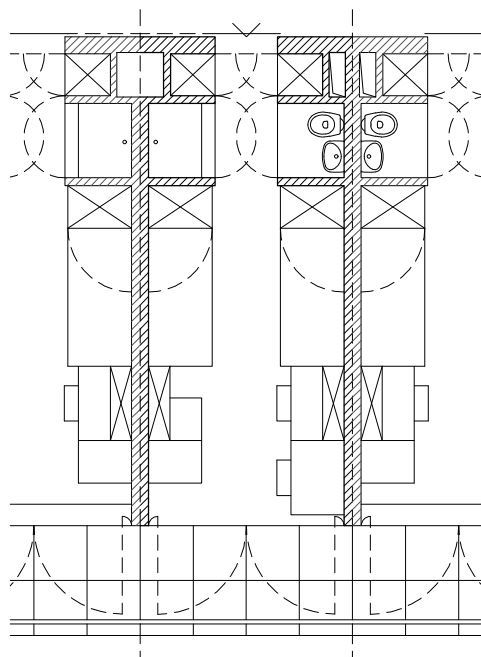
Quando se sente falta de privacidade no nível Particular, o uso, a apropriação e as vivências são menores, o residente não usufrui de todas as capacidades do espaço. Nesta perspectiva, o arquitecto deve procurar atribuir o maior conforto e privacidade ao quarto para o bem-estar dos estudantes. O entendimento das soluções espaciais nos três casos de estudo ajudaram a perceber as soluções e a reflectir sobre as acções na intimidade de cada estudante.

Na Residência Universitária Pólo III, os estudantes apontam mais problemas de privacidade que nos outros dois casos de estudo (gráficos 08 e 09). Entendemos que este problema advém da organização espacial do programa. Como referimos no início deste capítulo, quando abordámos a forma dos casos de estudo, as Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo II-2 criam pequenas secções onde agregam ao espaço do quarto os espaços de higiene pessoal, enquanto na Residência Pólo III existe uma separação clara. Os espaços de higiene pessoal, neste último caso (figura73), passam a ser espaços partilhados por todos os que fazem parte do sector. Esta solução é apontada pelos alunos como o principal factor que retira conforto à habitação:

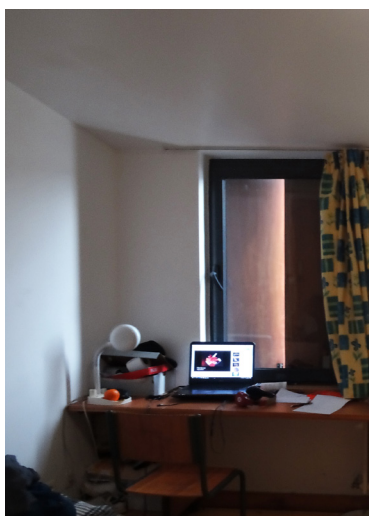
Não me sinto à vontade, aquilo é uma espécie de balneário, não dá para fechar e pode ir lá quem quiser enquanto estamos lá. Depois só tem dois chuveiros e não é assim muito confortável. Eu pelo menos preferia uma casa de banho mais pequena mas que fosse privada ao meu quarto. (Azevedo, 2017, p. 202)



(Figura 74) - Opção 1. Planta do quarto duplo, Residência Universitária Pólo II-2, 2017.



(Figura 75) - Opção 2. Planta do quarto duplo, Residência Universitária Pólo II-2, 2017.



(Figura 76) - Apropriação da mesa. Quarto duplo, Resi. Uni. Pólo II-1, 2017.



(Figura 77) - Apropriação das estantes. Quarto duplo, Resi. Uni. Pólo II-2, 2017.



(Figura 78) - Apropriação da porta. Quarto duplo, Resi. Uni. Pólo II-2, 2017.

A forma e o uso no quarto

Na confrontação com os outros casos de estudo entende-se que é a integração e o tratamento dos espaços de higiene no nível Particular que favorecem a privacidade dos estudantes nas Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo II-2. Realça-se a importância da arquitectura em reconhecer os graus de relacionamento do Homem para que possa, de forma eficaz, enquadrá-los no espaço.

Passamos ao espaço do quarto na Residência Universitária Pólo II-2, este por sua vez, embora seja limitado, admite duas adaptações possíveis do mobiliário, sendo que a oportunidade surge na escolha da posição da pequena mesa de estudo no topo da cama. Dependendo da apropriação de cada estudante, a opção está muito ligada com a identidade de cada um. Percebe-se que quando as mesas estão lado a lado, (figuras 74 e 75) existe um maior contacto ou interacção entre os estudantes do que quando estão de costas voltadas na disposição original. Na Residência Universitária Pólo II-1 e Pólo III não se verifica qualquer transformação espacial no quarto, o mobiliário existente não permite deslocações e o espaço é muito limitado para acrescentar outro.

Entende-se em todos os casos de estudo que os alunos acabam por expressar a sua identidade na apropriação das paredes e das portas dos quartos. Nas portas que por regra são lisas (figura 78), os estudantes colocam folhas com mensagens ou imagens como forma de identificar o seu quarto. Nas paredes as fotos, as mensagens e os desenhos também transformam o ambiente. O mobiliário também é caracterizado e as estantes expõem os objectos mais importantes de cada estudante (figuras 76 e 77). Neste espaço, por existir um sentimento de pertença maior, o estudante sente mais liberdade para elevar a apropriação para além da transformação espacial.

Na Residência Universitária Pólo II-2, o espaço do quarto fica completo com o prolongamento de uma varanda. Interessa perceber as acções que este novo espaço provoca nas vivências dos estudantes no Particular. Os estudantes classificam este espaço como um dos espaços mais agradáveis da residência:

O que mais gosto é a varanda, este sol é muito bom e quando abrimos as portas o quarto parece que fica com o dobro do espaço. Quando está sol uso muito para apanhar ar ou para estar com os meus amigos e até para



(Figura 79) - Momento de Conversa com apropriação e transformação do espaço através de objectos, 2017.



(Figura 80) - Vista desde o interior do quarto sobre a varanda, 2017.



(Figura 81) - Apropriação da varanda, 2017.

A forma e o uso na varanda, Residência Universitária Pólo II-2

estudar, muitos dos quarto até têm mesas e cadeiras cá fora. (Chaves, 2016, p. 197)

Constata-se então, o aparecimento de novas actividades e usos que surgem adjacentes ao espaço da varanda, os estudantes apropriam-se do espaço mais intensamente, criam novas percepções e a exploração do espaço é maior. Entende-se assim o valor que este espaço representa no nível Particular, no entanto, queremos realçar o seu valor no nível Colectivo. Percebemos que muitos dos relacionamentos se transferem para o espaço das varandas (figuras 79, 80 e 81), os estudantes estabelecem relações e convivem com os colegas de outros quartos neste espaço. O uso varia entre as actividades de convívio e os estudantes apropriam-se dele com sofás, cadeiras e mesas.

Por outro lado, nas Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo III, a abertura dos quartos para o exterior é feita por uma pequena janela vertical, sendo que nestes casos os estudantes manifestam o desejo de um contacto maior com o exterior. Como expressa o estudante Tiago Azevedo, residente na Residência Universitária Pólo III:

Eu não gosto daquela espécie de porta, aquela que faz de janela e que só dá para abrir três centímetros para fora, acho que preferia lá uma janela com a abertura completa do que a solução que temos. (Azevedo, 2017, p.201)

No programa das residências universitárias, o quarto como espaço particular, deverá transmitir segurança e fazer parte da intimidade de cada um. Para que isto aconteça, o espaço tem de admitir expressões de identidade e várias possibilidades de mutações e transformações identificativas. Por outro lado e porque a privacidade de cada estudante é fundamental para a sua intimidade, bem-estar e sanidade intelectual, será importante que a arquitectura identifique e agregue ao quarto todos os outros espaços relacionados com as actividades privadas e íntimas para que cada um se sinta Particular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações que o homem estabelece no, e com o espaço, sustentaram a linha de conteúdos e domínios que estruturou esta dissertação. Iniciámos o estudo com a identificação da relação pessoal e interpessoal do estudante universitário para terminarmos com a associação entre o espaço e uso nos diferentes graus de colectividade, e por considerarmos que as actividades no espaço estão marcadas pela cultura, tradição ou ritos, passámos pela identidade da Universidade, do alojamento e dos estudantes da cidade de Coimbra. Desta forma e através de uma reflexão contínua procurou-se sempre entender como pode a configuração do espaço relacionar diferentes níveis de intimidade ou partilha, promovendo usos particulares e colectivos em três Residências de estudantes da Universidade de Coimbra, questão que determinou esta investigação.

A integração social do estudante na cidade universitária implica, de forma inquestionável, o seu enquadramento nas várias escalas de relacionamento na sociedade. A habitação quando se apresenta como um edifício colectivo tem um papel fundamental nas escalas mais próximas, essenciais para combater o isolamento e para potenciar as características particulares de cada um. Neste sentido, a arquitectura deverá reflectir sobre os níveis de proximidade do estudante universitário procurando entender quais as relações interpessoais que se inscrevem nos espaços interiores das residências de estudantes.

Por outro lado, a singularidade da cidade de Coimbra e da sua Universidade, na forma como estabeleceu o alojamento dos estudantes ao longo da sua história,

foi e continua a ser determinante no modo como se relacionam os que por Coimbra procuram obter um curso superior. Os estudantes habitam as casas de Coimbra em comunidade doméstica desde a instalação da universidade, e neste cenário, foi a República Coimbrã que levantou o estandarte desta forma de estar e conviver com os outros na habitação. A primazia do interesse Colectivo sobre o Particular, que explora, identifica e vinca a identidade dos estudantes é determinante na organização espacial do programa das actuais catorze residências universitárias. No entanto, com o olhar atento a estas características, a evolução para o programa das residências de estudantes, que acaba por abrigar um número maior de estudantes, marca-se por reconhecer os diferentes graus de interacção social do estudante inerentes ao uso do espaço na habitação, que na república de Coimbra estão desconsiderados pela superioridade da relação colectiva.

Constata-se que esta linha de evolução contínua no alojamento estudantil é essencial para que não exista uma ruptura na forma como os estudantes se apropriam do espaço. No entanto, como qualquer evolução, o programa das residências transporta novidade na organização espacial, estabelecendo no espaço usos colectivos e usos particulares. As relações interpessoais e o coabitar em grupo continuam a prevalecer na organização do espaço da habitação não obstante um reconhecimento da necessidade da intimidade de cada um. Assim, encontra-se no programa das residências de estudantes de Coimbra uma aproximação aos costumes da habitação estudantil da cidade que procura incentivar e realçar a identidade dos estudantes.

Mostrou-se que o uso para o qual se destina o espaço está directamente associado com o grau de relações que se estabelecem na sua apropriação. Isto porque é através do uso do espaço que se estabelece o grupo que acede e tem responsabilidades sobre o espaço, ao mesmo nível que, pelas actividades, indica a intensidade de contactos que acontecem. Recorrendo à cozinha como exemplo, verificou-se que neste espaço ao conjugar-se o acesso de um pequeno grupo com uma actividade que à partida provoca um contacto diário, a relação que surge no espaço é uma relação de proximidade. Por outro lado, em relação aos espaços de convívio colectivos, porque o grupo que os apropria é maior sendo o contacto menor, a proximidade diminui.

Noutro nível, a abertura ou o isolamento do espaço é determinante para a relação entre os grupos. Verificou-se que estes dois extremos são frágeis pois, o isolamento impede o contacto social, separando os grupos, e a abertura retira a intimidade dos grupos, dissolvendo-os. Deste modo, tanto o isolamento como a abertura dos espaços devem estar de acordo com o nível de relacionamento que o espaço proporciona, permitindo da mesma forma a intimidade do grupo e o contacto com os outros, para que os grupos possam escolher a sua posição perante os outros.

Foi assim reflectido sobre o facto do uso e da cultura influenciarem o modo como estabelecemos relacionamentos na apropriação dos espaços de edifícios colectivos e que, por sua vez, compreendendo esta interacção, o modo como habitamos o espaço influencia a acção da arquitectura.

Realçámos que as acções da arquitectura ao desenhar o espaço influenciam as relações interpessoais que constroem a sociedade e, mesmo considerando-se que estas são afectadas por factores que ultrapassam a compreensão no âmbito da arquitectura, como frisámos ao longo do estudo, a consciencialização dos impactos da organização do espaço confere à arquitectura capacidades para enquadrar as relações do Homem no espaço. No caso das residências de estudantes isto expressa-se entre a habitação e os seus habitantes, nos espaços que ocupam, como os ocupam e com se organizam socialmente entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, V., & Roldão, J.** (1986). As Repúblicas – Luta e Lutos da Academia. *Via Latina, Coimbra, Pretextos e Perfis de uma Cultura*, pp. 13-14.
- Barros, A.** (ed.). (1986). História da Universidade. *Via Latina, Coimbra, Pretextos e Perfis de uma Cultura*, 7.
- Bernardino, R.** (2013). *Coimbra. Arquitectura e Poder: três pólos universitários, três episódios na cultura arquitectónica portuguesa*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra.
- Cardina M.** (2013). *Salvar as Repúblicas*. Disponível em <http://www.esquerda.net/opiniaio/salvar-rep%C3%BAblicas/30067>. Consultado em Novembro de 2016.
- Carreiro, T.** (2009). *Um por cem. Um olhar sobre as repúblicas de Coimbra*. Porto: Edições Afrontamentos.
- Frias, A.** (2003). Praxe Académica e culturas universitárias em Coimbra. Logicas das dinâmicas identitárias. *Revista Critica de Ciências Sociais*, 66, pp. 81-116.
- Giddens, A.** (2008). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grande, N.** (2010). Coimbra: 3 pólos universitários, 3 “faces” da arquitectura portuguesa. *Rua Larga*, 29, pp. 58-65.
- Hall, E. T.**(1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hertzberger, H.** (1996). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hestnes Ferreira, R.** (1961). *Relatório do 1º Colóquio internacional sobre os aspectos Psico-Sociais da habitação do estudante universitário*. Não publicado.

- Lobo, R.** (1999). *Santa Cruz e Rua da Sofia: Arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.
- Marques, J.** (1997). Os corpos académicos e os servidores. In A. F. Correia & R. Alarcão (eds), *História da Universidade em Portugal*, (pp. 69-128). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Martins, C. & Miranda, E.** (2003). *Memória Descritiva do projecto da Residência Universitária Pólo II-2*.
- Mateus, A.** (1999). *Memória Descritiva do projecto da Residência Universitária Pólo II-1*.
- Ministério da Educação Nacional** (1966). Decreto de Lei que estabelece o regime jurídico do alojamento de estudantes. In *Alojamento de Estudantes*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.
- Neves, G.** (2002). A República do Prá-Kys-Tão. In *Jornal dos Arquitectos*, 204, pp. 28-30.
- Ribeiro, A.** (2008). Perspectiva histórica da República de Coimbra. *Rua Larga – revista da reitoria da Universidade de Coimbra*, 18, pp. 58-61.
- Rodrigues, M.** (1991). *A Universidade de Coimbra. Marcos da sua História*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- Santos, F. S.** (2003). Opções estratégicas da Universidade de Coimbra. In A. A. Costa, J. Figueira & G. C. Moniz (Eds.), *Cidadesofia*, (pp. 228-233). Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Santos, P.** (2007). *Memória Descritiva do projecto da Residência Universitária Pólo III*.
- S.A.S.U.C.** (2016). Novo Regulamento Geral das Residências Universitárias dos Serviços de Acção Social de Universidade de Coimbra. In *Diário da República*, 2ª Série. Lisboa : Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Silva, M e Madeira, S.** (2009). *Repúblicas Universitárias de Coimbra*. Coimbra: Câmara municipal de Coimbra – Gabinete de Arqueologia, Arte e História.

- Sousa, L.** (2002). Repúblicas de Coimbra: o Alojamento Estudantil de que Portugal Precisa. *Jornal dos Arquitectos*, 204, pp. 22-27.
- Távora, F.** (2006). *Da Organização do Espaço*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Veloso, M.** (1997). O quotidiano da academia. In A. F. Correia & R. Alarcão (eds), *História da Universidade em Portugal*, (pp. 129-152). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Vieira, M. & Cortesão, C.** (2003). O Pólo II da Universidade de Coimbra – Desenho Urbano e integração na Cidade. In A. A. Costa, J. Figueira & G. C. Moniz (Eds.), *Cidadesofia*, (pp. 222-227). Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Zumthor, P.** (2009). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili.

ENTREVISTAS REALIZADAS

- Azevedo, T.** (2017). *Conversa com Tiago Azevedo, residente há cerca de um ano, estuda Gestão; e com João Pedro, residente há mais de dois anos, estuda Economia*. Realizada dia vinte e três de Janeiro. Disponível em anexo, pp. 199-202.
- Chaves, L.** (2016). *Conversa com Liliana Chaves, residente há quatro anos, estuda Engenharia e Gestão de Engenharia*. Realizada no dia vinte e seis de Outubro. Disponível em anexo, pp. 195-198.
- Correia, E.** (2016). *Conversa com Edmundo Correia, residente há mais de um ano, estuda Engenharia Mecânica*. Realizada no dia vinte e cinco de Outubro. Disponível em anexo, pp. 191-193.
- Dinis, P.** (2016). *Conversa com Paula Margarida Dinis*. Realizada no dia vinte e seis de Outubro. Disponível em anexo, pp. 179-184.
- Gomes, C.** (2017). *Conversa com Carlos Gomes*. Realizada no dia vinte e três de Janeiro. Disponível em anexo, pp. 185-190.

Pedro, J. (2017). *Conversa com Tiago Azevedo, residente há cerca de um ano, estuda Gestão; e com João Pedro, residente há mais de dois anos, estuda Economia.* Realizada dia vinte e três de Janeiro. Disponível em anexo, pp. 199-202.

Santos, H. (2016). *Conversa com Helena Santos.* Realizada no dia vinte e cinco de Outubro. Disponível em anexo, pp. 173-178.

FONTES DE FIGURAS

Figura 01. Rede de colégios na Alta e Sofia. Planta com inserção dos colégios universitários, Coimbra, início do século XX.

Retirada de Alves costa, A., Costa, A., Correia, J., Canas, J., Fernandes, J., Rosas, L., Moreira, R., Silva, R., & Serrão, V. (eds). (2006) Monumentos. Revista semestral de edifícios e Monumentos, p.36.

Figura 02. O antes e o depois da Alta com a “Cidade Universitária”. Vista aérea sobre a Alta, Coimbra, 1930.

Disponível em <https://pt.pinterest.com/pin/512425263831479392/>, acedido em 13-03-2017.

Figura 03. O antes e o depois da Alta com a “Cidade Universitária”. Vista aérea sobre a Alta, Coimbra, 2010.

Disponível em <http://photos1.blogger.com/hello/10/9241/1024/Vista%20area.jpg>, acedido em 13-03-2017.

Figura 04. O apoio Religioso. Vista aérea sobre a rua de Sofia com a localização dos colégios que a definiram, Coimbra, 2006.

Retirada de Alves costa, A., Costa, A., Correia, J., Canas, J., Fernandes, J., Rosas, L., Moreira, R., Silva, R., & Serrão, V. (eds). (2006) Monumentos. Revista semestral de edifícios e Monumentos, p.17.

Figura 05. A forma do Colégio. Vista da reconversão do antigo corredor dos quartos no Colégio da Graça, Coimbra, 2005.

Disponível em <http://www.mrg.pt/pt/portfolio/go/colegio-gra-a-coimbra>, acedido em 13-03-2017.

Figura 06. A forma do Colégio. Planta de reconstituição do piso térreo do Colégio da Graça, Coimbra, 1995-1996.

Retirada de Alves costa, A., Costa, A., Correia, J., Canas, J., Fernandes, J., Rosas, L., Moreira, R., Silva, R., & Serrão, V. (eds). (2006) Monumentos. Revista semestral de edifícios e Monumentos, p.37.

Figura 07. O que ficou para trás. Antiga Rua dos Militares demolida para a concretização do plano da “Cidade Universitária”, Coimbra, 1914.

Disponível em <http://photos1.blogger.com/hello/10/9241/1024/Rua%20dos%20Militares.jpg>, acedido em 13-03-2017.

Figura 08. Repúblicas Coimbrãs. Posição na cidade, vista aérea sobre Coimbra, 2017.

Disponível em <https://www.google.pt/maps>, acedido em 29-05-2017. Editada pelo autor.

Figura 09. O espírito de luta pela renovação cultural dos Repúblicos. Revolução Estudantil, Coimbra, 1969.

Disponível em <http://olharpovoacense.blogspot.pt/2014/04/dias-de-abril-hoje-comemora-se-40-anos.html>, acedido em 29-05-2017.

Figura 10. A organização na República Coimbrã. Mapa de tarefas fixado na parede de topo no espaço de refeições. Real República Prá-Kys-Tão, Coimbra, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 11. A organização na República Coimbrã. Registo de uma mensagem gravada numa parede da Real República Prá-Kys-Tão, Coimbra, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 12. A Real República. Vista sobre a “casa da Nau”. Real República Prá-Kys-Tão, Coimbra, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 13. A relação partilhada nas actividades da habitação. Vista sobre a cozinha e o espaço de refeições. Real República dos Kágados, Coimbra, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 14. Residências de Estudantes. Posição na cidade, vista aérea sobre Coimbra, 2017.

Disponível em <https://www.google.pt/maps>, acedido em 29-05-2017. Editada pelo autor.

Figura 15. Retrato da Residência de Estudantes da Universidade de Coimbra. Registo de uma mensagem deixada na cozinha da Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2017.

Fotografia do autor.

- Figura 16.** As tarefas na Residência. Mapas de tarefas e regras de utilização da cozinha na Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 17.** Os grupos residenciais. Sectores evidenciados na planta do último piso da Residência Universitária Pólo III, Coimbra, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenhados pelo autor.
- Figura 18.** O espaço do nível Particular na República Coimbra. Vista sobre um dos quartos da Real República Prá-Kys-Tão, Coimbra, 2017.
Disponível em <http://www.publico.pt/multimedia/fotogaleria/republicas-em-coimbra-349496#/3>, acedido em 29-05-2017.
- Figura 19.** O espaço do nível Particular na República Coimbra. Vista sobre um dos quartos da Real República Prá-Kys-Tão, Coimbra, 2017.
Disponível em <http://estendaldememorias.weebly.com/real-repuacuteblica-do-praacutecute-kis-tatildeo.html>, acedido em 29-05-2017.
- Figura 20.** A concentração das actividades comuns no espaço da cozinha. Vista sobre o espaço de convívio da Real República Rás-Te-Parta, ao fundo vemos a cozinha e à direita o espaço de refeições, Coimbra, 2017.
Disponível em <http://postsdepescada10.blogspot.pt/2015/05/republicas-em-coimbra.html>, acedido em 29-05-2017.
- Figura 21.** A concentração das actividades comuns no espaço da cozinha. Vista sobre o espaço de refeições e de convívio da Residência Universitária Pólo II-2, ao fundo vemos a cozinha, Coimbra, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 22.** A relação da República com a rua. Vista sobre a fachada da Real República dos Kágados que procura expressar os pensamentos e os manifestos do colectivo através da fachada para a comunidade, Coimbra, 2017.
Disponível em <http://postsdepescada10.blogspot.pt/2015/05/republicas-em-coimbra.html>, acedido em 29-05-2017.
- Figura 23.** Casos de estudo Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo II-2. Vista aérea sobre o Pólo II, 2017.
Disponível em <https://www.google.pt/maps>, acedido em 29-05-2017. Editada pelo autor.
- Figura 24.** Caso de estudo Residência Universitária Pólo III. Vista aérea sobre o Pólo III, 2017.
Disponível em <https://www.google.pt/maps>, acedido em 29-05-2017. Editada pelo autor.

- Figura 25.** Residência Universitária Pólo II-1, Coimbra, 1999. Planta de Implantação, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenhadados pelo autor.
- Figura 26.** Residência Universitária Pólo II-1, Coimbra, 1999. Vista a nascente sobre o edifício, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 27.** Os usos Colectivos versus Particulares na Residência Universitária Pólo II-1. Planta do piso de entrada, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenhadados pelo autor.
- Figura 28.** Os usos Colectivos versus Particulares na Residência Universitária Pólo II-1. Planta da célula do quarto, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenhadados pelo autor.
- Figura 29.** Pátio central da Residência Universitária Pólo II-1. Vista desde a cozinha do piso de entrada, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 30.** Pátio central da Residência Universitária Pólo II-1. Vista desde rua Miguel Bombarda, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 31.** Pátio central da Residência Universitária Pólo II-1. Vista desde a cozinha do piso -1, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 32.** Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2003. Planta de implantação, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhadados pelo autor.
- Figura 33.** Residência Universitária Pólo II-2, Coimbra, 2003. Vista a poente sobre o edifício, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 34.** Os usos Colectivos e Particulares na Residência Universitária Pólo II-2. Planta do piso de entrada, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhadados pelo autor.
- Figura 35.** Os usos Colectivos e Particulares na Residência Universitária Pólo II-2. Planta da célula do quarto, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhadados pelo autor.

- Figura 36.** O contacto entre o interior e o exterior na Residência Universitária Pólo II-2. Planta do piso de entrada, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenados pelo autor.
- Figura 37.** O contacto entre o interior e o exterior na Residência Universitária Pólo II-2. Vista a sul sobre a varanda dos quartos, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 38.** Residência Universitária Pólo III, Coimbra, 2007. Planta de implantação, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 39.** Residência Universitária Pólo III, Coimbra, 2007. Vista a nascente sobre a entrada do edifício, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 40.** Os usos Colectivos e Particulares na Residência Universitária Pólo III. Planta do piso de entrada, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 41.** Os usos Colectivos e Particulares na Residência Universitária Pólo III. Planta da célula do quarto, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 42.** O percurso do corredor na Residência Universitária Pólo III. Planta do piso de entrada, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 43.** A relação no nível Comunitário. Vista sobre o espaço livre central do Pólo III, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 44.** A relação no nível Comunitário. Vista sobre o espaço livre entre o edifício da Unidade Central e o da Faculdade de Farmácia no Pólo III, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 45.** Pólo II da Universidade de Coimbra. Planta do espaço urbano, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenados pelo autor.
- Figura 46.** Pólo II da Universidade de Coimbra. Vista desde a rua Miguel Bombarda sobre um dos espaços livres gerados pelos edifícios do Departamento de Engenharia Informática, 2017.
Fotografia do autor.

- Figura 47.** O espaço comunitário no Pólo II. Vista a nascente sobre o espaço livre a sul do edifício do Departamento de Engenharia Electrotécnica, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 48.** O espaço comunitário no Pólo II. Vista sobre a entrada de edifício do Departamento de Engenharia Electrotécnica, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 49.** O espaço comunitário no Pólo II. Vista sobre a rua Sílvio Lima, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 50.** Pólo III da Universidade de Coimbra. Vista a poente sobre a rua Sílvio Lima, entre Departamento de Engenharia Electrotécnica e o Departamento de Engenharia Civil, Pólo II, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 51.** Pólo III da Universidade de Coimbra. Planta do espaço urbano, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 52.** O espaço comunitário no Pólo III. Vista sobre o Parque e os Objectos, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 53.** O espaço comunitário no Pólo III. Planta do espaço urbano, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 54.** A relação no nível Colectivo. Jantar de natal. Vista desde a sala de estudo sobre o pátio central, ao fundo a cozinha e à direita o corredor. Residência Universitária Pólo II-2, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 55.** A forma e o uso no espaço de circulação. Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo III, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenados pelo autor.
- Figura 56.** A forma e o uso no espaço de circulação. Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo II-1, 2017
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenados pelo autor.
- Figura 57.** A forma e o uso no espaço de circulação. Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo II-2, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenados pelo autor.

- Figura 58.** Os espaços do Colectivo. Planta do piso de entrada com foco na forma da sala de estudo. Residência Universitária Pólo III, 2017.
Desenhos cedidos pela arquitecta Paula Santos, redesenhadados pelo autor.
- Figura 59.** O uso nos espaços do Colectivo. Sala de estudo da Residência Universitária Pólo III, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 60.** A forma e o uso no pátio. Planta do piso menos um da Residência Universitária Pólo II-1, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenhadados pelo autor.
- Figura 61.** A forma e o uso no pátio. Planta do piso de entrada da Residência Universitária Pólo II-1, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenhadados pelo autor.
- Figura 62.** A forma e o uso no pátio. Planta do terceiro piso da Residência Universitária Pólo II-2, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhadados pelo autor.
- Figura 63.** A forma e o uso no pátio. Planta do primeiro piso da Residência Universitária Pólo II-2, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhadados pelo autor.
- Figura 64.** A relação no nível Pessoal. Momento em conversa no espaço exterior junto à cozinha. Saída de emergência da fachada nascente, Residência Universitária Pólo II-2, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 65.** As actividades no nível Pessoal. Momento de leitura no espaço de refeições. Cozinha do segundo piso, Residência Universitária Pólo III, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 66.** A forma e o uso nas cozinhas da Residência Universitária Pólo II-1. Cozinha do primeiro piso da torre, 2017.
Fotografia do autor.
- Figura 67.** A forma e o uso nas cozinhas da Residência Universitária Pólo II-1. Planta da piso menos um com foco na cozinha, 2017.
Desenhos cedidos pelos arquitectos Aires Mateus, redesenhadados pelo autor.

Figura 68. A forma e o uso nas cozinhas da Residência Universitária Pólo II-1. Momento de pausa na cozinha do piso menos um, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 69. A forma e o uso na cozinha das Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo III. Planta do terceiro piso com foco na cozinha. Residência Universitária do Pólo II-2, 2017.

Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhados pelo autor.

Figura 70. A forma e o uso na cozinha das Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo III. Planta do piso de entrada com foco na cozinha. Residência Universitária do Pólo II-2, 2017.

Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhados pelo autor.

Figura 71. A forma e o uso na cozinha das Residências Universitárias Pólo II-1 e Pólo III. O convívio e as refeições. Cozinha do segundo piso da Residência Universitária do Pólo III, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 72. A relação no nível Particular. Momento de estudo. Quarto duplo, Residência Universitária Pólo III, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 73. A privacidade. O Balneário. Residência Universitária Pólo III, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 74. A forma e o uso no quarto. Opção 1. Planta do quarto duplo, Residência Universitária Pólo II-2, 2017.

Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhados pelo autor.

Figura 75. A forma e o uso no quarto. Opção 2. Planta do quarto duplo, Residência Universitária Pólo II-2, 2017.

Desenhos cedidos pelos arquitectos Carlos Martins e Elisiário Miranda, redesenhados pelo autor.

Figura 76. A forma e o uso no quarto. Apropriação da mesa. Quarto duplo, Resi. Uni. Pólo II-1, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 77. A forma e o uso no quarto. Apropriação das estantes. Quarto duplo, Resi. Uni. Pólo II-2, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 78. A forma e o uso no quarto. Apropriação da porta. Quarto duplo, Resi. Uni. Pólo II-2, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 79. A forma e o uso na varanda, Residência Universitária Pólo II-2. Momento de Conversa com apropriação e transformação do espaço através de objectos, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 80. A forma e o uso na varanda, Residência Universitária Pólo II-2. Vista desde o interior do quarto sobre a varanda, 2017.

Fotografia do autor.

Figura 81. A forma e o uso na varanda, Residência Universitária Pólo II-2. Apropriação da varanda, 2017.

Fotografia do autor.

Gráfico 01. Os espaços do Colectivo. Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 02. Os espaços do Colectivo. Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-2, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 03. Os espaços do Colectivo. Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo III, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 04. O uso nos espaços do Colectivo. Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 05. O uso nos espaços do Colectivo. Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-2, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 06. As actividades no nível Pessoal. Inquérito realizado nas Res. Uni. Pólo II-1 e 2, e Pólo III, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 07. As actividades no nível Pessoal. Inquérito realizado na Res. Uni. Pólo II-1 e 2, e Pólo III, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 08. A privacidade. Inquérito realizado nas Res. Uni. Pólo II-1 e 2, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

Gráfico 09. A privacidade. Inquérito realizado na Pólo III, 2017.

Realizado pelo autor com base em dados adquiridos pelo autor.

ANEXOS

<i>Anexo A - Conversa com Helena Santos</i>	<i>p. 173</i>
<i>Anexo B - Conversa com Paula Margarida Dinis</i>	<i>p. 179</i>
<i>Anexo C - Conversa com Carlos Gomes</i>	<i>p. 185</i>
<i>Anexo D - Conversa com Edmundo Correia</i>	<i>p. 191</i>
<i>Anexo E - Conversa com Liliana Chaves</i>	<i>p. 195</i>
<i>Anexo F - Conversa com Tiago Azevedo e João Pedro</i>	<i>p. 199</i>
<i>Anexo G - Exemplar de Inquérito</i>	<i>p. 203</i>
<i>Anexo H - Inquérito à Residência Universitária Pólo II-1</i>	<i>p. 215</i>
<i>Anexo I - Inquérito à Residência Universitária Pólo II-2</i>	<i>p. 229</i>
<i>Anexo J - Inquérito à Residência Universitária Pólo III</i>	<i>p. 243</i>

ANEXO A - Transcrição da conversa gravada com a Responsável da Residência Universitária Polo II-1 da UC

Conversa com Helena Santos; terça-feira, dia vinte e cinco de Outubro de 2016.

Nota: Esta conversa aconteceu de forma informal e sem qualquer tipo de guião, teve início no quarto do funcionário e desenvolveu-se enquanto os espaços da residência foram percorridos. Procurou-se este modo, pouco formal, para aproximar os locutores e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

A conversa começa...

Como se organiza a residência?

Ora bem, temos capacidade para cento e oito alunos mas neste momento temos apenas cento e seis, mais rapazes do que raparigas. No piso seis temos rapazes e raparigas, o quinto e o quarto é feminino e o resto do edifício, ou seja, do piso três ao menos um é masculino.

E as limpezas?

Eles têm na cozinha tem um mapa de limpeza que o delegado faz com o nome de cada aluno e cada dia é um aluno. Depois há um dia que passa a funcionária. Eles nas limpezas da cozinha sabem que tem de limpar as bancas, o fogão, as mesas e o chão, depois fazem uma vez por mês aos frigoríficos também. Organizam-se assim.

Cada residente tem direito a um armário na cozinha?

Sim tem um armário e tem dentro dos frigoríficos um espaço só para eles.

Nos quartos as limpezas também são da responsabilidade dos alunos?

Nos quartos esta residência funciona por hall, cada hall tem dois quartos com quatro

alunos. Como a casa de banho é partilhada pelos quatro, existe um mapa de limpeza feito por os alunos do hall. É uma semana cada um a limpar e eu vou passando também de vez em quando. Nos quartos é uma semana cada um, uma semana limpa um, na seguinte limpa outro e eu faço a supervisão ao fim do mês.

E os alunos organizam-se bem?

Organizam, claro, tem de ser. Na altura dos exames é sempre mais complicado, existe alunos que falham como é natural, tenho de chamar à atenção mas nessa altura sou mais compreensiva e estou sempre a auxiliar.

Os espaços da residência respondem às necessidades dos alunos?

Não muito, é assim, nós olhamos tanto para a qualidade como para utilidade, isso é muito importante. Eles queixam-se com a falta de armáriosna cozinha, ou seja, não chegam para todos e a nível dos quartos é razoável, embora às vezes sentem falta de espaço nas secretárias. Queixam-se por causa da arquitectura desta residência. Como as janelas dos quartos estão sempre em sítios diferentes, há quartos onde as secretárias são mais pequeninas. Depois é a falta de espaços de convívio e da sala de estudo.

Os alunos já se expressaram em relação a esse problema?

Queixam-se mais da falta de sala de estudos porque faz mais falta do que o convívio.

Na ausência da sala de estudo, onde é que eles costumam estudar?

Vão para os departamentos, porque aqui como pode comprovar não têm condições.

Então raramente vê os alunos a estudar por aqui.

Apenas nos quartos, o que também é muito complicado. Existe sempre a diferença de horários entre os colegas de quartos e muitas vezes enquanto um quer estudar, o outro quer dormir e isso torna-se muito chato. Eles acabam por escolher outros espaços para o fazer.

O que falhou? Tem justificação uma residência universitária sem sala de estudo?

Eu acho que se devia ter pensado nisso numa fase prévia. À vista desarmada se existe uma residência para alunos da universidade tem obrigatoriamente de existir uma sala de estudo, porque eles estão cá fundamentalmente para estudar.

A cozinha afirma-se como o único espaço comum de permanência?

É onde eles fazem também a seu espaço de estar com sofás e televisões. Como não têm outro espaço, ali acaba por acontecer tudo.

Nesta residência temos pisos com configurações diferentes, deles também resultam vivências diferentes? Pensa que algum funciona melhor que outro?

Há uns pisos que em relação à cozinha podem ser mais complicados porque uns são maiores que os outros. Penso que também a relação entre o grupo do piso é mais forte nos pisos mais pequenos, ou seja, entre o piso dois e seis, são menos alunos por piso e aproxima-se mais do ambiente familiar.

Os alunos isolam-se no quarto ou vêm mais para os espaços comuns?

No geral não os vejo isolados, mas existe sempre um por outro que sim, principalmente quando são novos aqui, mas eles convivem muito. Por exemplo, pela tarde e pela manhã está um sossego, mas na hora de almoço e a partir do jantar é uma festa.

Organizam festas ou outras actividades em conjunto?

Sim, mas sempre com autorização. No início do ano fazem o programa para todo o ano e entregam nos SASUC para ser aprovado pela doutora Maria João.

E são os delegados que definem este calendário?

Às vezes os alunos é que impulsionam e falam com o delegado para ele saber o que gostavam de organizar.

Onde é que eles costumam realizar essas festas? Em que espaços?

Geralmente as festas são feitas aqui no pátio e na cozinha do primeiro piso, se estiver a chover a festa fica pela cozinha, quando está bom tempo estende-se para o pátio, com os grelhados e tudo.

Quando recebem um aluno novo qual é o procedimento que tomam?

Quando chega um aluno novo, no início é apresentado ao delegado e aos colegas de piso e a partir daí já são eles que interagem com ele, mostram os espaços e explicam como as coisas funcionam por cá.

Começam a conhecer-se a partir de que momento e de que forma?

Logo de início, quando chegam os caloiros, começam a falar, não só pela parte dos delegados como os próprios mais velhos ajudam na integração e no bem-estar dos novos residentes. No início é tudo uma novidade para eles, um pouco tímidos ao primeiro e segundo dia, mas depois começam a adaptar-se.

Como é que surgem os primeiros contactos?

A conversa surge com o colega de quarto, falam sempre do curso e começa por aí. Depois na cozinha ou na entrada, na zona da máquina do café existe sempre um momento que impulsiona a conversa, para não ficarem parados a olhar uns para os outros.

As festas e jantares ajudam?

As festas ajudam mas só acontecem de vez em quando. O que acaba por também ajudar muito é o convívio diário que acontece naturalmente.

Pensa que a residência é fechada para o exterior?

Pois é muito fechada para o exterior, mas está a referir-se à arquitectura?

Sim.

É um pouco fechada, para mim é.

Isso tem impacto na vida dos alunos?

Pode ter impacto, mas o verdadeiro problema deste polo na vida social aparece porque estamos muito afastados da cidade, ao mesmo tempo que também estamos muito limitados a nível dos transportes. Isso faz um impacto maior, na minha opinião, estamos longe da vida da cidade, da sociedade, aqui só temos as actividades da vida da universidade.

O pátio agrega as relações?

São dois pátios como sabe, todos eles vêm para o pátio quando há um evento na residência, ficam todos lá fora, põem música, põem as mesas e portanto eles ficam por ali.

São usados apenas para as festas?

Não, eles usam muito quando chegam os dias de sol, jogam futebol e tudo.

Fomos conhecer a residência...

Estamos agora na cozinha do primeiro piso, eles fazem as refeições e convivem aqui, temos a janela e porta para o pátio. É nesta cozinha, como disse à pouco que se fazem as festas. Eles gostam muito desta cozinha porque tem a particularidade de estar em conexão com o pátio e também tem uma luz muito boa.

E lavanderia têm cá? Como funciona?

Sim. Funciona com um horário das nove às cinco e durante a semana eu sou a responsável, ao fim de semana são os delegados. Funcionam através de moedeiros.

Aqui como funciona o espaço da entrada?

É assim, nós temos agora a entrada lá por cima com um cartão mas também vamos ter esta porta com cartão, o objectivo é ter as portas todas fechadas.

Mas porque é que optaram por fazer a entrada pelo pátio e não pela outra porta do lado?

Não sei, apenas aconteceu. Na verdade perdeu-se aqui muito espaço e os alunos comentam que este espaço poderia ser muito mais aproveitado com uma sala de estudo.

Quantos alunos estão no piso menos um?

No piso menos um temos 18 alunos, no primeiro temos 28. Esta é cozinha deles, é natural isto estar sempre bagunçado. Também tem um pequeno acesso ao pátio e eles aproveitam para estender a roupa. Como disse à pouco, e como vê, precisávamos de muito mais espaço nos armários e os alunos estão sempre a queixar-se.

Reparo que as paredes, no geral, estão em muito mau estado.

Pois, mas isso já não há nada a fazer.

Mas aconteceu porquê?

É assim, o problema da canalização que tínhamos já foi resolvido, agora o que falta fazer são as fachadas, enquanto não forem arrançadas não podemos fazer nada nas paredes interiores porque vai voltar ao mesmo.

Mas as fachadas deixam entrar humidades?

Sim, muita! As paredes estão assim porque enquanto não forem feitas obras nas fachadas, eles não vão fazer obras nas paredes interiores porque isso é gastar dinheiro duas vezes.

Então a cozinha do segundo piso funciona bem?

É muito mais pequena porque também são menos alunos.

Então eles convivem muito aqui?

Sim. Estes andares funcionam muito bem e também comunicam muito uns com os outros através da ligação que existe nos corredores.

Quantos alunos estão neste piso?

Doze alunos.

Quer acrescentar alguma coisa?

Pelo menos esta residência tem uma coisa boa, eu acho, tem bom ambiente, é sossegado e é mais familiar do que outra coisa.

E isso é gerado pela personalidade dos alunos ou pelo espaço?

Eu acho que são os dois. Pela personalidade e pelo espaço, eu acho que também tem muitas outras influências. Por exemplo, em relação ao polo III, onde já trabalhei, é muito movimento, é muita mais gente e depois tem muitos mais alunos de mobilidade e cria aquela coisa, quase tipo hotel, aqui não, é mais reservado é mais acolhedor.

Muito obrigado pelo seu tempo!

... A conversa termina.

**ANEXO B - Transcrição da conversa gravada com a Responsável da Residência
Universitária Polo II-2 da UC**

Conversa com Paula Margarida Dinis; quarta-feira, dia vinte e seis de
Outubro de 2016.

Nota: Esta conversa aconteceu de forma informal e sem qualquer tipo de guião, teve início na lavandaria do edifício, local onde os funcionários têm uma espécie de escritório e desenvolveu-se enquanto os espaços da residência foram percorridos. Procurou-se este modo, pouco formal, para aproximar os locutores e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

A conversa começa...

Quantos alunos estão na residência?

Neste momento temos cento e sessenta alunos mas a capacidade é para cento e sessenta e quatro.

Como estão distribuídos os alunos pelos pisos?

Neste momento a cave, que é onde nos estamos, tanto pode ter feminino como masculino, é misto. Depois temos o primeiro e segundo piso masculino. O terceiro era feminino mas o ano passado experimentámos ver se dava para ser misto porque há muitos mais rapazes nas engenharias do que raparigas, o que acontecia era que ficávamos com vagas femininas e não tínhamos vagas masculinas e experimentámos e tivemos êxito. Portanto, o terceiro piso é misto e o quarto é feminino.

Como funcionam as limpezas?

A nível de quartos é entregue aos alunos, eles são responsáveis pela limpeza dos quartos sendo que eu e a minha colega fazemos sempre uma supervisão no mínimo uma vez por mês. Com respeito a áreas comuns, corredores, salas de estudo, é feita a manutenção

todos os dias por nós funcionárias, sendo que um dia de cada semana a limpeza é mais profunda.

E na cozinha?

Na cozinha há uma escala na qual os alunos se organizam por quartos, é o delegado que organiza isso e cada dia é um quarto a fazer a limpeza da cozinha. Os alunos fazem ainda, quinzenalmente, uma limpeza geral onde formam um grupo e fazem a limpeza. Nós, funcionárias, também fazemos uma revisão e limpeza de quinze em quinze dias.

Os delegados, como se organizam?

Temos um delegado por andar, só a cave e o primeiro piso é que têm o mesmo delegado porque a cave só tem 11 quartos e como também não tem cozinha, não se justificava ter um delegado. As pessoas da cave servem-se da cozinha do primeiro piso, por isso, para nós foi lógico juntar estes dois andares num só delegado.

Como é o convívio entre os residentes aqui, eles organizam festas?

Sim. Quando vim para esta residência para mim foi um bocado difícil, muito pela dimensão, porque eu estava na residência Pedro Nunes onde só tinha 36 alunos e eram quase todos do programa Erasmus. Para mim, não gostei muito porque sou uma pessoa muito comunicativa e os alunos de Erasmus são pessoas que saem de manhã, vão para os seus departamentos e eu passava ali dias e dias que não vi ninguém. Não gosto, não faz o meu género. Eu gosto de conviver com pessoas e quando peguei nesta residência isto estava um pouco desequilibrado, por isso, tentei incutir aqui a festa de natal e a recepção ao caloiro. Agora vão fazer o magusto e isto é sempre com os pisos todos, portanto eles interagem entre todos da residência. Só, por exemplo, às vezes o delegado quer fazer um jantar de piso e aí fazem só o jantar de piso. O ano passado tivemos aqui a festa de natal e foi espectacular, foi a primeira vez que consegui que os pisos estivessem todos juntos porque eles faziam tudo separado por cozinhas e só no fim é que faziam a troca de prendas entre todos no hall de entrada e não funcionava. Eles convidam-me sempre e eu sempre disse que eu não vinha porque é sempre muito chato pois eles fazem por pisos e tinha de estar um bocadinho aqui e um bocadinho para ali. Então o ano passado consegui fazer com que eles estivessem todos juntos e foi espectacular!

Quais são os espaços que usam mais para realizar estas festas?

Temos aqui uma sala, a suposta sala de estudo da cave, mas como no ano passado foi muita gente este ano iremos fazer aqui na lavandaria. Isto, porque também tem porta e a sala de estudo não tem janela, não tem nada.

A lavandaria tem acesso para o pátio central, é o que procuram?

Sim. Eramos cento e tal pessoas e como não tem respiração nenhuma, estávamos a destilar lá dentro e na lavandaria temos sempre esta oportunidade de nos estendermos ao espaço do pátio.

A relação entre os residentes é mais forte nos pisos?

Sim, por sector de andar. Não quer dizer que sejam todos mas eles interagem muito bem uns com os outros, porque basta uma colega do mesmo curso estar noutra andar e eles comunicam. Os rapazes vão para os pisos das miúdas, as miúdas vêm para o piso dos rapazes, isso funciona bem, a relação é mais forte nos pisos mas no geral também é uma boa relação.

Considera que se gera um ambiente familiar?

Sim. Mesmo comigo e com a minha colega. É assim, eu sou uma pessoa muito brincalhona, gosto muito de brincar com eles, gosto muito de acarinhá-los e com eles no global a resposta é muito boa. E há uma coisa que eu noto, não é por nós sermos duras que as pessoas nos têm mais respeito, pelo contrário. A experiência que tenho, é que eles conseguem saber quando estou brincar e quando tenho que chamar a atenção eles são de uma educação extrema. Eles sabem até onde ir, sabem muito bem que podem chegar ao pé de mim gritar, beijar e não sei o quê, mas se eu tiver de dizer alguma coisa, eles ouvem-me e pedem desculpa, portanto, é uma relação boa.

Quanto aos espaços, os espaços mais colectivos, os de uso comum, funcionam bem ou sente falta de mais algum espaço?

É assim, nós não nos queixamos muito. À vista de outras residências, nós temos cozinha e sala de estar, mesmo sendo o mesmo espaço sabemos que temos uma boa cozinha com uma televisão e um sofá. É óbvio que um sofá não dá para trinta e tal pessoas, não

é? O que eles gostariam de ter, se calhar, era uma sala onde tivessem uma televisão, ou pudessem estar ao mesmo tempo muito mais pessoas juntas. Já se têm manifestado nesse sentido e preciso de um espaço para eventuais actividades. O ano passado tivemos aqui aulas de ginástica que foram dadas por alguns colegas que estavam a acabar o curso de ciências do desporto e foi interessante. Houve muita gente que aderiu, não se pagava e estavam ocupados das seis e meia às oito. Aderiram bastante. Temos sempre estas actividades cá.

E em relação aos pátios?

Não são bons. No pátio da cozinha sim, os alunos colocam lá uma mesa e um grelhador, os outros não.

Na sua opinião, pensa que podia ser um espaço com outra utilidade?

Sim, eu acho que sim. Podia haver ali umas mesas com umas cadeiras, até no verão aquilo é agradável.

E não sente que esta residência é muito fechada para a rua?

Não, porque os quartos trabalham todos para o jardim e a janela é da mesma largura do quarto, portanto eles têm claridade que sobra. As cozinhas também têm grandes janelas.

Mas não tem ligação entre a rua e os espaços comuns.

Pois os espaços são fechados como as cozinhas, só têm abertura superior.

E a sala de estudo do primeiro piso?

Só há uma coisa que eu acho que falta, a sala tem aquecimento, mas nós não temos autorização para ligar o aquecimento. O aquecimento está programado e só trabalha naquelas horas. Durante o dia, no inverno, é insuportável estar ali, quando abrimos a porta do corredor para entrar na sala de estudo parece que estamos a entrar numa câmara frigorífica. É um bocado desconfortável.

Na cave acontece o mesmo?

Esta aqui é mais confortável, mas para mim tem um contra, não tem a luz do dia. Não tem, eu já lhe vou mostrar! Não há nenhuma janela e só tem uma porta para entrar.

É usada pelos alunos?

Principalmente no verão porque é uma sala que é muito fresquinha no verão mas entre as duas, é a do piso 1 que é mais usada, tem mais qualidade na luz, e no mobiliário. Estar lá é menos cansativo, é menos fechado e isolado.

Quando um aluno cá chega como é que ele é integrado?

A primeira recepção que é feita ao aluno que chega pela primeira vez é feita por mim, ou por mim ou por a minha colega, caso eu não esteja. Nós identificamos e damos algumas indicações do modo de funcionamento da residência. Informamos aquilo que ele tem de fazer, damos a conhecer o quarto e os espaços comuns, mostramos como funciona a cozinha, a lavandaria e damos-lhe o Kit de roupa que é para arrumar logo a situação. Posteriormente o aluno é apresentado ao delegado, caso o delegado esteja na casa, caso não esteja, deixo ou mando uma mensagem para o informar do novo aluno e para ele entrar em contacto com ele.

Mas é fácil começar a estabelecer relações?

Nessa parte eu sou um pouco exigente com os delegados, eu exijo que eles tenham muitas actividades com os caloiros da residência, porque ser delegado não é só mandar, não é? Às vezes eles confundem um bocado as coisas, ser delegado é também ajudar na integração dos alunos. Para que isto funcione bem, eu nisso sou um bocado exigente. Incentivo bastante que eles organizem actividades como jantares, pois os jantares de piso são os mais importantes para os caloiros começarem a conhecer a residência, é diferente.

Então o papel do delegado é fundamental...

É, sem dúvida que sim, tanto para o novo aluno como para nós, é uma fonte de informação entre as funcionárias e alunos. Acaba por ser isso, porque às vezes há alunos nós nem vemos e temos recados para lhes dar, temos coisas que precisamos de falar com eles e eu estou sempre em contacto com os delegados.

Como é nomeado um delegado?

É nomeado pelos alunos do andar todos os anos, em Junho, cada um apresenta a sua

candidatura, o que é que pensa fazer, o que teria de ser mudado naquele piso e depois votam em quem é que querem, no final fica em acta e assinado por todos.

Quer acrescentar alguma coisa?

A única coisa que posso acrescentar é que gosto do que faço. Às vezes não é fácil lidar assim com este pessoal mas é saudável, eu acho que é saudável, embora eu já tenha uns anos e acho que nós estamos sempre a aprender com eles, o que é muito agradável. Pronto, também não podemos ver apenas isso. É muito cansativo, digo-lhe, há dias em que é cansativo. Como vê estamos aqui há pouco tempo e já fomos interrompidos três vezes, eu estou sempre a ser chamada, às vezes não é só o esforço físico.

É quase como o recorrer normal de um filho a uma mãe.

É exactamente isso, às vezes saio daqui sem paciência para o que está lá em casa.

Mas no fim considera esta relação de proximidade ótima.

À sim! Eu não conseguia, na minha maneira de ser como pessoa, estar aqui sem esta relação. Sou muito disciplinada, ao mesmo tempo que sou muito brincalhona, gosto muito de os ajudar e não quero que eles pensem que isto aqui é uma prisão e que nós estamos a controlar tudo. Eles têm de se sentir, como se estivessem em casa deles, não é? Porque só assim é que também pode haver bons estudos. As pessoas têm de se sentir bem onde estão, porque se eles se sentirem aqui mal, não se derem bem com o colega, não gostarem de nós, também não conseguem ser bons alunos. Porque há um desequilíbrio. Eu incuto-lhes muito a ligação com as outras pessoas. Hoje tenho alunos que não estão cá e vêm visitar-me. Isto para nós é gratificante, entende? Sabemos que marcamos alguém, que fazemos parte da vida dos alunos que por aqui passam. Porque é assim muitas vezes os pais não estão por perto e são de famílias humildes, não percebem muito bem o que é o estudar no ensino superior e então também não acompanham os estudos dos filhos como nós acompanhamos e ajudamos. O ambiente aqui é saudável.

Muito obrigado pelo vosso tempo!

... termina a conversa.

ANEXO C - Transcrição da conversa gravada com o Responsável da Residência Universitária Polo III da UC

Conversa com Carlos Gomes; sexta-feira, dia vinte e três de Janeiro de 2017

Nota: Esta conversa aconteceu de forma informal e sem qualquer tipo de guião, teve início na sala de espera junto à recepção do edifício e desenvolveu-se enquanto os espaços da residência foram percorridos. Procurou-se este modo, pouco formal, para aproximar os locutores e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

A conversa começa...

Quantos alunos residem cá?

Neste momento temos 266 alunos, sendo esta a nossa capacidade máxima.

Como estão distribuídos e agrupados os alunos?

Os alunos estão distribuídos por alas masculinas ou femininas. Neste momento temos dois pisos exclusivamente femininos, um masculino e outro misto, ou seja, tem uma ala feminina e outra masculina. Cada piso tem três alas à excepção de um piso que só tem duas porque tem a lavandaria.

Como funcionam as limpezas?

As limpezas, quinzenalmente são asseguradas pelos serviços de acção social, quinzenalmente e apenas nos espaços comuns. O quarto, desde que os alunos entram na residência, é da inteira responsabilidade do ocupante ou dos ocupantes, ou seja, é da organização das duas pessoas que lá estão. Na cozinha existe uma escala de limpeza feita pelos delegados. Creio que maioritariamente a limpeza é feita diariamente, organizam-se por quartos e cada quarto tem o seu dia para limpar. As casas de banho,

salvo excepção das casas de banho dos rapazes, também têm escala de limpeza diária ou de dois em dois dias, isto por opção de cada ala.

Como são definidos os delegados?

Todos os anos, no fim do ano lectivo, aí mais ou menos em Junho, o delegado que está a acabar o ano lectivo, convoca uma reunião com todos os colegas e fazem uma eleição, as pessoas que se apresentam a votação fazem uma eleição para o delegado do próximo ano lectivo.

Os alunos aqui convivem muito uns com os outros ou isolam-se mais nos quartos?

É assim, à excepção dos alunos estrangeiros, a maior parte deles fazem um bom convívio entre eles, isto acontece muito mais a nível de alas, não se mistura muito esta ala com aquela, mas penso que é uma boa relação sendo que nas alas a relação é muito mais forte.

Consegue encontrar alguma justificação para a relação se revelar mais forte no círculo das alas?

Penso que passa mais pelo facto de o encontro ser mais frequente e a cozinha é sempre aquele espaço que os alunos têm como referência diária. Posso dar-lhe o exemplo do primeiro piso, tem cerca de oitenta meninas e quase de certeza que as meninas de uma ala não conhecem as meninas da outra, não se cruzam tanto. Nas alas o ambiente é muito bom, gera-se ali um meio familiar. Mesmo tendo os convívios que eles fazem durante o ano lectivo para a residência toda, acho que as alas não se juntam muito. Como é óbvio, há sempre casos pontuais, um colega ou outro que vai comer ali aquela cozinha, está mais englobado naquela cozinha, mas acho que é fundamentalmente mais dentro das alas.

Que actividades organizam para além dos convívios?

Pouco mais que convívios, que me recorde, apenas os jantares. Os delegados é que impulsionam estes eventos, geralmente acontecem no início do ano lectivo para receber as pessoas novas da residência e depois durante o ano, no natal, na época da queima,

no magusto, depende sempre da vontade e do tempo que os delegados podem despende para organizar estes encontros.

Quais os espaços que abrigam estes eventos?

No piso menos dois, no terraço (pátio) e corre sempre bem.

Fale-me sobre os espaços de uso comum.

Na minha opinião, nesta residência deveria existir uma sala de estudo mas na acepção da palavra sala de estudo. Não uma sala de estudo como existe aqui, num corredor de passagem. É obviamente um problema ter um corredor de passagem no meio da sala de estudo. Imagine trezentas pessoas a passar por ali diariamente, uma pessoa que esteja ali a estudar nunca consegue, com o barulho e o movimento constante. Nas cozinhas, que são um espaço fundamental, funcionam bem, o espaço é suficiente. Para o que eu vejo da utilização das cozinhas acho que é o suficiente.

Os alunos costumam ter queixas em relação à qualidade dos espaços?

É assim, as queixas resumidas é sempre à base da sala de estudo e o espaço em si do quarto.

E os pequenos espaços de convívio que abrem pontualmente nos corredores?

É assim, esses espaços são mais usados na altura dos exames, porque como vê temos uma sala de estudo que não alberga muita gente e então há muitos alunos que optam por usar as salas comuns que existem e as mesas das cozinhas para estudar. O encontro entre alunos da ala para conviver raramente acontece nesses espaços, porque como é um espaço aberto e está no meio de quartos, qualquer barulho que seja excedentário ali vai incomodar logo três ou quatro pessoas.

Como recebem um novo aluno na residência?

Por norma o aluno é recebido por mim, mostro-lhe os espaços, explico-lhe o funcionamento da residência e passo para o delegado. O delegado por sua vez, tenta integrar o colega, apresentando-o a toda a gente que já cá está. Esta residência é a única que tem onze delegados, cada ala tem um. Os delegados ajudam ainda, como lhe falei à pouco, na organização dos convívios para a integração dos novos colegas, para que eles

conhecerem, além da ala, os restantes colegas da residência. O papel do delegado acaba por ser fundamental numa residência universitária, tanto na integração do grupo como no seu bom funcionamento e bem-estar, é para isso mesmo que existem.

Agora estamos na entrada da residência.

É assim, isto é a sala de convívio da entrada da residência. Por isso será uma espécie de uma sala de espera e de recepção. Sala de estar nunca pode ser, por termos a sala de estudo ao lado e não se pode fazer barulho. Nesse propósito nunca poderia acontecer. A sala de estudo, na verdade é uma má resolução. Porque é assim, além de ser pequena é a localização onde ela se encontra, num corredor de passagem. Tendo em conta que oitenta por cento das pessoas moram para lá da sala de estudo, obrigatoriamente vão passar por ali sem qualquer alternativa.

Como funciona a lavandaria?

Aqui temos a lavandaria com máquinas de lavar, secar e os ferros de engomar. O ano passado isto foi adaptado para trabalhar com moedeiro, além de ajudar as máquinas a não terem uma utilização abusiva, ajuda-nos porque evita que os alunos estejam a lavar apenas uma peça de roupa e a colocar detergente em excesso. Com o moedeiro a pessoa já é mais responsável na utilização. Até então funcionava com livre acesso, qualquer pessoa podia usar, agora funciona como uma lavandaria self-service da rua.

Estou a reparar que têm mapas de orientação em braille aqui nos corredores.

Neste momento, nas residências da universidade há um aluno cego ele já esteve aqui e foi importante para ele saber localizar-se, mas mesmo assim acho que foi insuficiente.

Também tive a mesma percepção.

Chegamos agora à cozinha do piso menos um, temos uma parte mais para a confecção de alimentos e outra parte que acaba, no fundo, por ser uma sala de estar e sala de refeições. Esta sala também funciona muito, devido ao facto da sala de estudo ser pequena, como local de estudo mas mais pela altura dos exames. É aqui que se gera o principal encontro entre os alunos desta ala e o círculo residencial.

Sabendo que o espaço das cozinhas do piso menos dois se estende ao espaço do

pátio, cria alguma diferença na utilização da cozinha?

A cozinha é relativamente mais aberta, e possibilitando o acesso ao espaço exterior cria outra característica ou outra forma de convívio entre os alunos. O que os alunos comentam muito é que gostam efectivamente de poder utilizar aquele varandim que existe mas não está acessível. Por motivos de segurança a janela que existe acaba por só ter uma pequena abertura e não permite a ventilação necessária.

Chegamos então às casas de banho.

Eu chamo balneário e por norma tem capacidade para seis ou sete alunos por ala. Penso que seja o suficiente, pela minha experiência nunca existe assim muito conflito.

Mas a privacidade?

Como as alas estão separadas por sexo, penso que existe privacidade, pelo menos nunca ouvi comentários em relação a isso. Se fosse tudo misturado, como é óbvio, as coisas não iam funcionar bem, nem faria muito sentido.

Aqui nos corredores e nos espaços de circulação tem algo a dizer?

Eu acho que podia estar salvaguardado com outro tipo de privacidade, porque por exemplo o que é feito em privacidade pelos residentes é com as portas corta-fogo, ou seja, o que era previsto como sistema de segurança está a ser usado, também, como delimitação do espaço em busca de privacidade e conforto. Estes corta-fogos que estão entre as alas tem esse papel importante, estão enfiados na parede e aí pelo final da tarde, a ala puxa a porta para fechar o espaço, o que ajuda muito os alunos a passarem do quarto para o balneário mais à vontade.

Falando também um pouco no aspecto dos espaços de circulação. Fogem um pouco ao ambiente familiar e aproximam-se muito de um edifício público?

É assim, como é óbvio, devido à dimensão é difícil dar o toque familiar. Há aspectos que, na minha opinião, foram intencionais para procurar um ambiente familiar mas que depois se perde um pouco com a dimensão. Os corredores se fossem de outra cor não seria pior. Quando é tudo branco faz lembrar o hospital, que é o que toda a gente diz, que faz lembrar os corredores do hospital, mas também não vejo assim muitas mais

soluções para além da cor branca.

Quer acrescentar mais alguma coisa?

No fundo, as principais queixas nesta residência, em concreto, é a sala de estudo e o espaço em si dentro do quarto, porque se formos a ver o espaço do quarto seria, se calhar, apenas para uma pessoa. A sala de estudo é o que temos, na altura de exames eles têm várias opções para estudar e uma delas até é a cantina aqui ao lado que na época de exames funciona como sala de estudo. Abre às dez da noite e está aberta até às quatro e meia da manhã. É assim, posso-lhe dizer que se calhar em catorze residências universitárias, apenas três ou quatro é que têm sala de estudo, por isso, também não nos queixamos muito.

Muito obrigado pelo seu tempo!

... termina a conversa.

ANEXO D - Transcrição da conversa gravada com um aluno da Residência Universitária Polo II-1 da UC

Conversa com Edmundo Correia, residente há mais de um ano, estuda Engenharia Mecânica; terça-feira, dia vinte e cinco de Outubro de 2016.

Nota: Esta conversa aconteceu de forma informal e sem qualquer tipo de guião, decorreu no espaço do quarto e começou a ser gravada após uma conversa inicial em que aluno afirmou ter passado pela Residência Universitária Polo III. Procurou-se este modo, pouco formal, para aproximar os locutores e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

A conversa começa...

Então, consegues expor as principais diferenças entre esta residência e a do pólo III?

Como te estava a dizer, em relação aos espaços, os quartos cá são bastante maiores que os quartos da Residência universitária Polo III mas lá, como foi a última a ser construída, é um pouco mais moderna que esta.

Com isso dizes que é mais confortável?

Sim, é mais confortável, isso é. Tipo é mais moderno simplesmente em relação a este.

A forma como habitas e convives com os teus colegas é igual?

Aqui o convívio é melhor, porque na Residência Universitária Polo III quase toda a gente está no seu canto. Na minha opinião, porque nós temos uma ala onde é só de angolanos. Certo? E aí minimiza um pouco a convivência que vai para além do nosso grupo.

Mas aqui também tem esse grupo?

Não, aqui está tudo junto, estamos todos misturados.

Onde é que vocês se juntam cá na residência?

Há dias atrás houve uma festa que juntou a residência toda e nós juntamo-nos aqui atrás no pátio ou mesmo na cozinha quando está mais frio ou está a chover, e é sempre assim.

Não sentem falta de um espaço exterior ou de uma sala de convívio?

Falta de espaço aqui, é só a falta de um espaço para estudar, uma sala de estudo. Está a faltar muito a sala de estudo aqui, não temos um sítio para estudar a não ser o quarto.

Achas que o teu quarto ganhava mais se tivesse uma varanda?

Sim claro, mas eu sinto-me confortável com o que temos, por isso não penso muito nisso.

Mesmo a partilhar o quarto e a casa de banho?

Sim, mesmo assim. Às vezes isso acaba por ser um problema porque nem sempre as pessoas que estão a partilhar contigo limpam da mesma forma. Os quartos fazem uma escala de limpeza mas algumas vezes não é cumprida e acaba por ser muito chato. As coisas nem sempre são a cem por cento ou da forma que desejamos, mas temos de aceitar que somos todos diferentes.

Mas é bom ter este espaço na entrada do quarto.

É muito! Na Residência Universitária Polo III não era assim, lá tem os quartos de um lado e as casas de banho do outro, certo? Como tens o corredor no meio dos dois, nesse caso para ires para as casas de banho tens de sair mesmo do teu quarto e andar pelo corredor, quando estás de toalha ou de roupa interior (risos). Isso não funciona muito bem e é chato, e para além disto, a casa de banho é partilhada por muitas pessoas.

O que é que muda, o que é que sentias lá? Sentias que estavas na tua casa? No teu ambiente familiar?

É assim, nos primeiros dias eu identificava-me mais aqui. Porque fiquei muito tempo cá. Quando eu cheguei cá, dia sete de Janeiro achei tudo muito estranho e depois de algum tempo comecei a ficar familiarizado com o ambiente da residência. Fiquei a gostar muito de cá estar. Depois eu fui para a Residência Universitária Polo III. Também achei tudo muito estranho e passado algum tempo comecei a gostar de estar lá. Cheguei até,

a gostar de estar lá mais do que aqui. Quando eu voltei novamente para aqui, o gosto de estar cá voltou. É pá, isto para te dizer que é uma coisa de se adaptar!

É a partir do momento em que comesças a formar o teu grupo de amigos que comesças a identificar-te com a residência?

Sim, porque como já falei, nós na residência do pólo III estamos simplesmente divididos. Existia o nosso corredor onde estavam todos os bolseiros angolanos, estás a compreender? E não tinha aquela interacção com o resto dos estudantes porque ficávamos fechados no nosso grupo, como estávamos seguros assim, não sentíamos necessidade de conhecer o resto da residência. Para além disto, as interacções que tínhamos com outras pessoas aconteciam na sala de estudo, ou seja, não tínhamos um espaço que fosse de todos para poderem estar lá diferentes pessoas de diferentes pisos e alas.

Então consideras que também é um problema de estrutura, ou seja, de organização e distribuição dos quartos?

Não sei se posso dizer isso, porque quando estive lá, foi na altura das férias e como a maioria das pessoas tinham ido viajar e essas cenas todas, não tinha lá muita gente para além dos angolanos. Eu acho que na época das aulas, quando a residência está cheia, funciona muito melhor, tenho lá colegas nessa época e eles dizem-me que tem um ambiente muito fixe com uma boa interacção mas eu acho melhor aqui, estamos mais integrados com os colegas e com as funcionárias.

Queres acrescentar mais alguma coisa?

Não, penso que falei das coisas mais importantes.

Muito obrigado pelo teu tempo!

... termina a conversa.

ANEXO E - Transcrição da conversa gravada com uma aluna da Residência Universitária Polo II-2 da UC

Conversa com Liliana Chaves, residente há quatro anos, estuda Engenharia e Gestão de Engenharia; tem o cargo de delegada do terceiro piso; quarta-feira, dia vinte e seis de Outubro de 2016

Nota: Esta conversa aconteceu de forma informal e sem qualquer tipo de guião, teve início na sala de estudo da cave do edifício e desenvolveu-se enquanto os espaços da residência foram percorridos. Procurou-se este modo, pouco formal, para aproximar os locutores e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

A conversa começa...

Esta é a tua primeira residência?

Sim é.

Gostas de cá estar?

Sim.

Como foi o teu primeiro dia cá? Conseguiste

Entrei na segunda fase. Então caí do céu porque eu sou dos Açores, como tinha o meu irmão cá em Portugal a estudar em Santarém, fui ter com ele e só depois é que subimos para Coimbra. Começámos por tratar dos papéis da matrícula mas foi no mesmo dia que tratei do assunto aqui do alojamento. Eles deram-me logo alojamento porque eu disse-lhes que era dos Açores e que precisava, com urgência, de alojamento. Pronto, vim para aqui, e começou desde então.

Como é que começaste a comunicar os colegas que encontraste aqui?

É complicado. Inicialmente, porque temos sempre tendência a isolarmos um bocado,

ficamos a maior parte do tempo no quarto, que é onde encontramos segurança, mas depois quando vais cozinhar, vais ver televisão ou lanchar, encontras alguém e é com isto que perdes o medo e comesças a iniciar conversas e relações. Como sou açoriana fico cá todos os dias e a parte boa é que apesar de aos fins-de-semana a maior parte do alunos ir às suas casas, fica sempre alguém cá e então nunca estou sozinha.

Falaste que te sentes segura no quarto, o que achas do seu espaço?

Na minha opinião, é bom, é muito bom. As condições são excelentes e a casa de banho é interior, só tens de a partilhar com o teu colega de quarto, o que as outras residências não têm e é muito mais confortável para os alunos.

Sentes falta de algum espaço?

Às vezes sinto falta de privacidade, porque uma vez que partilhas quarto com alguém, não podes dizer - Olha sai daqui que quero estar sozinha - mas quando tens uma boa relação com o teu colega de quarto é fácil e quando estás nos teus dias maus vais dar uma volta e as coisas resolvem-se.

O conforto e a organização das salas de estudo e as cozinhas são suficientes para ti?

As salas de estudo, não são as melhores mas eu até gosto desta (sala de estudo da cave) porque não tem janelas e assim não temos distrações. Já a sala de estudo lá em cima é muito melhor e tem janelas de onde vemos pessoas a passar, mas como eu não gosto de ter distrações prefiro estudar aqui. O que posso dizer é que não temos sala de estar mas o espaço da cozinha possibilitou a organização de uma espécie de sala de estar/jantar/convívio e é bastante confortável estar lá!

Vamos conhecer os espaços?

Sim. Aqui nos corredores dá assim uma sensação que estamos numa prisão e depois as portas abrem-se assim de lado é um bocado assustador mas com o tempo habituas-te facilmente.

Então este é o teu quarto?

É, não está cem por cento limpo mas é normal, a limpeza é feita todos os dias excepto

sábados, por mim e pela minha colega.

Como é partilhar o espaço do quarto?

Por vezes é difícil estabelecer uma relação de proximidade com alguém que não conheces bem e usa o espaço de forma diferente mas nós tentamos sempre ter uma boa organização, de maneira que não haja conflitos. Pode até, tornar-se fácil se tu, tiveres uma personalidade que consegue orientar e aceitar as diferenças na cultura e personalidade. Tens de te adaptar um bocado para que funcione bem e de facto até funciona.

E a organização do quarto?

Na verdade, sinto-me bem cá, como vês não tem muito espaço mas é o suficiente para mim e depois temos cá o nosso armário para as nossas coisas. Acho que é o suficiente para viver e estudar, temos a nossa mesa, que posso colocar da forma que quero e a casa de banho, como te disse lá em baixo é muito boa. É assim, não é a tua casa mas vives muito bem cá. O que mais gosto é a varanda, este sol é muito bom e quando abrimos as portas o quarto parece que fica com o dobro do espaço. Quando está sol uso muito para apanhar ar ou para estar com os meus amigos e até para estudar, muitos dos quarto até têm mesas e cadeiras cá fora.

Vamos ver o pátio?

Sim, mas não te posso dizer grande coisa porque nós não fazemos nada aqui para além de secar roupa.

Mas porquê?

Então, isto está tudo partido.

Mas achas que essa é a razão para não o usarem?

Não, também acho que outra opção era a gente organizar aqui as festas da residência. Nós fazemos normalmente a primeira festa da residência para conhecer os caloiros e para que eles comecem a interagir com as pessoas que aqui vivem, mas nunca fazemos neste espaço, primeiro porque não dava espaço para toda a gente e também porque não tem condições. O maior problema deste, e do pátio central, é que estão localizados fora

ou à parte de todos os outros espaços. O pátio das cozinhas é o que mais usamos para fazer jantares e churrascos.

Queres acrescentar mais alguma coisa?

Posso dizer que é bom estar aqui, temos um bom ambiente e para quem estuda engenharias, estamos bastante perto das faculdades.

Muito obrigado pelo teu tempo!

... termina a conversa.

ANEXO F - Transcrição da conversa gravada com dois alunos da Residência Universitária Polo III da UC

Conversa com Tiago Azevedo, residente há cerca de um ano, estuda Gestão; e com João Pedro, residente há mais de dois anos, estuda Economia; sexta-feira, dia vinte e três de Janeiro de 2017.

Nota: Esta conversa aconteceu de forma informal e sem qualquer tipo de guião. Os alunos foram abordados quando se encontravam a conversar no exterior do edifício, junto à entrada principal. Procurou-se este modo, pouco formal, para aproximar os locutores e para que o relato das experiências espaciais surgissem da forma mais genuína possível.

A conversa começa...

Quais foram os teus primeiros contactos quando chegaste a esta residência?

Tiago – Isso já foi há dois anos, mais ou menos, já não me recordo muito bem. Não sei muito bem o que senti, mas não foi a melhor recepção, porque é assim, aqui é tudo muito isolado. Por exemplo, não temos uma sala em conjunto, com televisão e essas coisas todas para o pessoal estar aqui a conviver e a estabelecer contactos com o pessoal da residência. O nosso espaço mais comum é a cozinha que temos lá uma televisão pequena, o espaço até é bom, mas acho que a integração foi um bocado prejudicada por não existir uma sala de estar.

Então para ti a cozinha foi e é essencial para o teu dia-a-dia.

Tiago - Sim, enquanto fazemos as refeições estão sempre lá colegas e isso incentiva o contacto e a conversa e vamo-nos conhecendo assim. É mais ou menos por aqui que se formam os grupos da residência e foi com isto que consegui conhecer o pessoal da minha ala.

Organizam eventos entre vocês?

Tiago - Não muitos, porque lá está, é uma residência em que o pessoal não se relaciona todo bem e que não se conhecem uns aos outros.

João - Isso é mais na ala do Tiago, porque na ala dele tem sempre mais alunos de Erasmus, alunos que ficam cá pouco tempo. Eu já estive na ala dele e lá os nacionais que permanecem muito tempo cá são muito menos que os que estão sempre a entrar e a sair, é por isso que nunca temos aquele tempo para criar laços. Agora na ala em que estou, no piso menos dois, é tudo português e então o ambiente já é diferente, falamos muito mais e de vez em quando organizamos jantares. Existe muito mais convívio, sem dúvida, mas também não é coisas de melhores amigos.

Como o Tiago falou, o convívio da tua ala também acontece em redor da cozinha?

João - Sim, sempre na cozinha. É na cozinha que as pessoas falam mais e se estabelecem os contactos no geral da ala. Nos corredores é difícil abordar as pessoas pela primeira vez, assim do nada, só acontece com os colegas que já conhecemos.

O delegado incentiva o convívio.

João - No meu ano, por acaso, foi a cozinhar ou a jantar que tive oportunidade de falar com o pessoal e começar a estabelecer relações. Não foi o delegado que me apresentou os colegas mas agora já é mais assim. Quando eu cheguei ele falou um pouco comigo e já foi diferente mas também depende um pouco do perfil de cada delegado.

Sentes que precisas de mais algum espaço? Já me falaram da sala de estar, há mais ou existe algum que não funcione tão bem com quem queriam?

João - A sala de estudo, está aqui na entrada está assim um pouco mal posicionada.

Tiago - Está muito mal.

João - Porque passa sempre lá gente para ir para as alas e fica com muito movimento, o que por norma não deveria acontecer numa sala de estudo.

Tiago - Supostamente aqui na entrada tem uma sala de estar, para o pessoal que vem cá mesmo quando não é da residência, ou seja, uma sala para o pessoal conversar e conviver. Isto, mesmo ao lado da sala de estudo e não tem nada a separar, como é óbvio, nem um nem outro funciona bem assim, porque não podemos estar lá a falar à vontade. Uma sala onde é suposto gerar barulho ao lado de uma sala direccionada ao estudo,

que tem de ser silenciosa, não faz qualquer sentido. Acrescentando o problema gerado pelo corredor de circulação, imagina o desconforto que é estar ali a tentar estudar, não consegues estar concentrado.

E as salas de estar pontuais nos corredores das alas?

João - Tem lá uns pequenos sofás e acontece o mesmo que acontece na sala de estudo. Por exemplo, se quisermos ir para lá durante a noite, não podemos estar a falar muito porque tem os quartos logo ao lado.

Tiago - Por outro lado também é uma questão de mobiliário, só tem um sofá com três lugares em cada sala e não dá para grandes agrupamentos.

Passando agora para os espaços mais privados, falem-me dos vossos quartos. O espaço é bom? Está bem organizado? Era melhor com varanda?

Tiago - Claro que seria, é sempre bom ter uma varanda para apanhar ar de vez em quando ou até quando estivesse sol, ficar lá a conversar com o colega do quarto.

João - Mas se calhar, depois também ficaríamos mais tempo no quarto e iria proporcionar mais o nosso isolamento mas também essa parte dependia sempre da personalidade e da forma de estar de cada um. Como comprovámos, temos uns colegas que gostam de estar mais isolados no seu espaço e outros que gostam mais de partilhar o espaço e conviver entre todos.

Tiago - Eu não gosto daquela espécie de porta, aquela porta que faz de janela e que só dá para abrir três centímetros para fora, acho que preferia lá uma janela com a abertura completa do que a solução que temos.

João - Pois, nesta situação ficamos um pouco enclausurados.

Tiago - E para além disto, o quarto é pequeno. Tem um corredor pequenino entre as secretárias e camas, é bastante pequeno mas dá para viver.

As casas de banho?

Tiago - Não gosto muito, acho que aquilo está tudo mal feito, eu não me sinto à vontade porque não tenho privacidade suficiente. Primeiro porque temos aqui portas que por exemplo, quem está no terraço (pátio) consegue ver quem está na casa de banho.

João - Isso também só está a acontecer mais agora porque agora não tem as cortinas,

mas penso que vão voltar a colocar.

Tiago – Mas mesmo assim não estamos completamente à vontade. Não me sinto á vontade, aquilo é uma espécie de balneário, não dá para fechar e pode ir lá quem quiser enquanto estamos lá. Depois só tem dois chuveiros e não é assim muito confortável. Eu pelo menos preferia uma casa de banho mais pequena mas que fosse privada ao meu quarto, porque eu já estive noutras residências em que funcionavam assim e gostava muito mais, sentia-me mais à vontade para as minhas coisas. Era como uma casa normal.

João - Nesta residência não te podes dar ao luxo de tirar tudo ir à casa de banho ou fazer a higiene pessoal sem pensares que estás num espaço partilhado, é muito desconfortável.

João - Depois temos este terraço aqui fora que não é aproveitado como deveria ser. Até é um bom espaço e tudo mais, mas não tem lá nada e o acesso é só a partir das cozinhas do andar menos dois, uma cozinha que no geral não é tua, ou seja, é só do andar menos dois.

Querem acrescentar mais alguma coisa?

Tiago - Não, não nos lembramos de nada

Muito obrigado pelo vosso tempo!

... termina a conversa.

ANEXO G - Exemplar do Inquérito desenvolvido para as Residências Universitárias dos casos de estudo

INQUÉRITO

O presente inquérito desenvolve-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Arquitectura que estou a desenvolver na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Tem como objectivo perceber as qualidades espaciais, o ambiente, as relações e as actividades de grupo ou individuais que se realizam na residência em que habitas.

O preenchimento demora entre 10 e 15 minutos. As respostas são confidenciais tendo como única finalidade fundamentar o trabalho académico.

As questões organizam-se em três grupos, o primeiro é relativo aos espaços colectivos tais como salas de estudo, salas de convívio, salas de almoço e jantar, cozinhas, pátios, varandas, corredores e acessos. O segundo grupo refere-se ao espaço particular do teu quarto e todos os outros que são directamente acessíveis a partir do mesmo, tais como casa de banho, espaço de arrecadação, varanda e outros. O terceiro grupo aborda o conjunto de espaços que conformam a tua residência, agrega a relação dos espaços do particular com os do colectivo.

Nas questões que não são de respostas classificativas ou de “sim” e “não”, podes assinalar mais que uma hipótese.

Nome da residência: _____	Data: __/__/____
Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>
Idade: ____	
Curso que frequentas: _____	
Faculdade: _____	
Tempo que vives nesta residência: _____	

I. ESPAÇOS DO COLECTIVO

1. Que actividades se realizam na cozinha/sala de jantar?

- Preparação de alimentos
- Almoços/Jantares
- Conversas com colegas
- Outra. Qual? _____

2. Como classificas o espaço da cozinha?

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Mau
- Muito mau

2.1. Justificas a tua resposta pela(s):

- Forma
- Mobiliário
- Luz natural
- Localização
- Temperatura
- Acessibilidade
- Outra. Qual? _____

3. Que actividades se realizam no(s) pátio(s)?

- Almoços/Jantares
- Leituras
- Estudos
- Desportos
- Conversas com colegas
- Outra. Qual? _____

4. Como classificas o espaço dos pátios?

- Muito bom

- Bom
- Razoável
- Mau
- Muito mau

4.1. Justificas a tua resposta pela(s):

- Forma
- Luz natural
- Localização
- Temperatura
- Acessibilidade
- Outra. Qual? _____

5. Que actividades se realizam na sala de estudo? (responde apenas se existir sala de estudo na tua residência)

- Estudos
- Conferências
- Debates
- Tertúlias
- Outra. Qual? _____

6. Como classificas o espaço das salas de estudo?

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Mau
- Muito mau

6.1. Justificas a tua resposta pela(s):

- Forma
- Mobiliário
- Luz natural
- Localização
- Temperatura

Acessibilidade

Outra. Qual? _____

7. Em qual destes espaços gostas mais de estar? (responde apenas um)

Na sala de estudo

No pátio

Na cozinha

Na sala de convívio

Na varanda

Nos espaços de circulação

7.1. Justificas a tua resposta pela(s):

Conforto

Bom ambiente

Actividades realizadas

Encontro com outros residentes

Organização do espaço

Luz

Ligação que estabelece com o exterior

Outra. Qual? _____

8. Qual o espaço que menos usas dentro da residência? (responde apenas um)

A sala de estudo

O pátio

A cozinha

A sala de convívio

8.1. Justificas a tua resposta pela(s):

É desconfortável

Tem mau Ambiente

A temperatura nunca é a adequada

Não se adapta às tuas actividades

Não possui mobiliário suficiente

Tem pouca ou nenhuma luz natural

- É fechado
 - Outra. Qual? _____
9. Sentes que necessitas de mais algum espaço?
- Sim
 - Não
- 9.1. Se respondeste sim. Qual? _____
10. Qual é a importância que dás aos espaços comuns?
- É fundamental para a residência.
 - É fundamental para estabelecer relações.
 - É fundamental para o convívio e ambiente.
 - O único espaço comum essencial é a cozinha.
 - É tão fundamental como o espaço do quarto.
 - É fundamental para o ambiente universitário.
 - Outra. Qual? _____
11. Qual o espaço comum que consideras mais importante? (responde apenas um)
- A sala de estudo
 - O pátio
 - A cozinha
 - A varanda
 - Os espaços de circulação
 - Outro. Qual? _____
12. Onde convives com os colegas da residência?
- Na sala de estudo
 - No pátio
 - Na cozinha
 - Na varanda
 - No quarto
 - Na varanda do quarto
 - Nos espaços de circulação
 - Outro. Qual? _____

13. Onde começaste a estabelecer relações com os residentes?

- Na sala de estudo
- No pátio
- Na cozinha
- Na varanda
- No quarto
- Na varanda do quarto
- Nos espaços de circulação
- Outro. Qual? _____

14. Que actividades te ajudaram a integrar na residência?

- As tuas actividades do dia-a-dia.
- Actividades organizadas por todos os residentes.

14.1. Quais foram as actividades do dia-a-dia?

- Cozinhar
- Almoçar/Jantar
- Ler
- Estudar
- Lavar roupa
- Limpar
- Circular pela residência
- Outra. Qual? _____

14.2. Quais foram as actividades organizadas?

- Festas
- Convívios
- Desportos
- Tertúlias
- Conferências
- Outra. Qual? _____

15. Como classificas a relação entre todos os residentes?

- Muito boa

- Boa
- Razoável
- Má
- Muito má

16. Consideras que viver na residência é enriquecedor?

- Sim
- Não

Consegues justificar a tua resposta? _____

17. Consideras que viver na residência molda a tua identidade?

- Sim
- Não

Consegues justificar a tua resposta? _____

18. Se tivesses oportunidade, o que mudavas?

II. ESPAÇOS DO PARTICULAR

1. Tens problemas com “falta” de privacidade?

- Sim
- Não

1.1. Se sim, os teus problemas derivam de:

- o barulho do(a) teu(ua) colega incomoda
- o teu horário de sono é diferente
- não te consegues vestir sem ser observado
- não haver um lugar que seja só teu
- Outro. Qual? _____

2. Como classificas a tua privacidade?

- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Má
- Muito má

3. O teu quarto tem espaço suficiente para as tuas necessidades diárias?

- Sim
- Não

4. Tens oportunidade de adaptar o quarto as tuas necessidades?

- Sim
- Não

5. Já alteraste o teu quarto?

- Sim
- Não

5.1. O que alteraste?

- A posição do mobiliário
- A cor, posters ou desenhos das portas
- A cor, posters ou desenhos das paredes
- Outro. Qual? _____

6. Sentes que estás num espaço teu?

- Sim
- Não

Porquê? _____

7. Tens varanda no teu quarto?

Sim

Não

Se respondeste sim responde à questão 7.1., 7.2. e 7.3.

Se respondeste não responde à questão 7.4. e 7.5.

7.1. Como classificas a tua varanda?

Muito boa

Boa

Razoável

Má

Muito má

7.2. Comunicas com os(as) colegas dos quartos do lado através da varanda?

Sim

Não

7.3. Costumas conviver com os(as) colegas de outros quartos na varanda?

Sim

Não

7.4. Sentes que o teu quarto seria mais confortável com varanda?

Sim

Não

7.5. A janela do teu quarto é suficiente para ti?

Sim

Não

8. A casa de banho está directamente acessível a partir do espaço do quarto?

Sim

Não

Se respondeste sim responde apenas à questão 8.1.

8.1. Partilhar a casa de banho causa problemas de privacidade?

Sim

Não

8.2. Torna-se desconfortável a casa de banho ser partilhada por várias pessoas?

Sim

Não

8.3. Consideras que a casa de banho tem aspecto de balneário (aspecto público)?

Sim

Não

Se respondeste sim responde à questão 8.3.1.

8.3.1. O aspecto de Balneário retira o conforto e o ambiente da habitação?

Sim

Não

8.4. Preferias ter uma casa de banho acessível a partir do quarto?

Sim

Não

9. O que mudavas no teu quarto?

III. O COLECTIVO & O PARTICULAR

1. Consideras que em cada piso/ala a relação entre residentes é mais próxima?

Sim

Não

2. Podes afirmar que cada piso/ala formam um grupo residencial?

Sim

Não

Se respondeste sim, responde á questão 2.1.

2.1. Justificas a tua resposta pela(s):

O espaço da cozinha forma o grupo

O encontro entre os residentes é frequente

As actividades são organizadas por andares

A organização dos espaços define os grupos

3. Existem vivências entre estes grupos?

Sim

Não

3.1. Como classificas a relação entre os grupos?

Muito boa

Boa

Razoável

Má

Muito Má

3.2. Que actividades organizam?

Festas

Jantares

Conversas

Desportos

Outra. Qual? _____

3.3. Em que espaços convivem em conjunto?

Na cozinha

Nos espaços de convívio

No pátio

Na varanda

Outro. Qual? _____

4. Consideras que o espaço comum têm um conforto equivalente ao teu quarto?

- Sim
- Não. O quarto é mais confortável.
- Não. O conforto do espaço comum é maior.

5. O tempo em que permaneces no espaço comum é equivalente ao que permaneces no quarto? (não contes o tempo em que estás a dormir)

- Sim, é equivalente.
- Não. Estou mais tempo no quarto.
- Não. Estou mais tempo no espaço comum.

5.1. Justificas a tua resposta pela(s):

- Conforto
- Luz
- Pela vivência
- Pelas actividades que realizas
- Outra. Qual? _____

Muito obrigado pelo teu tempo e pelas tuas respostas!

Pedro Queirós

Página 12 de 12

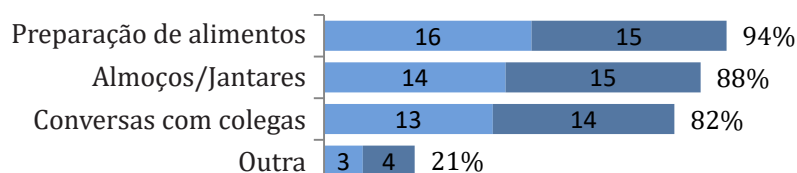
ANEXO H - Resultados do Inquérito realizado na Residência Universitária Polo II-1 da UC

Este inquérito foi realizado entre os dias dez de Outubro e dezasseis de Dezembro, no ano de 2016. Foi respondido por trinta e três alunos, escolhidos aleatoriamente no grupo residencial constituído por cento e dez residentes, o que representa cerca de trinta por cento da capacidade da residência. Ao longo da questões surgem oportunidades de resposta aberta que procura possibilitar respostas mais completas. Todavia, algumas destas resposta não estão directamente relacionadas ou desviam-se da questão de investigação, respostas que por opção, não são apresentadas neste estudo.

Legenda dos Gráficos: Masculino ■ Feminino ■

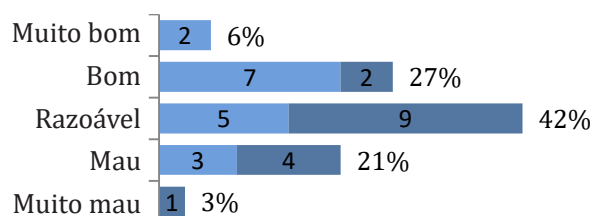
I. ESPAÇOS DO COLECTIVO

1. Que actividades se realizam na cozinha/sala de jantar?

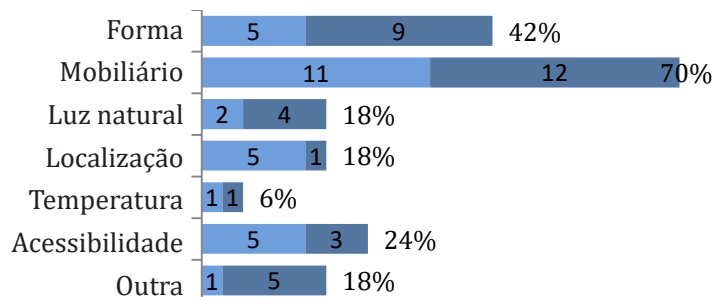


Outra. Estudar: 7 respostas.

2. Como classificas o espaço da cozinha?

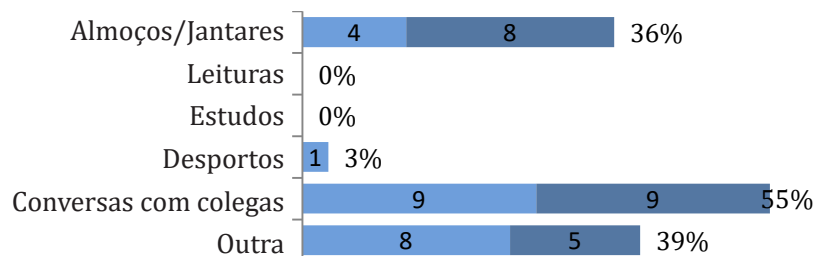


2.1. Justificas a tua resposta pela(s):



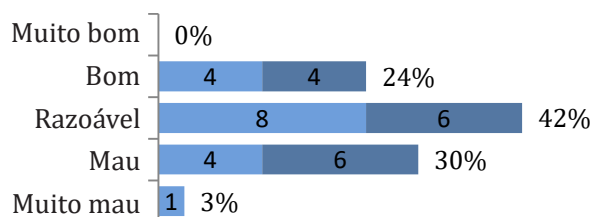
Outra. Mobiliário mau: 2 respostas; O espaço é pequeno: 6 respostas.

3. Que actividades se realizam no(s) pátio(s)?

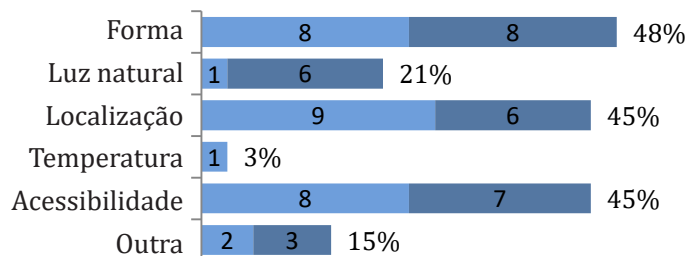


Outra: Estender roupa: 2 respostas; Festas: 2 respostas; Conviver: 5 respostas; Não uso: 2 respostas.

4. Como classificas o espaço dos pátios?



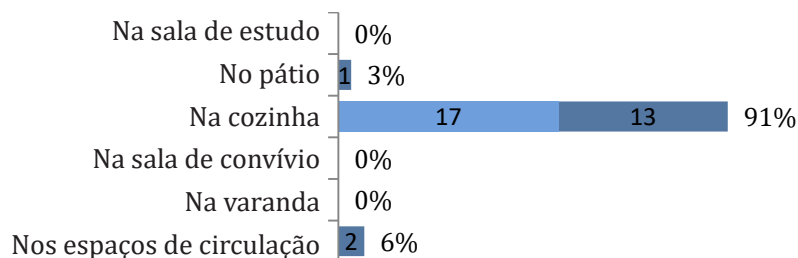
4.1. Justificas a tua resposta pela(s):



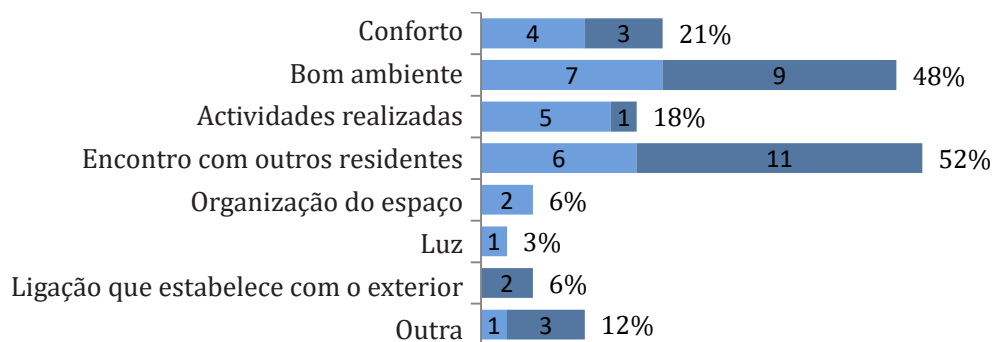
Outra. É um local de várias actividades: 1 resposta; Ausência de bancos: 1 resposta.

5., 6. e 6.1. Não aplicável

7. Em qual destes espaços gostas mais de estar?



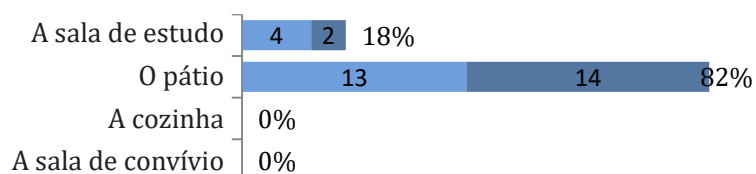
7.1. Justificas a tua resposta pela(s):



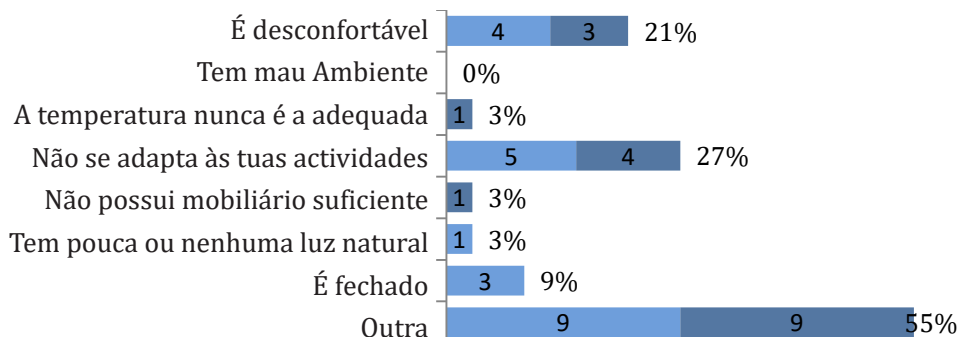
Outra. Não existe outro espaço de convívio: 3 respostas;

Visto que não há sala de convívio, varanda, nem sala de estudo, ficamos bastante limitados. Como nem os espaços de circulação, nem o pátio tem bancos, só nos resta a cozinha.

8. Qual o espaço que menos usas dentro da residência?



8.1. Justificas a tua resposta pela(s):



Outra. Não existe: 11 respostas; Fica longe do quarto: 5 respostas.

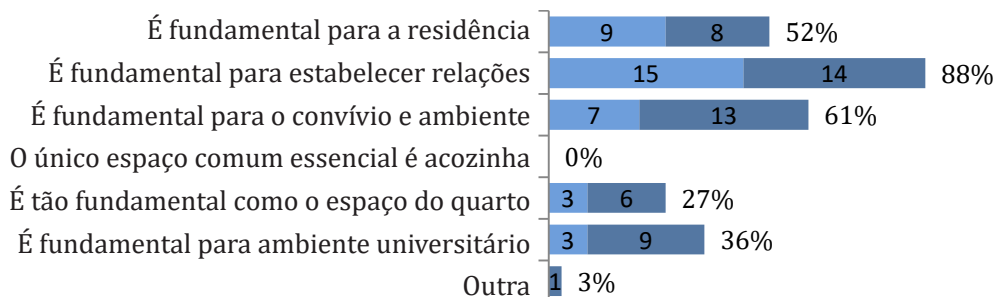
9. Sentes que necessitas de mais algum espaço?



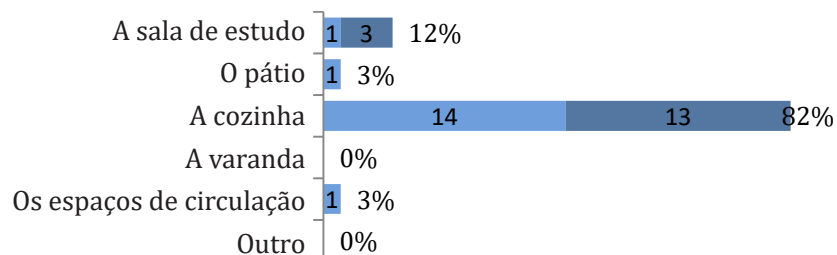
9.1. Se respondeste sim. Qual?

Sala de estudo: 28 respostas; Sala de convívio: 6 respostas.

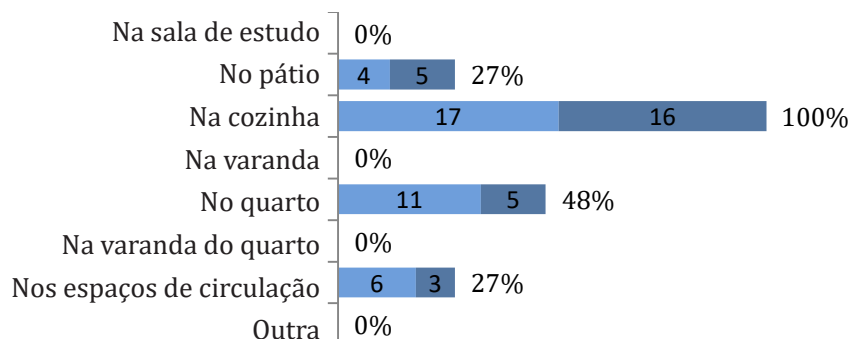
10. Qual é a importância que dás ao espaço comum?



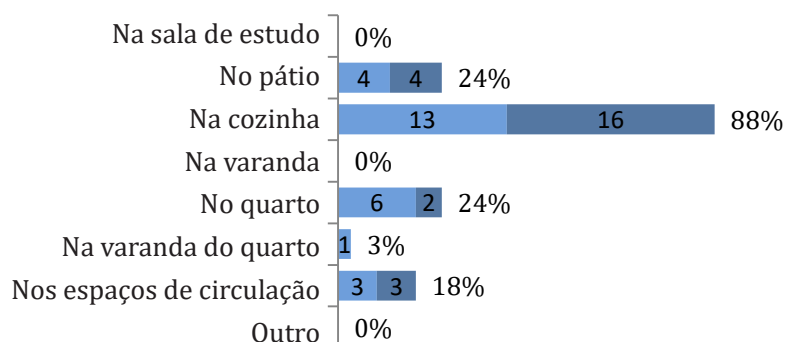
11. Qual o espaço comum que consideras mais importante?



12. Onde convives com os colegas da residência?



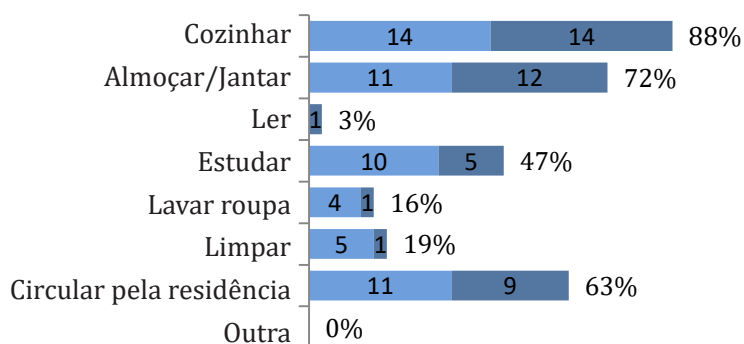
13. Onde começaste a estabelecer relações com os residentes?



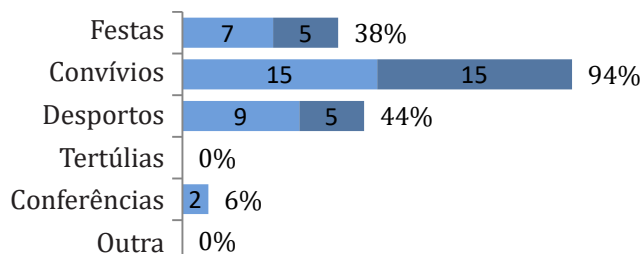
14. Que actividades te ajudaram a integrar na residência?



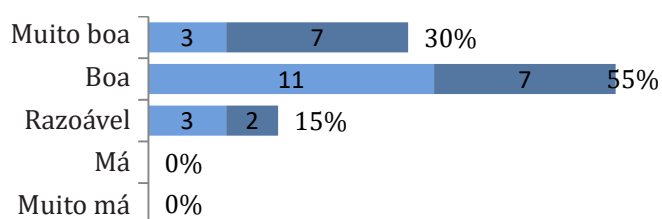
14.1. Quais foram as actividades do dia-a-dia?



14.2. Quais foram as actividades organizadas?



15. Como classificas a relação entre todos os residentes?



16. Consideras que viver na residência é enriquecedor?



Consegues justificar a tua resposta?

Porque conhecemos novas pessoas, aprendemos a viver em comunidade e a lidar com diferentes culturas.

Porque temos relações com outras pessoas de culturas diferentes.

Porque nos ajuda a ser mais sociais.

Vives com pessoas muito diferentes e para além disso existe sempre alguém que te pode ajudar com os teus estudos.

Aprende-se a partilhar, a aceitar os outros, mesmo com várias diferenças. Aprende-se a viver em comunidade.

Ajuda na adaptação da vida universitária, na gestão do tempo e na responsabilidade.

É possível conviver com mais pessoas do que num apartamento e estamos perto das faculdades. O problema é estar longe do resto.

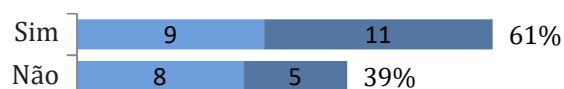
Aprendes a saber conviver e respeitar os outros de qualquer maneira. Aprendes a construir ou teu civismo.

Conseguimos partilhar boas experiências e nunca nos sentimos sozinhos.

É bastante enriquecedor a nível pessoal, uma vez que se conhecem pessoas de todas as origens e acabamos todos por aprender uns com os outros.

Conhecemos mais pessoas e podemos nos ajudar mutuamente em tudo o que for preciso.
Somos “obrigados” a relacionarmos com todo o tipo de pessoas e a crescermos enquanto pessoas porque temos de fazer todas as nossas obrigações do dia-a-dia.
Porque conheces várias pessoas que estão dispostas ajudar nos estudos e ajuda a conviver em grupo.
Aprendemos valores como a partilha e a interajuda.
Somos obrigados a aprender a partilhar o nosso espaço pessoal e a trabalhar em grupo para a organização do espaço que é de todos.
Sim, uma vez que conhecemos outras pessoas e além disso estou sempre acompanhada e perto do departamento.

17. Consideras que viver na residência molda a tua identidade?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

Porque temos convivência com pessoas de culturas diferentes.
Sou uma pessoa com uma mentalidade mais preparada para aceitar pessoas totalmente diferentes de mim.
Somos pessoas mais saciáveis.
Torna-nos mais acolhedores e ajuda na interação interpessoal.
Ficamos mais tolerantes a situações que não nos agradam.
Ajuda-me a ser tolerante, a respeitar os outros e a saber partilhar o espaço.
Somos mais responsáveis que em outras situações.

Respostas “**Não**”:

Porque existe coisas que já nascem connosco e outras ficam fixas no decorrer do nosso crescimento, como a educação por exemplo.
É um sítio de estudo e convívio mas não molda a identidade de ninguém.
Não molda a identidade porque cada pessoa é o que é mas pode mudar os nossos hábitos e a maneira como agimos.
Visto que na residência há várias pessoas nacionalidades e isso ajuda-me apenas a saber um bocado sobre modos de habitar.

18. Se tivesses oportunidade, o que mudavas?

Acrescentava uma sala de estudo.

Mudava as estruturas do edifício, fazia a cozinha maior e com mais equipamentos, criava uma sala de estudo e um espaço de convívio para todos os residentes.

Adicionava salas de estudo e de convívio, adaptava os espaços comuns às pessoas que os usam com espaços mais amplos e com mais luz natural.

Alterava a cor do chão, pintava as paredes, colocava móveis novos na cozinha e aumentava o tamanho das casas de banho.

Criava uma sala de estudo e uma sala de convívio.

Criava uma sala de estudo e de convívio. Aumentava o tamanho da cozinha e dos armários.

Criava mais espaços comuns e aumentava o tamanho da cozinha.

Uma sala de estudo! Não existe na residência e não consigo estudar no quarto. Quando quero estudar na cozinha, tenho de esperar até à uma da manhã para todos cozinharem. E ainda assim não temos internet na cozinha.

Tentaria arranjar uma sala de estudo, pintava a residência e equipava melhor a cozinha.

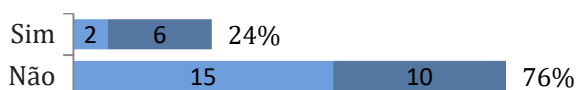
Acrescentava à residência uma sala de estudo e uma de convívio suficientemente grande para todos os residentes.

As condições gerais da residência; criava mais espaços comuns, tanto para o convívio como para o estudo; aumentava a área das divisões e colocava varanda nos quartos.

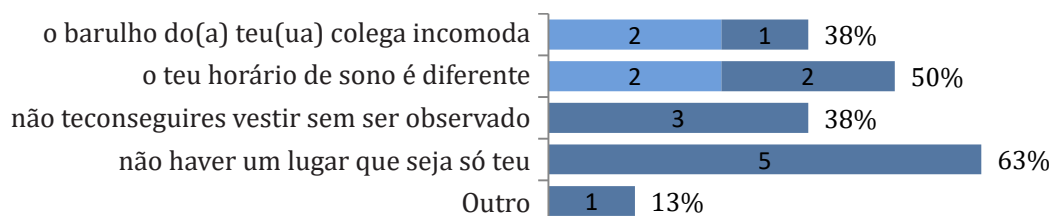
Colocaria uma sala de estudo e um espaço para praticar desporto.

II. ESPAÇOS DO PARTICULAR

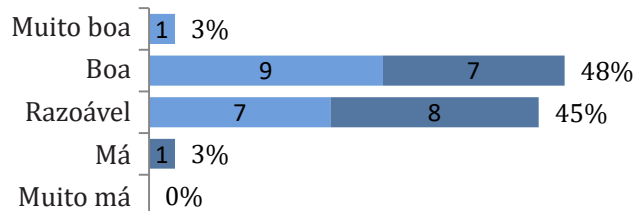
1. Tens problemas com “falta” de privacidade?



1.1. Se sim, os teus problemas derivam de:



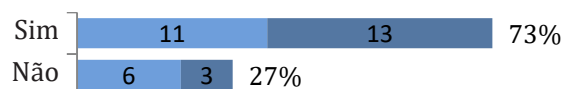
2. Como classificas a tua privacidade?



3. O teu quarto tem espaço suficiente para as tuas necessidades diárias?



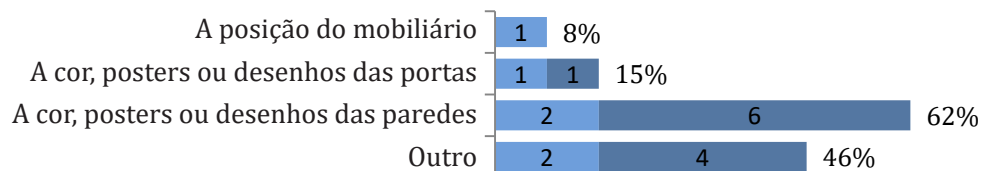
4. Tens oportunidade de adaptar o quarto as tuas necessidades?



5. Já alteraste o teu quarto?

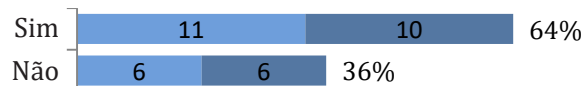


5.1. O que alteraste?



Outro. Mesa: 1 resposta; Fotografias: 2 respostas; Estantes: 3 respostas

6. Sentes que estás num espaço teu?



Porquê?

Respostas "Sim":

Porque sinto-me à vontade e consigo fazer as minhas coisas a qualquer hora.

Posso fazer as coisas que gosto sem problemas.

Conseguo moldar o espaço à minha imagem.

Está decorado à minha maneira e é onde passo a maior parte do tempo.

Porque passo mais tempo nesta residência do que em casa e acabei por me adaptar e considerar que este é o meu espaço, onde posso estar à vontade e descansada.

Apesar de não ser o meu “verdadeiro” quarto, no conforto da minha casa, passo muito tempo nele, já me habituei e considero o meu espaço.

Porque decorei de acordo com a minha personalidade e gosto.

Porque não vejo invasão de privacidade.

Respostas “**Não**”:

Não sei o que posso mudar e também não sei o tempo que vou ficar cá.

O ambiente é pouco acolhedor e a secretária nem sequer é útil para estudar.

Porque o espaço é reduzido e com poucas facilidades de alterar o que quer que seja.

Porque é um espaço ao qual passei e vivi pouco tempo.

Apesar de ser um espaço ocupado por mim nunca é meu, mas vivo bem com isso.

Tenho de ter sempre cuidado para não incomodar o colega do quarto.

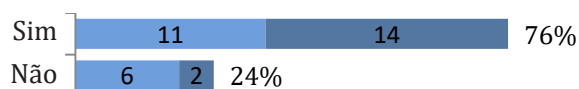
Tem poucas coisas que caracterizam o espaço como meu.

7. Tens varanda no teu quarto?

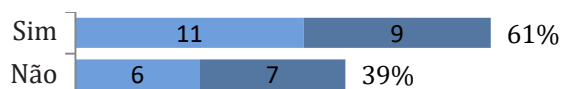


7.1., 7.2. e 7.3. Não aplicável

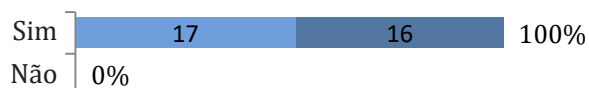
7.4. Sentes que o teu quarto seria mais confortável com varanda?



7.5. A janela do teu quarto é suficiente para ti?



8. A casa de banho está directamente acessível a partir do espaço do quarto?



8.1. Partilhar a casa de banho causa problemas de privacidade?



8.2., 8.3., 8.3.1. e 8.4. Não aplicável

9. O que mudavas no teu quarto?

O roupeiro, a cama e uma secretária maior.

Aumentava o espaço, colocaria uma secretária maior e mais armários.

Colocava uma varanda.

Uma secretária decente, uma janela maior, mais iluminação natural, mais espaço de arrumação e uma estante para os livros e cadernos.

Mudava para uma secretária maior, porque não consigo estar ao mesmo tempo com o computador e uma folha A4, o que para um estudante, é essencial.

Mudava a cor, a disposição da mobília e colocava uma varanda.

Acrescentaria uma varanda, secretárias mais largas e arrumação debaixo da cama que é muito prático e fácil.

Mudava o móvel por baixo da janela porque não deixa aceder à mesma.

Talvez aumentava o tamanho do quarto, em particular a secretária e o guarda-roupa e adicionava mais espaço de arrumação como estantes.

Colocaria mais armários de arrumação porque são quase inexistentes.

A cor do chão e das paredes

III. O COLECTIVO & O PARTICULAR

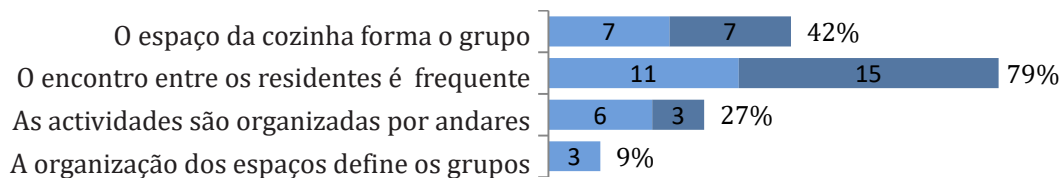
1. Consideras que em cada piso/ala a relação entre residentes é mais próxima?



2. Podes afirmar que cada piso/ala formam um grupo residencial?



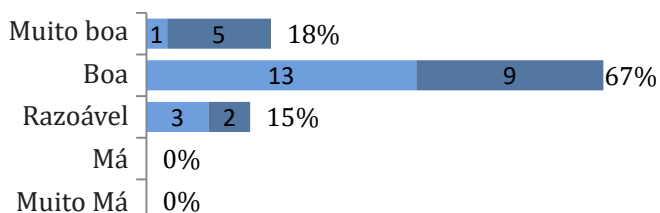
2.1. Justificas a tua resposta pela(s):



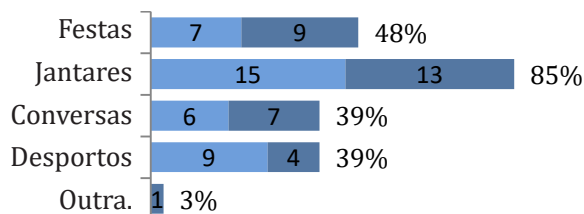
3. Existem vivências entre estes grupos?



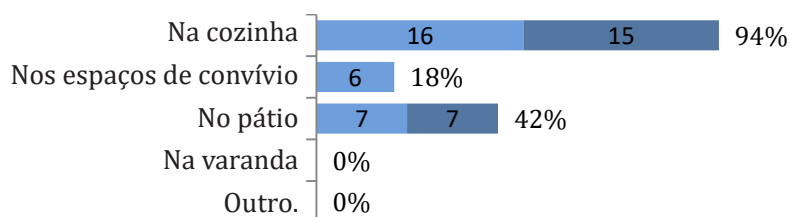
3.1. Como classificas a relação entre os grupos?



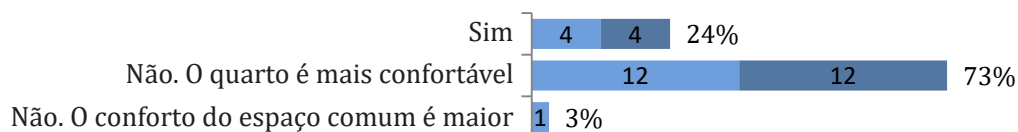
3.2. Que actividades organizam?



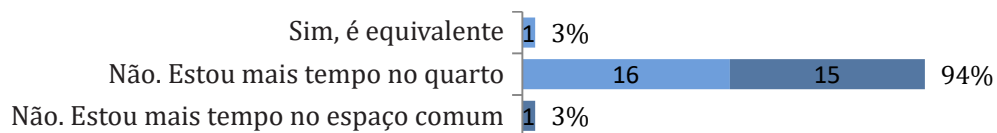
3.3. Em que espaços convivem em conjunto?



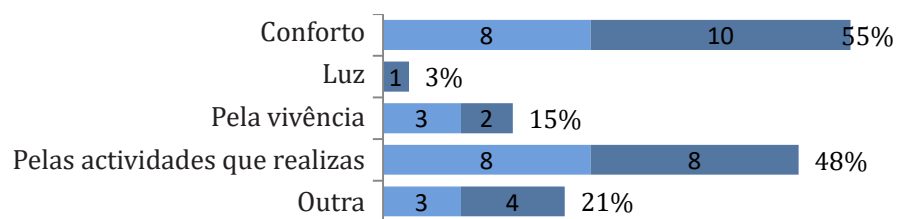
4. Consideras que o espaço comum têm um conforto equivalente ao teu quarto?



5. O tempo em que permaneces no espaços comum é equivalente ao que permaneces no quarto?



5.1. Justificas a tua resposta pela(s):



Outra. Privacidade: 2 respostas; Poucos espaços comuns: 3 respostas.

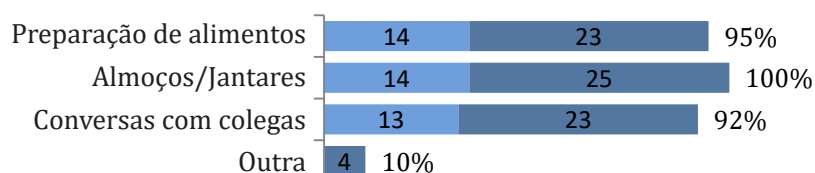
ANEXO I - Resultados do Inquérito realizado na Residência Universitária Polo II-2 da UC

Este inquérito foi realizado entre os dias dez de Outubro e dezasseis de Dezembro, no ano de 2016. Foi respondido por trinta e nove alunos, escolhidos aleatoriamente no grupo residencial constituído por cento e sessenta e seis residentes, o que representa cerca de vinte e cinco por cento da capacidade da residência. Ao longo da questões surgem oportunidades de resposta aberta que procura possibilitar respostas mais completas. Todavia, algumas destas resposta não estão directamente relacionadas ou desviam-se da questão de investigação, respostas que por opção, não são apresentadas neste estudo.

Legenda dos Gráficos: Masculino ■ Feminino ■

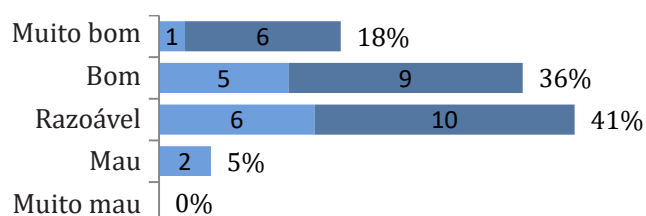
I. ESPAÇOS DO COLECTIVO

1. Que actividades se realizam na cozinha/sala de jantar?

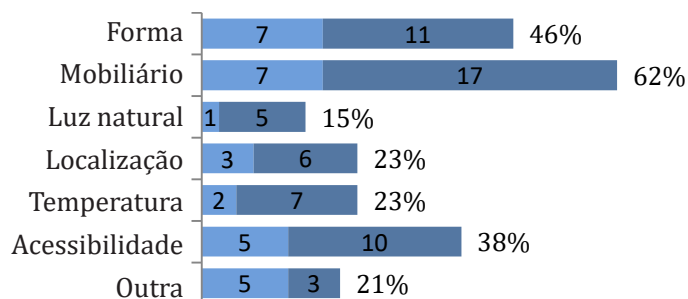


Outra. Ver televisão: 2 respostas; Estudar: 1 resposta.

2. Como classificas o espaço da cozinha?

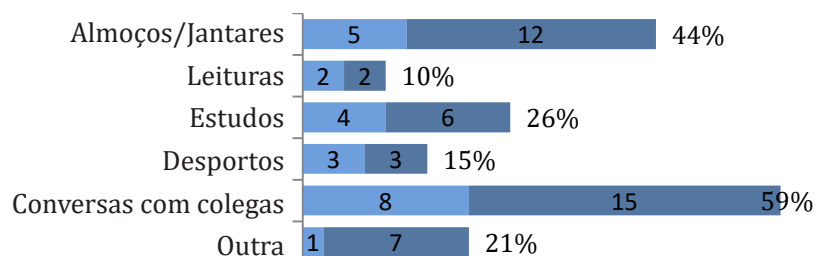


2.1. Justificas a tua resposta pela(s):



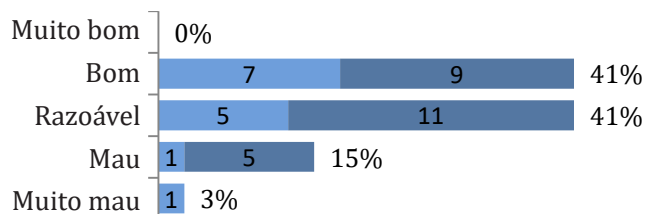
Outra. Poucos armários: 2 respostas.

3. Que actividades se realizam no(s) pátio(s)?

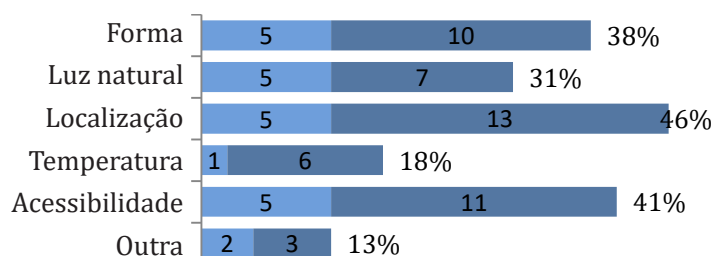


Outra. Nenhuma: 3 resposta; Festas: 1 resposta.

4. Como classificas o espaço dos pátios?

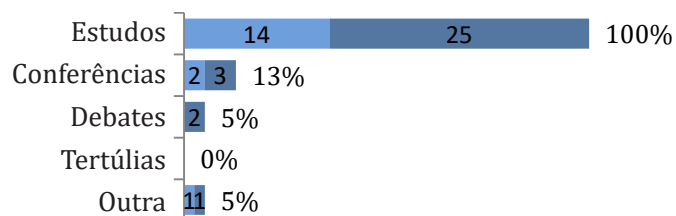


4.1. Justificas a tua resposta pela(s):

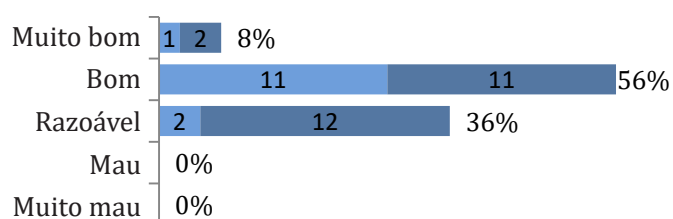


Outra. Mau estado de conservação: 2 resposta; O espaço está vazio: 1 resposta.

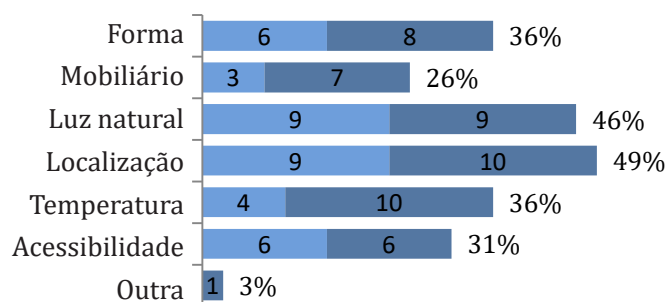
5. Que actividades se realizam na sala de estudo?



6. Como classificas o espaço das salas de estudo?

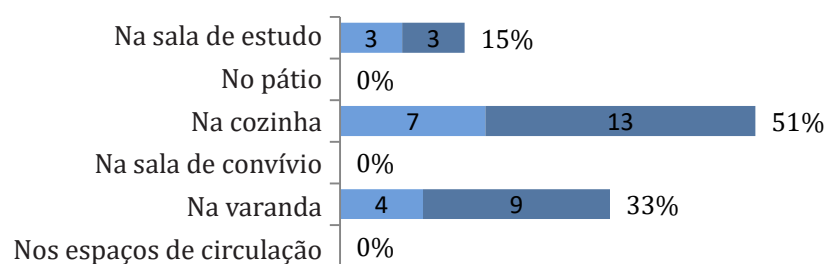


6.1. Justificas a tua resposta pela(s):

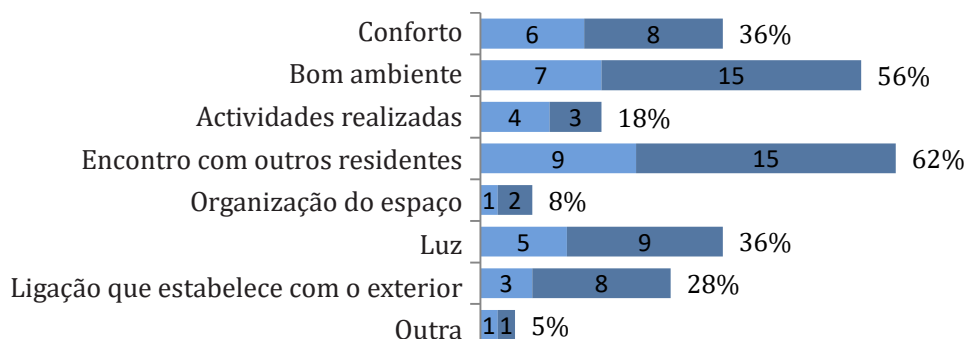


Outra. Barulho: 1 resposta.

7. Em qual destes espaços gostas mais de estar?

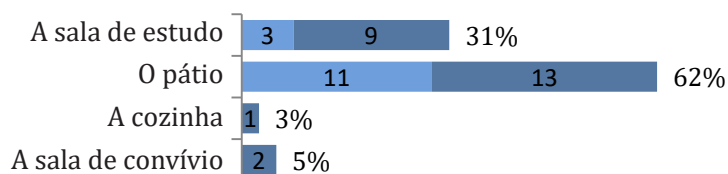


7.1. Justificas a tua resposta pela(s):

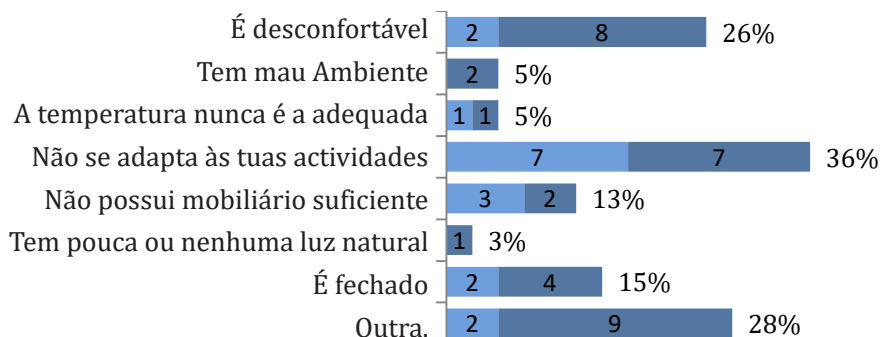


Outra. É calmo: 1 resposta; A vista: 1 resposta; Só existe este: 1 resposta.

8. Qual o espaço que menos usas dentro da residência?



8.1. Justificas a tua resposta pela(s):



Outra. Localização: 2 respستا; Não existe: 2 resposta; Não uso: 4 resposta.

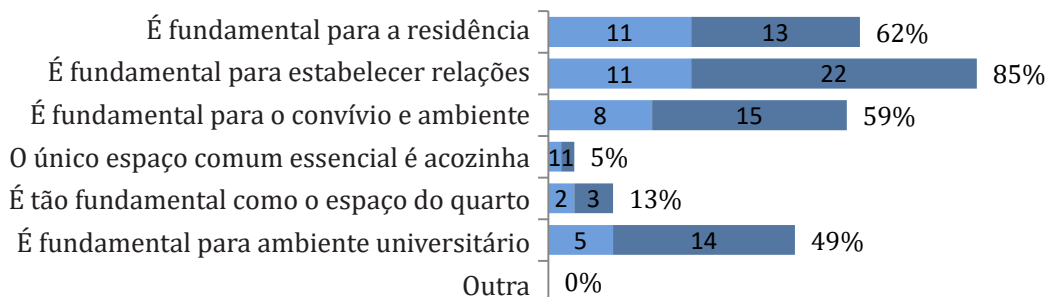
9. Sentes que necessitas de mais algum espaço?



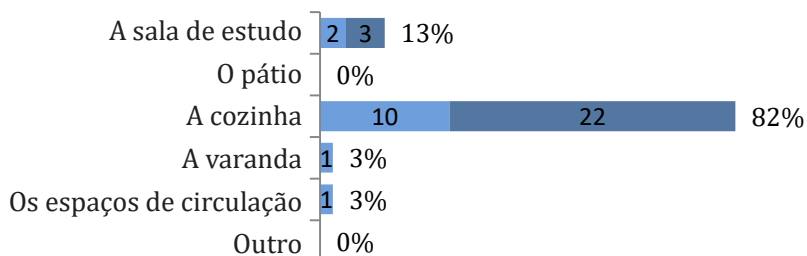
9.1. Se respondeste sim. Qual?

Sala de Convívio: 13 respostas; Ginásio: 1 resposta; Sala de Jogos: 2 respostas.

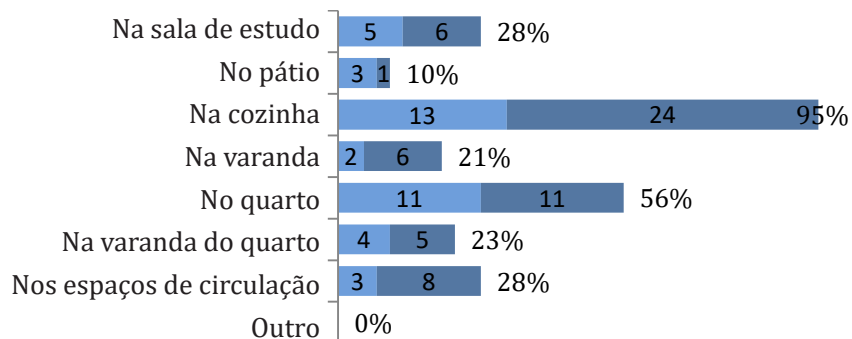
10. Qual é a importância que dás ao espaço comum?



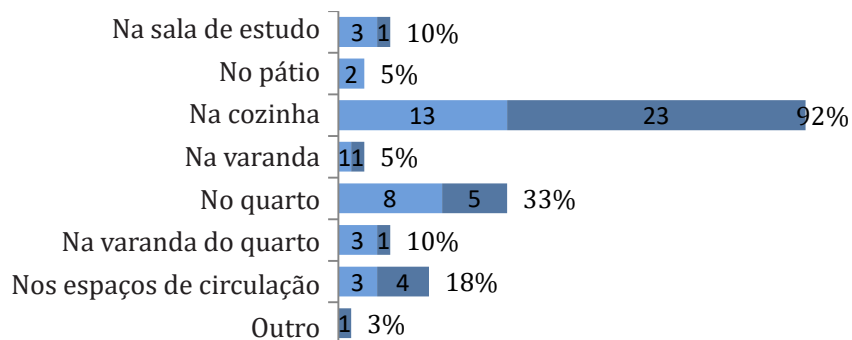
11. Qual o espaço comum que consideras mais importante?



12. Onde convives com os colegas da residência?



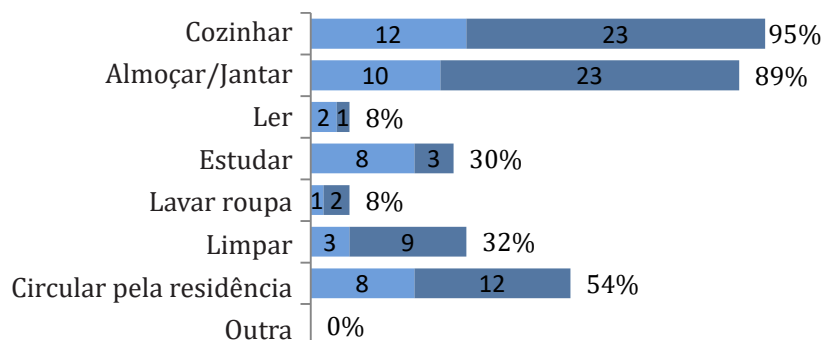
13. Onde começaste a estabelecer relações com os residentes?



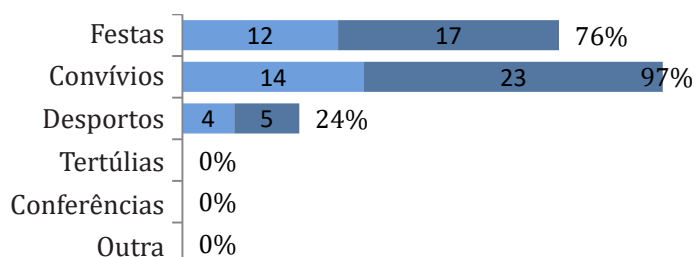
14. Que actividades te ajudaram a integrar na residência?



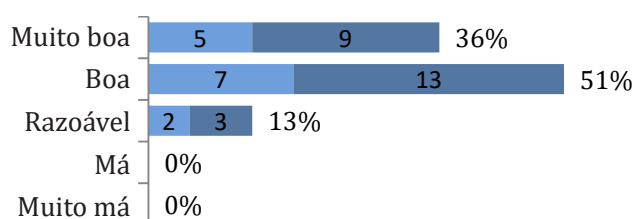
14.1. Quais foram as actividades do dia-a-dia?



14.2. Quais foram as actividades organizadas?



15. Como classificas a relação entre todos os residentes?



16. Consideras que viver na residência é enriquecedor?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

É enriquecedor, desde que estejam abertos a conhecer, ouvir, aprender, entender e respeitar o próximo.

Favorece o crescimento pessoal. Aprende-se a viver com o outro e a aceitá-lo como ele é.

Porque convives com pessoas de cursos e culturas diferentes

Formei grandes amizades e o ambiente é saudável para o estudo.

Nunca estamos sozinhos e temos sempre com quem trocar opiniões ou simplesmente passar o tempo.

Aprende-se a respeitar o espaço dos outros.

Há segurança, existe comunidade o que permite conhecer pessoas com culturas e gastronomia novas.

Aprender a viver com muitas pessoas torna-nos melhores e mais propostos para o futuro.

É enriquecedor na medida que conhecemos muitas pessoas e acaba por haver sempre alguém para conversar. É divertido.

Aprende-se a viver em comunidade, temos contacto com outras culturas de várias regiões do país e do mundo.

Dá-nos a experiência académica tal como ela é.

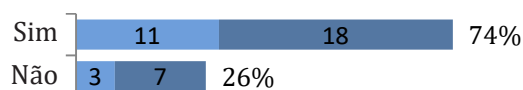
Espaço multicultural, possibilidade de socialização e desenvolvimento da capacidade altruísta.

Estamos em contacto com pessoas de cursos, faculdades, nacionalidades e personalidades diferentes. É muito bom.

Aprendemos a respeitar os outros ao mesmo tempo que mantemos a nossa rotina.

Ao conviver com 36 pessoas, aprendemos a respeitar a diferenças.

17. Consideras que viver na residência molda a tua identidade?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

Ganhei novas perspectivas de vida.

Especialmente em termos de respeito comum.

Ajuda-me a conviver mais com pessoas e respeitar o espaço comum.

Acabamos por ter mais atenção com as nossas coisas e procuramos ser mais organizados e respeitar os outros.

Porque interajo de forma positiva com os residentes.

Adaptou-me a várias situações, como ter responsabilidade social.

Viver numa residência tornou-me uma pessoa mais sociável, mais organizada e mais respeitadora.

Ao passar do tempo com o decorrer de várias convivências vou definindo os meus princípios.

Ter de viver com pessoas que vêm de locais diferentes e com ideias diferentes das nossas, faz-nos estar em contacto com novas perspectivas e quem sabe mudar a nossa.

Respostas “**Não**”:

Porque a maioria dos alunos já vêm para cá com uma identidade forte.

Cada um tem a sua personalidade e valores.

Porque por vezes é difícil habituar -se à ideia de partilhar.

Penso que apesar das relações com os colegas serem muito fortes, não constitui uma razão para a moldar a minha identidade.

18. Se tivesses oportunidade, o que mudavas?

Mudava a cozinha.

Adicionava uma sala de convívio que a meu ver é essencial.

Melhorava as condições gerais.

Mudava o mobiliário da cozinha.

Mudava a cor do chão porque preto é muito forte, colocava dois lava-louça na cozinha e criava uma sala de convívio com sofá.

Mudava a cor dos quartos e da cozinha.

O número de pessoas por piso ser menor e os espaços comuns mais acolhedores.

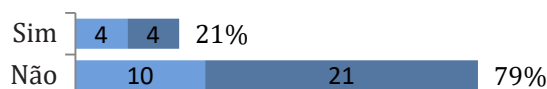
Aumentava e acrescentava espaços de convívio e espaços para praticar desporto.

Tornava os espaços mais acolhedores e criava espaços de convívio.

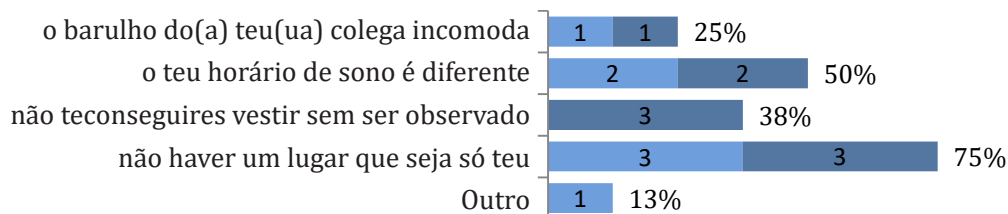
Teria uma cozinha maior e mais equipada e faria uma varanda na zona de convívio.

II. ESPAÇOS DO PARTICULAR

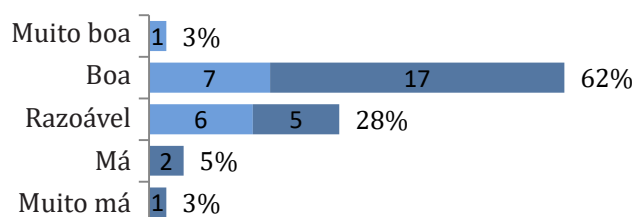
1. Tens problemas com “falta” de privacidade?



1.1. Se sim, os teus problemas derivam de:



2. Como classificas a tua privacidade?



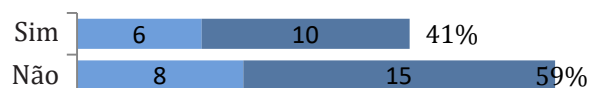
3. O teu quarto tem espaço suficiente para as tuas necessidades diárias?



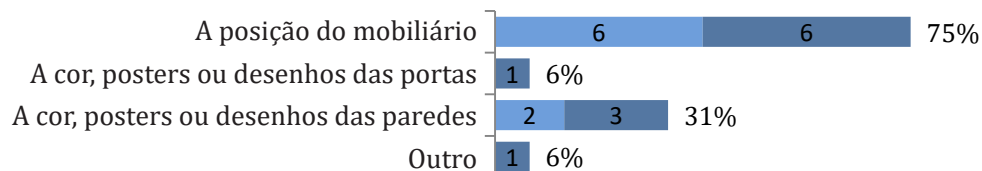
4. Tens oportunidade de adaptar o quarto as tuas necessidades?



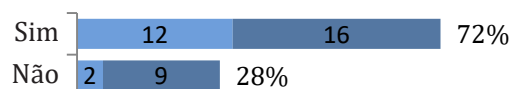
5. Já alteraste o teu quarto?



5.1. O que alteraste?



6. Sentes que estás num espaço teu?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

Porque é partilhado.

Porque está organizado por mim.

Porque estou no meu canto, tenho o meu espaço e consigo organizar-me.

Porque tenho as coisas organizadas à minha maneira, o que me permite ter controlo do espaço.

Porque está de acordo com a minha identidade.

Porque me sinto em casa.

Porque tenho os meus objectos pessoais e sinto-me à vontade.

Aqui sinto-me em casa.

Consigo fazer tudo o que preciso.

O espaço é bom para estudar e tem uma varanda.

Tenho conforto e tudo aquilo que preciso e me faz sentir bem.

Tenho as minhas coisas, a minha privacidade e ao mesmo tempo uma “família”, sinto-me em casa.

Respostas “**Não**”:

Apesar de não ter problemas sinto necessidade de realizar o que não posso fazer aqui.

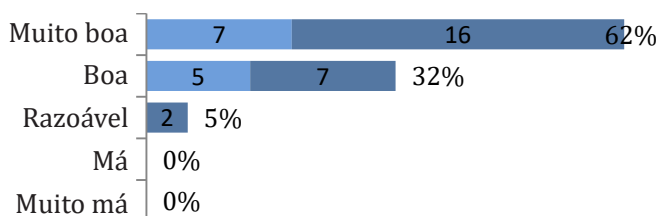
Não posso fazer as coisas à minha maneira, tenho de pensar que partilho o quarto com outra pessoa e acabo por ter de adaptar os meus hábitos.

Temos regras em relação à alteração do quarto.

7. Tens varanda no teu quarto?



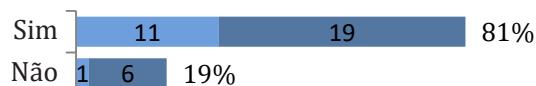
7.1. Como classificas a tua varanda?



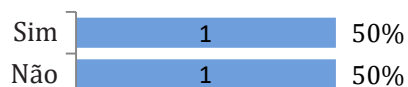
7.2. Comunicas com os(as) colegas dos quartos do lado através da varanda?



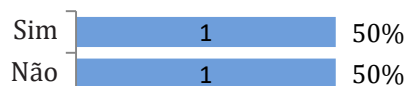
7.3. Costumas conviver com os(as) colegas de outros quartos na varanda?



7.4. Sentes que o teu quarto seria mais confortável com varanda?



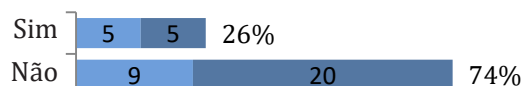
7.5. A janela do teu quarto é suficiente para ti?



8. A casa de banho está directamente acessível a partir do espaço do quarto?



8.1. Partilhar a casa de banho causa problemas de privacidade?



8.2., 8.3., 8.3.1. e 8.4. Não aplicável

9. O que mudavas no teu quarto?

Um espaço maior e outra cor.

Mudava as cores dos móveis do quarto.

Um pouco maior, melhor aquecimento.

Mudava a cor do mobiliário, ser preto não funciona.

Criava mais espaço entre as camas.

Criava mais espaço no banheiro e mudava as cadeiras.

Criava um chão e um mobiliário mais suave, com o preto tudo se torna pesado.

III. O COLECTIVO & O PARTICULAR

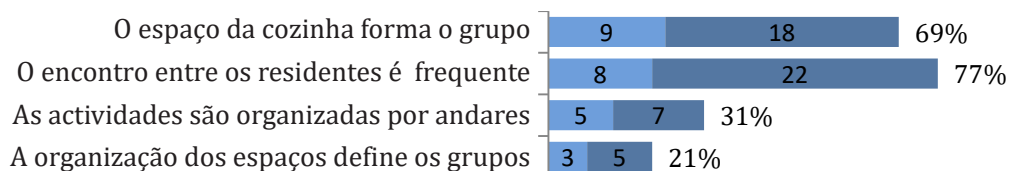
1. Consideras que em cada piso/ala a relação entre residentes é mais próxima?



2. Podes afirmar que cada piso/ala formam um grupo residencial?



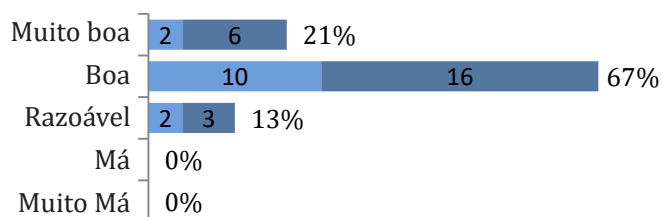
2.1. Justificas a tua resposta pela(s):



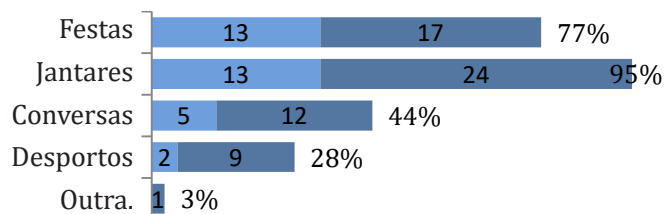
3. Existem vivências entre estes grupos?



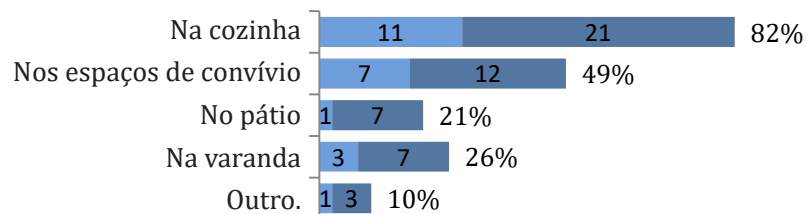
3.1. Como classificas a relação entre os grupos?



3.2. Que actividades organizam?

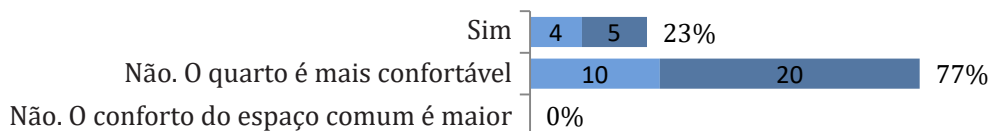


3.3. Em que espaços convivem em conjunto?

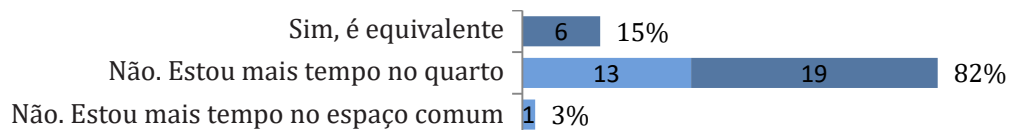


Outro. No Quarto: 3 respostas.

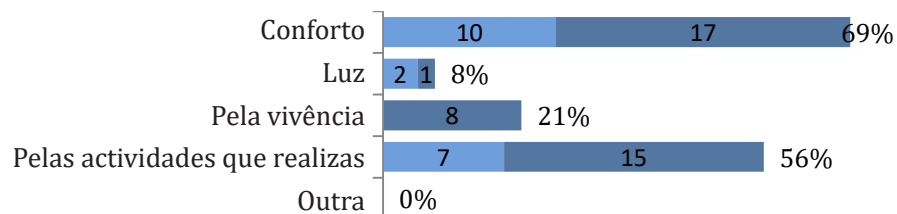
4. Consideras que o espaço comum têm um conforto equivalente ao teu quarto?



5. O tempo em que permaneces no espaços comum é equivalente ao que permaneces no quarto?



5.1. Justificas a tua resposta pela(s):



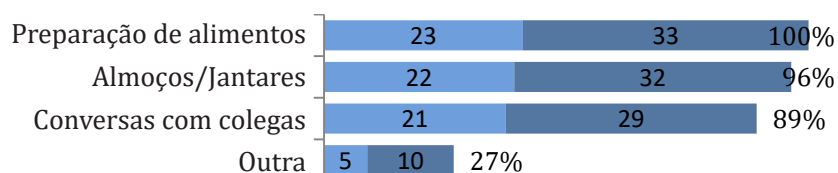
ANEXO J - Resultado do Inquérito realizado na Residência Universitária Polo III da UC

Este inquérito foi realizado entre os dias dez de Outubro e dezasseis de Dezembro, no ano de 2016. Foi respondido por cinquenta e seis alunos, escolhidos aleatoriamente no grupo residencial constituído por duzentos e sessenta e oito residentes, o que representa cerca de vinte por cento da capacidade da residência. Ao longo das questões surgem oportunidades de resposta aberta que procura possibilitar respostas mais completas. Todavia, algumas destas respostas não estão directamente relacionadas ou desviam-se da questão de investigação, respostas que por opção, não são apresentadas neste estudo.

Legenda dos Gráficos: Masculino ■ Feminino ■

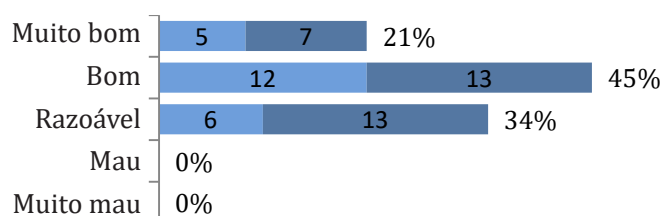
I. ESPAÇOS DO COLECTIVO

1. Que actividades se realizam na cozinha/sala de jantar?

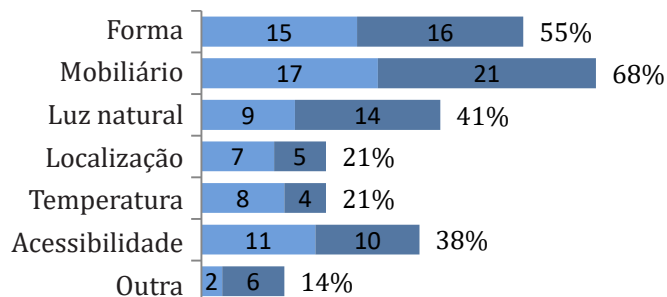


Outra. Estudar: 13 respostas.

2. Como classificas o espaço da cozinha?

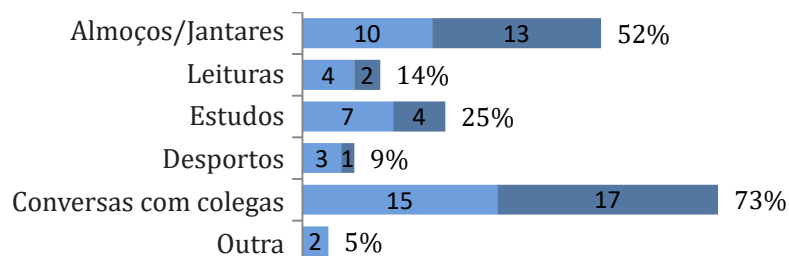


2.1. Justificas a tua resposta pela(s):



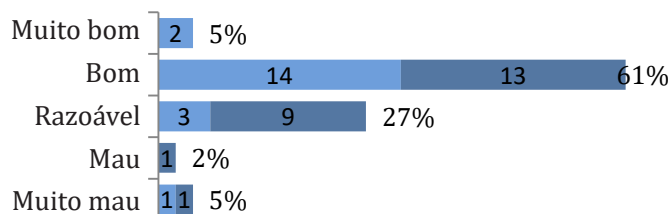
Outra. Pouco espaço: 4 respostas.

3. Que actividades se realizam no(s) pátio(s)?

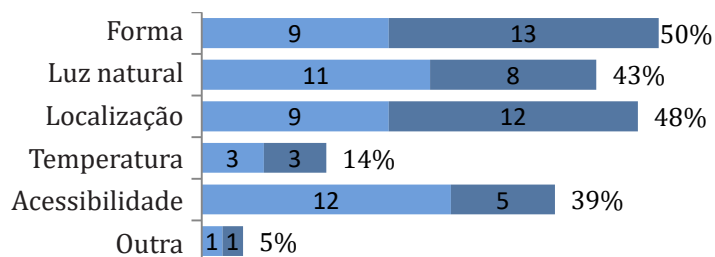


Outra. Não uso: 2 respostas.

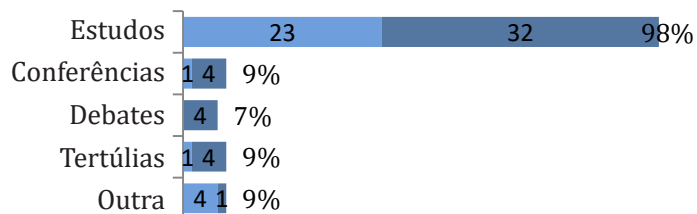
4. Como classificas o espaço dos pátios?



4.1. Justificas a tua resposta pela(s):

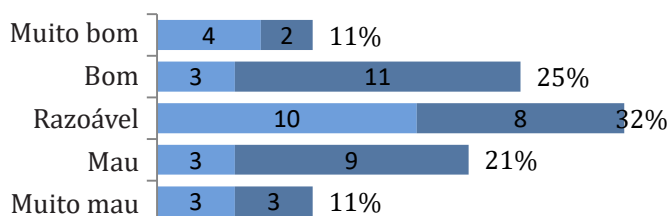


5. Que actividades se realizam na sala de estudo?

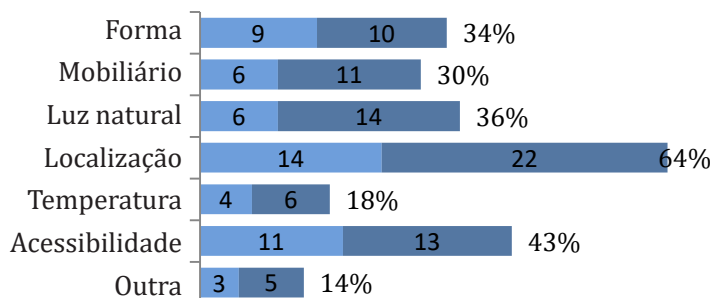


Outra. Reuniões: 3 respostas.

6. Como classificas o espaço das salas de estudo?

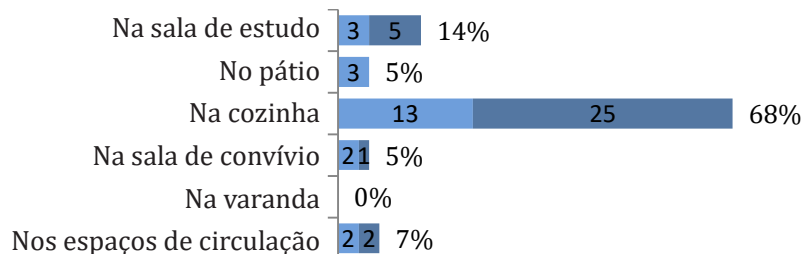


6.1. Justificas a tua resposta pela(s):

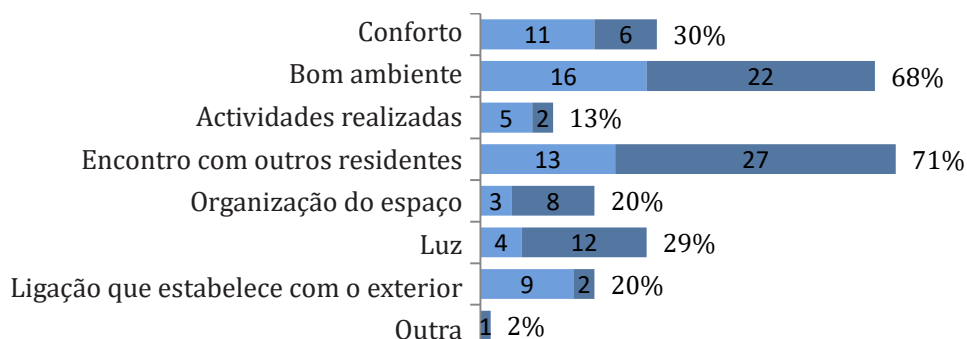


Outra. Barulho: 5 respostas; Dimensão: 2 respostas.

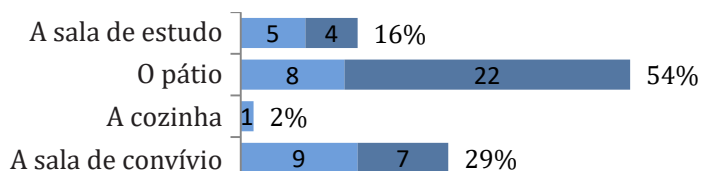
7. Em qual destes espaços gostas mais de estar?



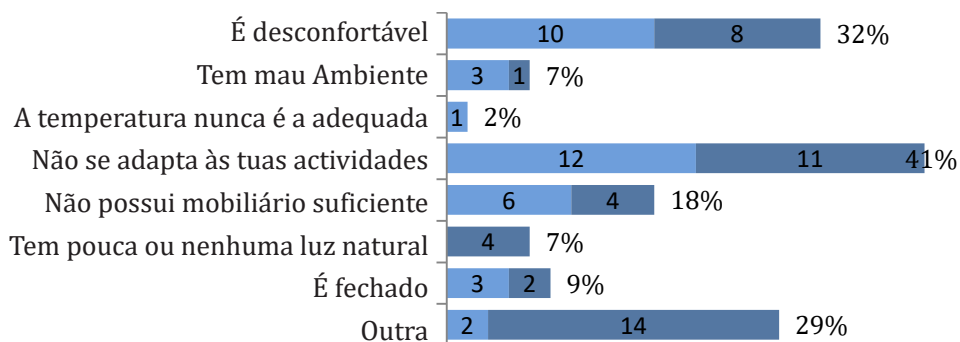
7.1. Justificas a tua resposta pela(s):



8. Qual o espaço que menos usas dentro da residência?

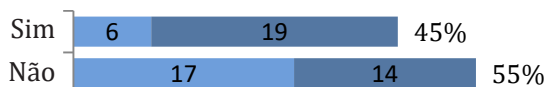


8.1. Justificas a tua resposta pela(s):



Outra. Localização: 8 respostas; Não uso: 4 respostas.

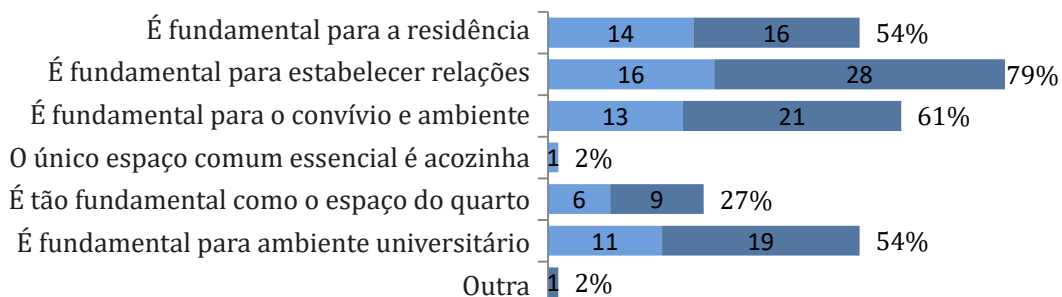
9. Sentes que necessitas de mais algum espaço?



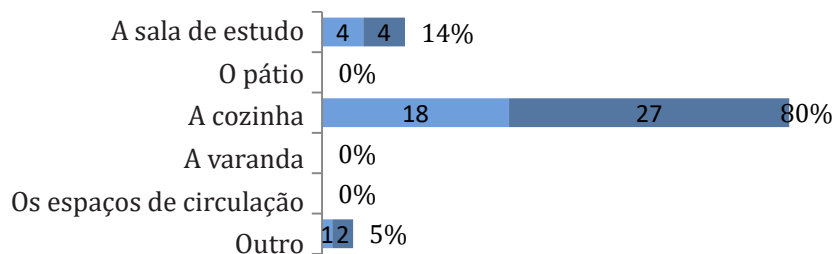
9.1. Se respondeste sim. Qual?

Sala de Convívio: 13 respostas; Sala de estudo: 6 respostas; Varanda: 5 respostas.

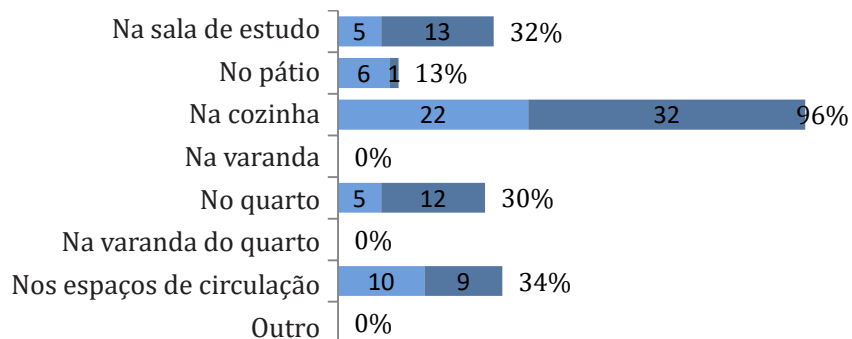
10. Qual é a importância que dás ao espaço comum?



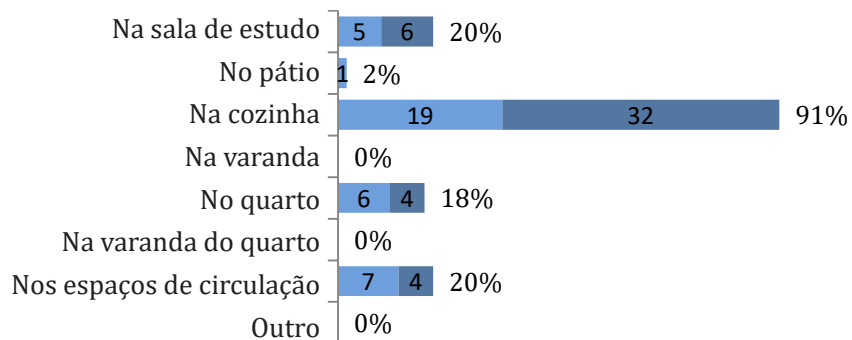
11. Qual o espaço comum que consideras mais importante?



12. Onde convives com os colegas da residência?



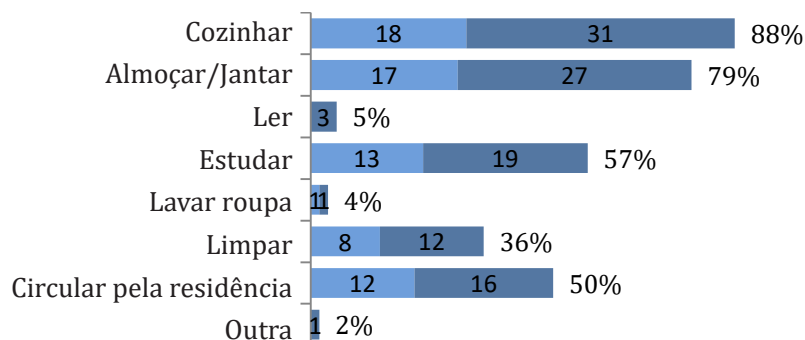
13. Onde começaste a estabelecer relações com os residentes?



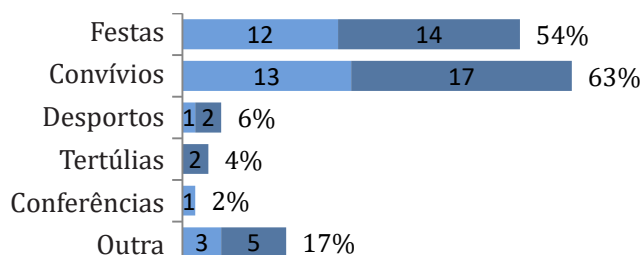
14. Que actividades te ajudaram a integrar na residência?



14.1. Quais foram as actividades do dia-a-dia?

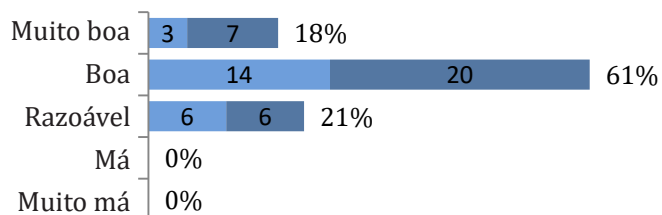


14.2. Quais foram as actividades organizadas?



Outra. Jantares: 5 respostas.

15. Como classificas a relação entre todos os residentes?



16. Consideras que viver na residência é enriquecedor?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

Desenvolve o espirito de comunidade, a entreaajuda e a responsabilidade.

Adquiri meios de autonomia e auto independência.

Porque conhecemos pessoas com diferentes culturas, onde aprendemos a conviver com essas diferenças.

Ajuda a aprender a viver sozinho e a conviver com pessoas novas.

Permite formar várias relações sociais e ter várias perspectivas de vida.

Conseguimos ter uma maior facilidade de integração social.

Temos a possibilidade de conviver com pessoas de todos os lados e de idades e cursos diferentes.

Convivemos com um maior número de pessoas, o que se torna bastante enriquecedor.

Estimula o sentido de independência com responsabilidade perante outros.

Multiculturalidade, diferentes alunos de diferentes partes do país e do mundo.

Porque conhecemos outras pessoas e aprendemos a ser independentes.

Porque possibilita a interacção com um grupo de pessoas grande, onde aprendemos a viver em comunidade.

É diferente do habitual. Aqui na residência não somos verdadeiramente uma família mas vivemos como uma.

Trata-se de um ambiente cosmopolita, para além de possibilitar a troca de informação entre residentes.

Permite-nos experienciar a convivência com outras pessoas, criar amizades e responsabilidades, assim como o respeito pelos espaços comuns.

Ao viver numa residência criamos novos amigos e tornamo-nos mais independentes.

Conhecem-se e vivem-se experiências que uma casa com 3 ou quatro pessoas não consegue vivenciar.

Aprendemos várias formas de cozinhar, por exemplo. Aprendemos muitas coisas de áreas diferentes, pois todos estão em cursos diferentes. Aprendemos a conviver com gente de vários países e a respeitar uns aos outros.

17. Consideras que viver na residência molda a tua identidade?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

Acho que molda um bocado, devido aos desafios que se tem de passar.

Tornou-me uma pessoa melhor.

Crescemos com pessoas.

De alguma forma acaba por moldar. Uma vez que ao viver em comunidade, temos de alterar alguns hábitos antigos que advêm da nossa própria personalidade.

Revê comportamentos e ajusta-os para a vivência em comunidade.

Existe uma adaptação às diferentes personalidades.

Sou mais compreensivo, mais aberto e isso facilita na convivência do dia-a-dia.

Aprendes a viver em sociedade de forma sã e organizada.

Torna-nos mais acessíveis à partilha, mais sociáveis e permite-nos aprender a confiar.

Sou mais compreensiva e aberta a outras realidades.

Ficamos com espírito de partilha maior.

Respostas “**Não**”:

Penso que já tinha as capacidades supracitadas bem desenvolvidas.

Continuo a ser a mesma pessoa.

Moldar a identidade não é muito fácil porém ajuda a melhorar em muitos aspectos os teus pensamentos e acções.

Alguns aspectos podem ser moldados mas penso que a identidade de cada um não se altera, até porque há pessoas com que continua a ser muito complicado viver.

18. Se tivesses oportunidade, o que mudavas?

Acho que mudava a decoração monocromática, os sofás, as cortinas dos chuveiros e podia abrir as janelas na sua totalidade.

Mudava a sala de estudo e a casa de banho preferia no quarto em vez da ala.

A sala de estudo. Está muito mal situada.

Criava uma sala de convívio e mudava a localização ou fazia mais salas de estudo.

O espaço efectivo individual e a apostava num ambiente mais acolhedor.

A sala de estudo. Penso que é realmente o aspecto que de mais reforma precisa, fazer de um sítio de passagem constante de pessoas uma sala de estudo, não é sensato e eficaz.

Acrescentava mais mobília nos espaços comuns.

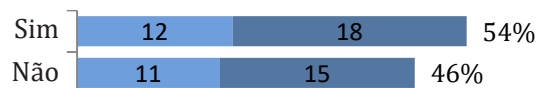
As salas de convívio, uma vez que em alguns pisos há falta de mobiliário e são desconfortáveis. Mudaria também a sala de estudo, uma vez que a localização não é mais favorável.

Penso que devia haver quartos individuais e a sala de estudo devia ser maior e estar noutra local, mais isolado e mais silencioso.

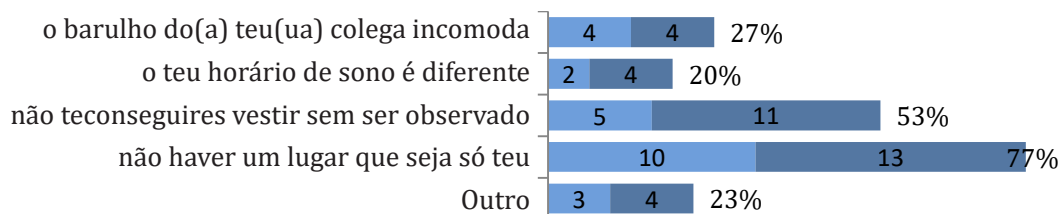
Aumentava o número de frigoríficos, de sanitas na casa de banho, separava a sala de estar da cozinha, construía uma varanda no quarto e construía uma porta para separar a sala de estudo da entrada da residência.

II. ESPAÇOS DO PARTICULAR

1. Tens problemas com “falta” de privacidade?

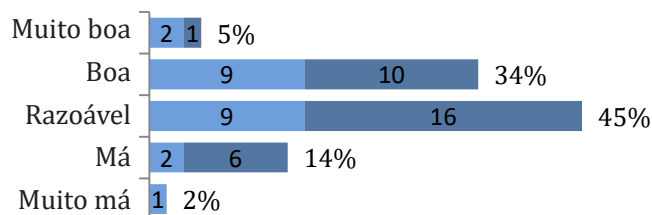


1.1. Se sim, os teus problemas derivam de:

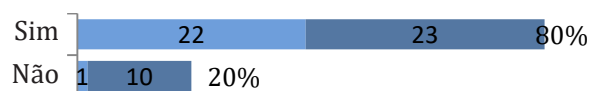


Outro. Casa de banho: 1 resposta.

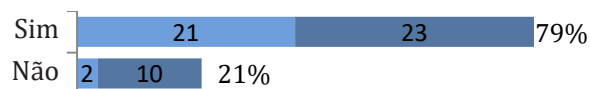
2. Como classificas a tua privacidade?



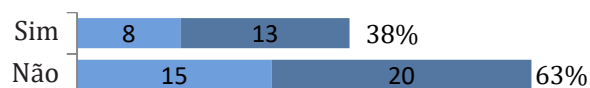
3. O teu quarto tem espaço suficiente para as tuas necessidades diárias?



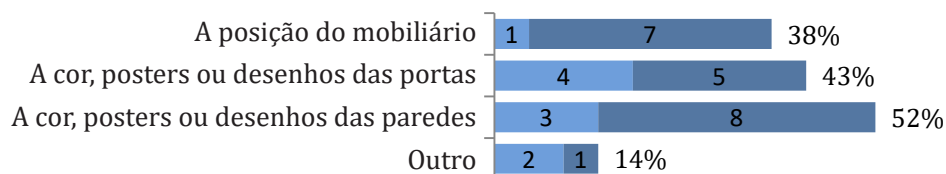
4. Tens oportunidade de adaptar o quarto as tuas necessidades?



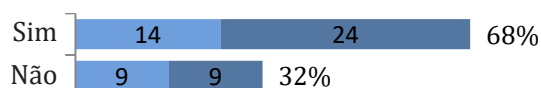
5. Já alteraste o teu quarto?



5.1. O que alteraste?



6. Sentes que estás num espaço teu?



Consegues justificar a tua resposta?

Respostas “**Sim**”:

Porque sinto-me confortável.

Faço as actividades pretendidas, sinto-me bem.

Porque tenho as minhas coisas e arranjei-o com quis.

Familiarizei-me com ele.

Porque possui todas as minhas coisas, organizadas à minha maneira.

Pela capacidade de personalizar o quarto à minha maneira, da forma de que eu gosto e de modo a sentir-me melhor e mais em “casa”.

Porque apesar de ser um quarto duplo, é quase como se estivesse em casa.

Sou eu, são as minhas coisas, é o meu espaço, apesar de ser partilhado.

É onde tenho as coisas que preciso no dia-a-dia e é apenas usado por mim.

Porque tornou-se familiar para mim e aconchegante.

Tem tudo o que é meu e a relação com a minha colega é ótima, o que faz com que nos sintamos em casa.

Porque adaptei-o à minha maneira, o que o diferencia dos outros e torna-o apenas meu.

É moderno, tem muito espaço para personalizar e tem espaço para guardar tudo o que preciso.

Encontra-se decorado e arrumado com as minhas coisas, do modo de que eu gosto.

Respostas “**Não**”:

Em nada se parece com um quarto familiar.

Apesar de já me ter habituado, viver numa residência, num quarto partilhado, impossibilita considerar que estou num espaço meu.

Há diversas coisas que estou impedida de fazer.

Talvez por falta de personalização e por gostar demasiado do meu “verdadeiro quarto”.

Nunca é um espaço meu.

Viver com outra pessoa no quarto faz com que tal não seja possível.

Porque sinto falta de espaço para arrumar as minhas coisas, sinto falta de um lugar só meu para poder estar à vontade sem ter que partilhar com ninguém porque não está decorado como gosto e porque é demasiado pequeno, o que me afecta psicologicamente.

Existe falta de espaço próprio, onde não me sinta observada.

Partilhar quarto é horrível.

É demasiado pequeno para alterar ou ter espaço para coisas de que gosto.

7. Tens varanda no teu quarto?



7.1., 7.2. e 7.3. Não aplicável

7.4. Sentes que o teu quarto seria mais confortável com varanda?



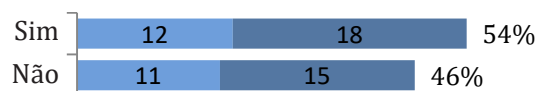
7.5. A janela do teu quarto é suficiente para ti?



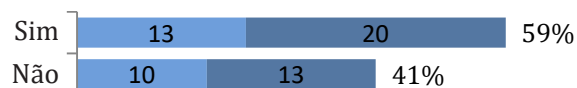
8. A casa de banho está directamente acessível a partir do espaço do quarto?



8.1. Partilhar a casa de banho causa problemas de privacidade?



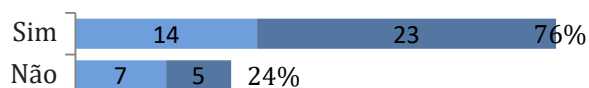
8.2. Torna-se desconfortável a casa de banho ser partilhada por várias pessoas?



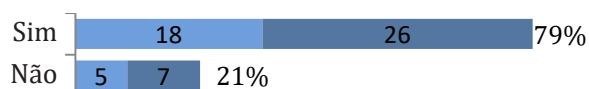
8.3. Consideras que a casa de banho tem aspecto de balneário (aspecto público)?



8.3.1. O aspecto de Balneário retira o conforto e o ambiente da habitação?



8.4. Preferias ter uma casa de banho acessível a partir do quarto?



9. O que mudavas no teu quarto?

Colocava prateleiras, candeeiros e mais armários.

Criava mais espaço, colocava cadeiras confortáveis e abria a janela.

Colocava uma varanda e a organização tornava-a mais familiar.

Aumentava o espaço e colocava grades na varanda que já existe mas não está acessível.

Disponibilizava mais espaço livre e mais arrumos.

Uma varanda e uma casa de banho privada.

Apenas a janela e a varanda.

Aumentava o seu tamanho, tornava-o mais amplo e com mais armários. A janela poderia abrir e ter varanda. No essencial, seria maior para ter mais conforto.

O quarto podia ser um espaço maior mas mesmo assim não posso reclamar porque até está muito bom e é confortável.

Colocaria uma parede entre as camas apenas para poder ter mais privacidade.

Construía uma varanda, aumentaria as dimensões e melhorava o isolamento de som.

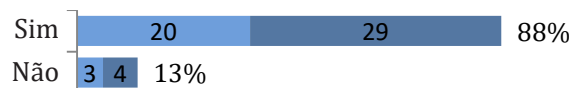
Permitia um pouco de mais espaço entre as camas e o armário e colocava secretárias maiores.

A localização, o tamanho e o modo de abertura da janela.

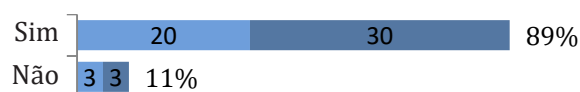
Acrescentava uma casa de banho acessível a partir do quarto e uma varanda.

III. O COLECTIVO & O PARTICULAR

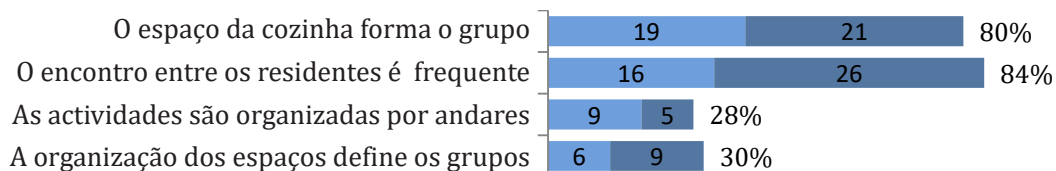
1. Consideras que em cada piso/ala a relação entre residentes é mais próxima?



2. Podes afirmar que cada piso/ala formam um grupo residencial?



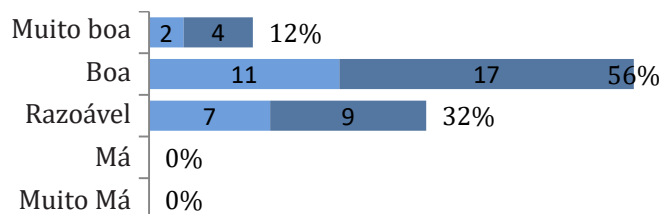
2.1. Justificas a tua resposta pela(s):



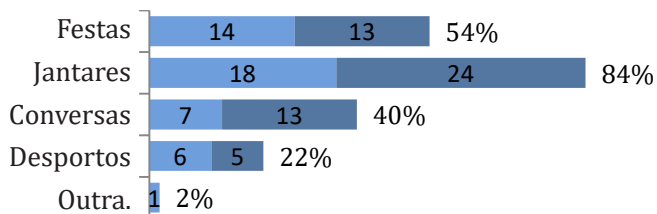
3. Existem vivências entre estes grupos?



3.1. Como classificas a relação entre os grupos?

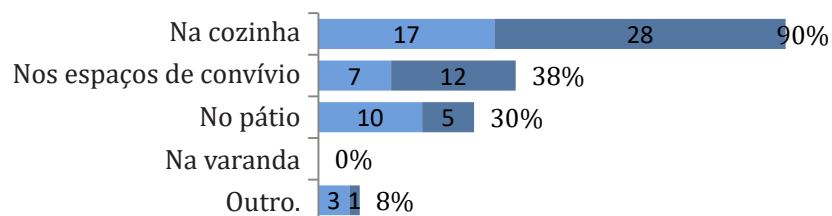


3.2. Que actividades organizam?



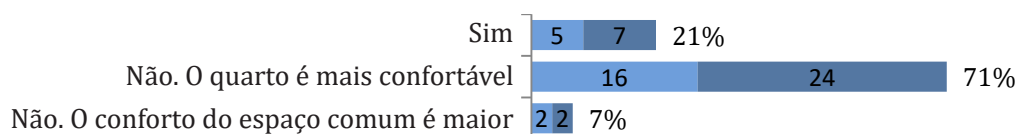
Outra. Reuniões: 1 resposta.

3.3. Em que espaços convivem em conjunto?

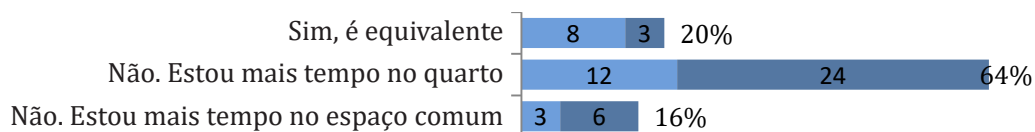


Outro. Sala de estudo: 2 respostas; Corredores: 1 resposta; Quarto: 1 resposta.

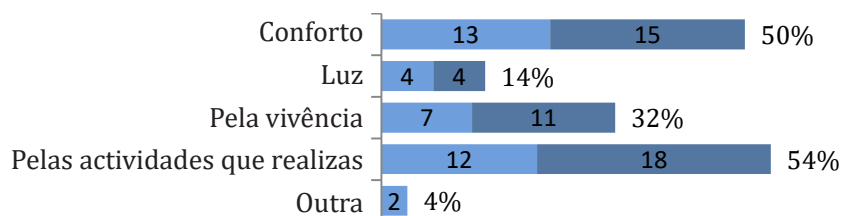
4. Consideras que o espaço comum têm um conforto equivalente ao teu quarto?



5. O tempo em que permaneces no espaços comum é equivalente ao que permaneces no quarto?



5.1. Justificas a tua resposta pela(s):



Outra. privacidade: 1 resposta; Estudos: 1 resposta.

